



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS LITERÁRIOS

DÉBORA DE CASTRO BORGES

**AS MIL E UMA TRANSMUTAÇÕES DE ROCAMBOLE: A PERSONAGEM MAIS
BRILHANTE DE PONSON DU TERRAIL**

BELÉM

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS LITERÁRIOS

DÉBORA DE CASTRO BORGES

AS MIL E UMA TRANSFIGURAÇÕES DE ROCAMBOLE: A PERSONAGEM MAIS
BRILHANTE DE PONSON DU TERRAIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Belém, para a obtenção do título de Mestre em Letras. Concentração em Estudos Literários.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Valéria Augusti

BELÉM

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Borges, Débora de Castro, 1985-

As mil e uma transfigurações de rocamboles: a
personagem mais brilhante de Ponson du Terrail / Débora
de Castro Borges. - 2016.

Orientadora: Valeria Augusti.

Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Letras e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Letras, Belém, 2016.

1. Ficção francesa - História e Crítica. 2.
Livros - Pará - História - Séc. XIX. 3. Pará -
Vida intelectual. I. Título.

CDD 22. ed. 869.9309

FOLHA DE APROVAÇÃO

DÉBORA DE CASTRO BORGES

**AS MIL E UMA TRANSFIGURAÇÕES DE ROCAMBOLE: A PERSONAGEM MAIS
BRILHANTE DE PONSON DU TERRAIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Belém, para a obtenção do título de Mestre em Letras. Concentração em Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valéria Augusti

Aprovado por:

Conceito:

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Katia Aily Franco de Camargo (Avaliadora)

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.^a Dr.^a Germana Maria Araujo Sales (Avaliadora suplente)

Instituição: Universidade Federal do Pará

Prof.^o Dr.^o Luis Heleno Montoril Del Castilo (Avaliador)

Instituição: Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dr.^a Valéria Augusti (Orientadora)

Instituição: Universidade Federal do Pará

Para Genário e Maris da Glória,

Meus pais.

Para Paulo Gabriel,

Meu filho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Valeria Augusti pela oportunidade, no ano de 2011, de participar do projeto Grêmio Literário Português do Pará e livraria Antonio Maria Pereira: investigação sobre a uma parceria (1868-1890), o qual serviu de base à elaboração desse trabalho. Agradeço, ainda, pelo apoio, paciência, ensinamentos e orientações.

Agradeço à minha família, especialmente aos meus pais Genário de Lima Borges, Maria da Glória de Castro Borges, aos meus irmãos Gerson de Castro Borges e Luzigreice de Castro Borges e ao meu filho Paulo Gabriel Borges Pantoja Filgueira.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, Marli Furtado, Antônio Máximo, José Guilherme Fernandes, Socorro Simões e Mayara Ribeiro, pelos conhecimentos adquiridos ao longo das disciplinas ministradas, especialmente, aos professores Luis Heleno e Germana Sales pelas importantes sugestões que me foram feitas no exame de qualificação.

Aos funcionários do Grêmio Literário Português do Pará, especialmente, à bibliotecária, dona Nazaré Góes, pelo atendimento nas diversas vezes em que precisei consultar as fontes.

Aos colegas de turma do mestrado que ingressaram comigo em 2014.

Obrigada a todos vocês!

Rocambole, o mais sensacional romance de aventura de todos os tempos, abrange as mais estranhas latitudes do globo terrestre: Índia, Austrália, Índochina, Sumatra, Rússia, Criméia, Bretanha, Irlanda, Escócia, México, Itália, Espanha, França, etc.

(Ponson du Terrail)

RESUMO

Ponson du Terrail foi considerado um dos principais romancistas populares franceses da segunda metade do século XIX. Tendo circulado amplamente em folhetins e no formato livro em seu país de origem, teve seus romances traduzidos para a língua portuguesa e, ainda naquele século, publicado por inúmeros editores portugueses. Parcela das edições portuguesas de seus romances foram enviadas à Belém do Pará e passaram a fazer parte do acervo do Grêmio Literário Português do Pará, gabinete de leitura fundado na capital da Província em 1867. Considerando que um dos principais sucessos de público do autor foi a série *Rocambole*, na qual são narradas as aventuras do personagem de mesmo nome em 12 romances, esta dissertação teve por objetivo descrever, do ponto de vista bibliográfico, as edições dessa série que constam no acervo dessa instituição até o presente momento. Para tanto, foram coletados os dados editoriais dos exemplares do gabinete de leitura paraense, os quais foram comparados com os exemplares de edições francesas disponíveis na *Bibliothèque Nationale de France*, de modo a verificar os diferentes arranjos editoriais da série, no que diz respeito à organização das partes que a compõe. Feito isto se empreendeu a síntese do enredo dos romances que compõe a série como um todo, bem como a análise da narrativa com foco nas transformações físicas e psicológicas da personagem, enfatizando a importância do disfarce e reconhecimentos para a economia do enredo.

PALAVRAS-CHAVE: *Rocambole*; Grêmio Literário Português do Pará; edições.

ABSTRACT

Ponson du Terrail was considered one of the leading French popular novelists the second half of the nineteenth century. Having circulated widely in serials and in book form his country of origin, he had his novels translated into Portuguese language and, that century, published by numerous Portuguese publishers. Part of Portuguese editions of his novels have been sent to Belém of Pará and became part of the Grêmio Literário Português of Para collection, reading room established in the capital of the province in 1867. Whereas one of the main author of blockbusters was Rocambole series, which are narrated the adventures of the eponymous character in 12 novels, this work aimed to describe the bibliographic point of view, the issues of this series contained in the collection of this institution to date. Therefore, we collected the editorial data of the copies of paraense reading room, which were compared with specimens of French editions available at the Bibliothèque Nationale de France, so check the different editorial arrangements of the series, with regard to the organization the parts that compose it. Done this was undertaken the synthesis of the plot of the novels that compose the series as a whole, as well as the analysis of the narrative focused on the physical and psychological transformations of character, emphasizing the importance of disguise and recognition for the plot economy.

KEYWORDS: Rocambole; Grêmio Literary Portuguese of Para; edition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Imagens de alguns romances da coleção Gallimard de Michael Honaker sobre a personagem Rocambole.

33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNF Bibliothèque Nationale de France.
GLPP Grêmio Literário Português do Pará.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: EDIÇÕES DA SÉRIE ROCAMBOLE EM DOIS ACERVOS: BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE E GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ	
1.1 Ponson du Terrail: uma breve apresentação	19
1.2 Edições do Rocambole na Gallica, acervo digitalizada da Bibliothèque Nationale de France	22
1.3 Edições da série Rocambole no Grêmio Literário Português do Pará	27
1.4 Modificações dos títulos da série Rocambole	36
CAPÍTULO 2: ROCAMBOLE ANTES E DEPOIS: TUAS AÇÕES DIZEM QUEM TU ÉS	
2.1. Síntese dos enredos da série Rocambole	39
2.2. O prefácio de todos os romances da série Rocambole	62
CAPÍTULO 3: DOS DISFARCES À METAMORFOSE	
3.1. O percurso dos disfarces e reconhecimentos na série Rocambole	68
3.2. A metamorfose de Rocambole	73
3.3. O signo Rocambole	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
APÊNDICES	98
APÊNDICE A - Tabela dos dados bibliográficos das edições da série Rocambole de Ponson du Terrail no acervo da Bibliothèque Nationale de France.	99
APÊNDICE B - Tabela referente à estrutura da série Rocambole em folhetim e edições de e nas edições de E. Dentu.	102
APÊNDICE C - Tabela dos dados bibliográficos das edições da série Rocambole de Ponson du Terrail do Grêmio Literário Português do Pará.	104

APÊNDICE D - Gráfico relativo aos tradutores e a porcentagem de participação de cada tradutor nas edições de Ponson du Terrail pertencentes ao acervo do Grêmio Literário Português do Pará.	108
APÊNDICE E - Gráfico relativo às tipografias e a porcentagem de participação de cada tipografia nas edições de Ponson du Terrail pertencentes ao acervo do Grêmio Literário Português do Pará.	109
APÊNDICE F - Gráfico relativo aos editores e a porcentagem de participação de cada editor nas edições de Ponson du Terrail no Grêmio Literário Português do Pará	110
APÊNDICE G - Gráfico relativo aos títulos dos romances e à porcentagem de participação de cada título nas edições de Ponson du Terrail pertencentes ao acervo do Grêmio Literário Português do Pará.	111
APÊNDICE H - Gráfico relativo à cidade onde os romances foram publicados e à porcentagem de participação de cada cidade nas edições de Ponson du Terrail pertencentes ao acervo do Grêmio Literário Português do Pará.	112
APÊNDICE I Gráfico relativo às datas de publicação das edições de Ponson du Terrail pertencentes ao Grêmio Literário Português do Pará.	113

INTRODUÇÃO

No século XIX, o romance foi considerado um dos gêneros preferidos do público leitor em geral. Não por acaso, ganhou a atenção de editores, tipógrafos e livreiros, que viam nele uma importante fonte de recursos desde pelo menos o século XVIII. Contudo, o romance também foi visto por algumas pessoas como um gênero “suspeito”, pois se acreditava que, pelo fato de seus enredos, por vezes, apresentarem temas como traições, assassinatos e roubos, poderia corromper os bons costumes dos seus leitores¹.

Já na segunda metade do século XIX, os conceitos sobre o gênero romance mudaram e, segundo Márcia Abreu, ele “(...) transformou-se em matéria de reflexão de críticos, que se consideravam sérios, objeto de produção de autores, que se tinham por eruditos, e tema de estudo, constituindo-se em leitura obrigatória nos currículos escolares”².

No Brasil, a circulação do gênero, presente no país desde o período colonial, se intensificou no século XIX. As bibliotecas e os gabinetes de leitura que se instalaram no Brasil Imperial contribuíram de forma significativa para a difusão do gênero, sobretudo entre os leitores que não possuíam recursos para comprar livros³.

Segundo Schapochnik⁴, os gabinetes de leitura facilitaram o acesso a livros, que ainda eram, para grande parcela do leitorado, itens de elevado custo. Esses espaços surgiram na Europa entre os séculos XVII e XVIII, contudo seu período áureo foi no século XIX. A princípio, eles eram extensões de livrarias, isto é, locais destinados à venda de livros onde se acrescia a prática de seu aluguel, por volume, mediante o pagamento de um valor mensal. Na Inglaterra, essa instituição foi denominada *reading room*, nos Estados Unidos, *free circulating library*, na França, *cabinet de lecture*, em Portugal e no Brasil, *gabinete de leitura*⁵.

Ainda no século XIX, outro tipo de gabinete de leitura surgiu e se espalhou por todo o mundo. Eram instituições de caráter associativo, cujos sócios pagavam jóias e anuidades para ler no local ou levar para suas residências os livros que desejassem. No Brasil, essas

¹ ABREU, Márcia. *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p.11.

² *Ibidem*, p. 12

³ PAES, Alessandra. *Das imagens de si ao mundo das edições: Paul de Kock, romancista popular*. 2013. 210 f. dissertação (mestrado em Literatura) Instituto de Letras. Universidade Federal do Pará. Belém. 2013.

⁴ SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte Imperial*. Tese de doutorado. São Paulo: Departamento de História da FFLCH, Universidade de São Paulo, 1999.

⁵ *Ibidem*, p. 14.

instituições foram criadas por comerciantes estrangeiros que chegaram ao país. Foi a capital do Império que viu surgir os primeiros gabinetes de caráter associativo em terras brasileiras, tais como: a *Gessellschaft Germânia* (1821); a *British Subscription Library* (1826); o *Gabinete Português de Leitura* (1837); e a *Biblioteca Fluminense* (1847)⁶. A criação de instituições desse tipo também se deu em outras províncias, como, por exemplo, na Bahia.

Para os escritores, o surgimento dos gabinetes literários foi de grande valia, pois nesses espaços suas obras puderam ser divulgadas não apenas para os leitores que podiam comprar livros, mas também entre a população que dispunha de baixo poder aquisitivo. Assim, os gabinetes de leitura favoreciam a todos: aos leitores, inclusive àqueles que não possuíam muitos recursos; aos editores, que viram nesse comércio uma fonte de lucro; e aos escritores, que puderam atingir um público leitor mais vasto⁷.

Na província do Pará, o primeiro gabinete de leitura foi fundado em 1867 e denominou-se Grêmio Literário Português do Pará (GLPP). Sua biblioteca, de caráter associativo, foi criada com o objetivo de agregar os portugueses que imigravam para o Brasil após a independência. A maior parte desses emigrantes era de origem humilde e trazia esposa e filhos ao país apenas depois de terem se fixado no novo continente. Foi pensando nessa comunidade de imigrantes lusos, nos costumes e na saudade da pátria por eles compartilhados, bem como na necessidade de instrução, que foi fundado o GLPP, como assinala Eugênio Leitão de Brito:

No intuito de se congregarem para matarem saudades da pátria e do lar, ou de precaverem tendo onde se recolher em caso de doença, e ainda com a vontade de se elevarem pelo estudo, resolveram fundar as associações recreativas, de beneficência e os gabinetes de leitura⁸.

O GLPP teve sua primeira sede social na Rua Belém, nº 1, 1º andar, em imóvel de propriedade do Sr. A. José Antunes Sobrinho, pelo qual se pagava um aluguel mensal no valor de 40\$000. A associação ficou pouco tempo nesse endereço, pois em abril de 1870 sua sede passou para o Largo da Independência, hoje conhecido como D. Pedro II, ou melhor, Largo do Palácio⁹.

Assim que foi fundada, a diretoria do Grêmio tratou de fazer o necessário para

⁶ Ibidem, p. 31.

⁷ Idem, p. 14.

⁸ BRITO, Eugênio Leitão de. *História do Grêmio Literário e recreativo português*. Belém: Editora Santo Antonio, 1994.

⁹ Idem.

alcançar o objetivo principal da associação: a criação de uma biblioteca. Por essa razão, o 2º secretário, Sr. Antônio José da Silva Leite, ficou encarregado de adquirir os livros necessários para o cumprimento de tal meta. Nesse intuito, em 1868 foram adquiridos 103 volumes para compor o acervo e, com o passar do tempo, muitos outros se juntaram a estes, graças a compras feitas junto a livrarias de Lisboa, e, assim, em 1920 a biblioteca já contava com 8.200 obras em suas prateleiras¹⁰.

Ainda hoje essa biblioteca possui uma quantidade significativa de romances, muitos deles de autores franceses, tais como: Balzac, Júlio Verne, Alexandre Dumas, Paul de Kock, Eugène Sue, Vitor Hugo, Chateaubriand e Frédéric Soulié. Alguns desses autores, considerados menores pelas instituições responsáveis por estabelecer o cânone literário, foram, contudo, muito apreciados pelo público leitor de sua época. Dentre esses encontramos Pierre Alexis Ponson du Terrail, que apresenta uma quantidade expressiva de romances no acervo do GLPP, num total de 22 títulos, quais sejam: *O pajem de Luiz XIV* (1860); *Os cavaleiros da noite* (1870); *Os herdeiros falsos* (1870); *O grilo do moinho* (1871); *O segredo d'um médico* (1871); *O capitão dos penitentes negros* (1871); *Memórias d'uma viúva* (1872); *A justiça dos Bohemios* (1873); *A peste negra* (1873); *O baile das victimas* (1875); *Os mysterios dos bosques* (1875); *O capitão Coquelicot* (1884); *Cadet Fripouille* (s.d); *Dragonne e Mignonne* (s.d); *O armeiro de Milão* (s.d); *O triunfo do amor* (s.d); *O ferreiro da corte de Deus* (s.d); *O pacto de sangue* (s.d); *Ao amores de Aurora* (s.d); *Os mysterios do grande mundo* (s.d); e, por fim, *Os dramas de Paris* (1870-1876), que constitui a série de romances que o tornou um célebre escritor de romances-folhetim.

O desejo de trabalhar com o romancista Ponson du Terrail não foi aleatório, manifestou-se em 2011, durante minha participação no projeto de pesquisa denominado “Grêmio Literário Português do Pará e livraria Antonio Maria Pereira: investigação sobre uma parceria (1868-1890)”. Entre os anos de 2011 e 2012 desenvolvi, como bolsista PIBIC, o plano de trabalho intitulado: “Prefácios de romances franceses do acervo do Grêmio Literário Português do Pará”. No decorrer da pesquisa tive conhecimento da existência de dezenas de romancistas que até então me eram desconhecidos. Porém Ponson du Terrail foi o que mais me chamou atenção, por vários motivos.

Ao investigar quem era o romancista, verifiquei que ele possuía o título de visconde, que mais tarde constatei ser uma designação que outorgou a si mesmo. Depois descobri que o adjetivo “rocambolésco”, sinônimo de história cheia de peripécias, improvisos e

¹⁰ Idem.

inverossimilhanças, surgiu em virtude de seu romance denominado *Rocambole*. Ademais, esse romancista foi considerado por muitos estudiosos do romance popular, como Meyer, Daniel Compère, Yves Oliver-Martin e outros, como um dos nomes mais importantes do romance-folhetim na segunda metade do século XIX. Assim surgiram algumas questões a respeito desse escritor e de sua série *Rocambole* que foram propostas para esta dissertação, tais como: quem foi Ponson du Terrail? Quais os motivos que o levaram a ser um romancista muito conhecido não apenas na França, mas em vários países? Como a série *Rocambole* é constituída? Quem foi *Rocambole*? O que levou esse romance a produzir uma “febre de leitura” no Oitocentos?

Tendo em vista essas questões, este trabalho se propõe a investigar as edições dos romances da série *Rocambole* que ainda hoje fazem parte do acervo do GLPP, um dos principais acervos de Belém no que diz respeito à prosa de ficção publicada no oitocentos, bem como das edições de romances do autor publicadas no século XIX. Para realizar essa pesquisa recorreu-se às edições do acervo da instituição e da série *Rocambole* digitalizada pela Bibliothèque Nationale de France (BNF), com o intuito de realizar um estudo comparativo em termos de edição, como se explicará melhor a seguir.

A partir da análise das fontes referidas, esta dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro, denominado “Edições da série *Rocambole* em dois acervos: Bibliothèque Nationale de France e Grêmio Literário Português do Pará”, buscou-se realizar uma breve síntese biográfica do autor de *Rocambole*, Ponson du Terrail; verificar diferentes formas de publicação da série em Portugal e na França; como também analisar as modificações que os títulos dos romances sofreram quando traduzidos da língua materna para a portuguesa. Para tanto, foi realizado um estudo comparativo dos exemplares franceses e portugueses, por meio dos quais se pretendeu verificar que modificações editoriais a série sofreu no processo de tradução para a língua portuguesa. Tais modificações são abordadas no capítulo por se acreditar serem importantes para a compreensão de quais foram os exemplares da série *Rocambole* a que o público do gabinete de leitura do GLPP teve acesso.

O segundo capítulo é intitulado “*Rocambole* antes e depois: suas ações dizem quem tu és.” Nesse capítulo foi realizada uma síntese dos enredos de cada um dos romances que compõem a série, com o intuito de examinar as modificações de caráter moral sofridas pelo protagonista. Dessa forma, o capítulo visou estabelecer uma divisão da série, tendo em vista as transformações do protagonista. Concluiu-se que a série poderia ser dividida em dois

blocos: no primeiro tem-se um Rocambole anti-herói¹¹ e no segundo um Rocambole herói. Essas análises foram feitas com base na análise do comportamento da personagem em cada romance da série.

No terceiro capítulo, intitulado “Dos disfarces à metamorfose”, procurou-se realizar uma análise dos disfarces de que a personagem se vale no enredo e a função que cada um deles têm na economia da narrativa. Feito isso, o próximo passo foi entender quais as metamorfoses da protagonista no percurso da diegese, o que se procurou realizar a partir da leitura de todos os 12 romances que a constituem, pois se acredita que esse estudo seria pertinente para o entendimento de quem foi essa personagem que, no século XIX, arrebatou milhares de leitores e do que havia de interessante nesse personagem, cujo autor teve de ressuscitar após tê-lo matado.

¹¹ A personagem Rocambole sofre uma conversão moral do decorrer da narrativa, isto é, ele não permanece o mesmo do início ao fim da série. Por essa razão foi necessário classificar a personagem de duas maneiras diferentes. Nos primeiros romances da narrativa a personagem foi considerada um anti-herói, que segundo Gancho “É o protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto”. (GANCHO, 2002, p.08) Rocambole é o protagonista da narrativa, isto é, ele está na posição de um herói, contudo ele não possui uma vocação heróica, pois suas ações são egoístas e vingativas. No segundo momento da série, Rocambole deixa de ser egoísta e se torna altruísta, sendo assim ele deixa de ser conceituado como um anti-herói e passa a ser considerado um herói, ou seja, é aquele protagonista com características superiores e cheio de virtude.

CAPÍTULO 1: EDIÇÕES DA SÉRIE ROCAMBOLE EM DOIS ACERVOS: BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE E GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ

1.1 Ponson du Terrail: uma breve apresentação.

Pierre Alexis Ponson du Terrail nasceu em 8 de julho de 1828, na cidade francesa de Montmaur, e morreu no dia 10 de janeiro de 1871, na cidade de Bordeaux. Foi um popular escritor francês, mestre do romance em série, uma vez que teve suas obras amplamente difundidas em sua época e apreciadas pelo público leitor do Oitocentos, não apenas na França como também em Portugal e no Brasil. A obra que o tornou um célebre romancista foi justamente a série Rocambole.

Muitos estudiosos do romance popular confirmam a popularidade de Ponson du Terrail no século XIX. Yves Oliver-Martin, em seu estudo *A história do romance popular na França*, faz referência a vários romancistas, porém, para ele, Ponson du Terrail foi um dos mais reconhecidos folhetinistas do século XIX, pois “tinha a receita certa para apaixonar seus leitores”¹². Para o crítico literário, Ponson du Terrail foi um fenômeno da literatura popular no regime de Napoleão III, mobilizando milhões de leitores fieis à série Rocambole.

Segundo Daniel Compère, Ponson du Terrail e sua série Rocambole marcam uma etapa importante para a história do romance popular. O crítico afirma também que Rocambole foi o primeiro grande personagem em série que evoluiu em suas aventuras de maneira impressionante¹³. Compère ratifica essa informação em seu *Dictionnaire du roman populaire francophone* quando informa que o periódico *Le Petit Journal* vendeu mais de 283 mil exemplares em um único dia quando se deu início à publicação do romance *A ressurreição de Rocambole*¹⁴.

Muitos outros estudiosos fazem referência à popularidade de Ponson du Terrail e a sua série de sucesso, como, por exemplo, um dos editores do romance *A última palavra de Rocambole*. No paratexto dessa edição, publicada em 1946, ele afirma: “Ponson du Terrail, escritor do século XIX, escreveu inúmeros romances, mas dentre todos, foi Rocambole o que

¹² MARTIM, Yves-Olivier. *Histoire du roman populaire en France de 1840 à 1980*. Paris: Albin Michel, 1980, p. 101.

¹³ COMPÈRE, Daniel. *Les romans populaires*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2011.

¹⁴ COMPÈRE, Daniel. *Dictionnaire du roman populaire francophone*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2007, p. 341.

mais fama lhe deu”¹⁵. Máira de Sousa Nunes também acredita que a popularidade de du Terrail adveio de Rocambole: “Seu sucesso consolidou-se com a publicação das aventuras de Rocambole, cuja saga só terminou com a morte do autor, em 1871”¹⁶.

Muitos escritores parecem ter inspirado Ponson du Terrail, como, por exemplo, Eugène Sue, cujo romance *Os mistérios de Paris* foi modelo, segundo Danielle Crepaldi Carvalho¹⁷, para vários romancistas, que deram títulos semelhantes ao sucesso de Sue para seus próprios romances, como é o caso de *Os mistérios de Londres* (1844) de Paul Féval, *Os mistérios de Lisboa* (1854) de Camilo Castelo Branco e *Os mistérios de Marselha* (1867) de Émile Zola. Eugène Sue parece ter servido de inspiração a Ponson du Terrail porque escrevia obras mostrando a condição subumana da população menos favorecida da capital francesa. Seus romances mostravam um mundo terrível que, provavelmente, os assinantes do jornal conheciam. Meyer assinala a influência de Eugène Sue sobre a série Rocambole:

Trecho revelador do inegável talento de Ponson que, em pleno conhecimento de causa, “cita” Eugène Sue (no sentido atual de citação no cinema e na música), ao se apropriar de um dos seus mais famosos e sombrios episódios, o dos terríveis piratas de água doce operando numa ilha do Sena, perto de Asnières, *Les ravageurs* transposto para *Os devastadores* em Rocambole. Ponson recompõe muito bem a atmosfera sombria, o clima de mistério — é daqueles trechos que permitem evocar Maldoror —, com alusões sutis ao texto matriarcal, o que permite ao admirador de *Os mistérios de Paris*, independente do argumento, se deixar levar pelas evocações ao livro mestre¹⁸.

Segundo Marlyse Meyer, Ponson du Terrail passou mais de vinte anos escrevendo romances seriados para a imprensa parisiense, isto é, para jornais como *National Opinion*, *La Patrie*, *Le Moniteur*, *Le Petit Journal*, entre outros. Este último tinha como público as novas camadas sociais que aderiram ao romance folhetim, como por exemplo, porteiros, operários, entre outros, como bem assinala Meyer: “(...) O *Le Petit Journal* inaugurou uma nova forma de venda avulsa. Seu baixo preço era de um *sou* (um tostão) e seu formato era

¹⁵ Prefácio editorial. TERRAIL, Ponson du. *A última palavra de Rocambole*. São Paulo: Companhia Brasil editora, 1946, p. 01.

¹⁶ NUNES, Máira de Souza. *O Gênio do Bem e do Mal: Rocambole e as representações da sociedade francesa no II Império*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

¹⁷ CARVALHO, Daniella Crepaldi. *Os mistérios da cidade moderna: a propósito de Os Mistérios de Nova York (1914) e seus congêneres brasileiros*. 2015 | v. 42 | n° 43 | significação. Cf: Revistas. Usp. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/97034/artigo%2004>. Acesso em: 04 de set. 2015

¹⁸ MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 169.

menor em relação aos outros jornais, o que o tornava mais acessível para todas as camadas sociais”¹⁹.

Tendo começado a escrever aos 18 anos, Ponson du Terrail já havia se tornado, aos 24 anos, um escritor disputado por vários jornais. Seu sucesso era tanto que os diretores de periódicos o perseguiram até nos cafés, onde ele gostava de passar suas tardes. Ele tentava agradar a todos e, com isso, ganhar dinheiro, pois sobrevivia de suas obras, razão pela qual escrevia incansavelmente:

Escrevia cada dia, simultaneamente, em cima de quatro ou cinco mesas diferentes o folhetim de quatro ou cinco jornais diferentes: Uma mesa para *Le Petit Journal* (capítulo X de *La boutiquière de Tivoli*); uma mesa para *La Petite Presse* (capítulo X de *La dame aux gants noirs*); uma mesa para *L’Opinion Nationale*, outra para *Le Moniteur*, outra para *La Patrie*.²⁰

A proficuidade com que escrevia dá uma dimensão de sua popularidade entre o público leitor, bem como da importância do romance como fonte de renda para os escritores que, como Ponson, faziam da escrita um meio de ganhar a vida na segunda metade do século XIX. Segundo Máira de Souza Nunes²¹, antes que os jornais fossem distribuídos nas ruas, alguns leitores se dirigiam até o escritório de redação do jornal para saber o que iria acontecer no próximo episódio, pois não aguentavam esperar até o dia seguinte. Nas ruas, o caos se instalava na distribuição e venda dos jornais.

Uma das principais características do processo de criação literária de Ponson du Terrail apontada pela crítica era permitir que a opinião dos leitores, que enviavam cartas aos editores dos jornais expondo suas opiniões críticas sobre o enredo, interferissem no andamento dos romances:

A pressão de editores e leitores sobre o destino dos personagens e a continuação dos romances influenciaram a continuação das aventuras rocambolescas. Conta-se que quando o personagem “desapareceu” para encerrar a série, houve uma ameaça de cancelamento em massa das assinaturas do jornal. Ponson propôs-se a criar outro personagem e dar início a uma nova série, mas o editor o convenceu de que os leitores pediam por Rocambole, o que resultou na continuação “A Ressurreição de Rocambole”²².

¹⁹ Ibidem, p. 97.

²⁰ Ibidem, p. 107.

²¹ NUNES, Máira de Souza. *O Gênio do Bem e do Mal: Rocambole e as representações da sociedade francesa no II Império*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011, p. 02.

²² Ibidem, p. 01.

Em suma, a morte de uma personagem não significava que tudo estava definitivamente acabado, pois, dependendo do que os leitores desejassem, essa personagem poderia ser ressuscitada, como referido na citação acima. O próprio Rocambole morre, mas não por muito tempo, pois Ponson du Terrail, a pedido dos editores e do público, escreve *La Ressurrection de Rocambole* e o publica no *Le Petit Journal* entre os anos de 1866 e 1867. Dessa forma, conclui-se que Ponson du Terrail se mantinha muito próximo das demandas de seu público leitor, como ilustra o episódio da ressurreição da personagem. É importante ressaltar que, embora tenha começado sua carreira de romancista no ano de 1852, com o romance *La Baronne trépassée*, foi a série Rocambole, que começou a ser escrita em 1857, a responsável por torná-lo muito popular.

Contudo, a carreira do escritor seria interrompida em 1870, quando os alemães invadiram a França e Napoleão II se rendeu a eles. Nesse período de guerra, Ponson du Terrail fugiu de Paris para uma propriedade rural perto de Orléans, onde reuniu um grupo e juntos iniciaram uma guerrilha. No meio do conflito, foi forçado a fugir de Orléans e ir para Bordeaux, pois a casa onde estava foi queimada pelos alemães. Ao chegar a Bordeaux, no ano de 1871, o visconde foi acometido de uma grave doença que lhe causou a morte, deixando a série Rocambole incompleta.

1.2 Edições do Rocambole na Gallica, acervo digitalizado da Bibliothèque Nationale de France.

A série Rocambole foi publicada primeiramente em folhetins e posteriormente em formato livro. A princípio, pretendia-se neste trabalho determinar as datas das primeiras edições francesas em formato livro, de modo a saber quanto tempo elas se distanciavam das edições do acervo do GLPP, publicadas em Portugal. Para tanto, foram investigadas as edições em formato livro que se encontram no acervo digitalizado da BNF. Contudo não conseguimos ter certeza se as edições francesas que encontramos nesse acervo são, de fato, as das primeiras edições da série em formato livro naquele país. Tudo faz crer que sim, ainda que não tenhamos conseguido prová-lo na presente dissertação.

O primeiro romance da série Rocambole é *L'heritage mystérieux*. Esse romance foi publicado no periódico *Journal La Patrie*, em 58 episódios, entre 21 de janeiro e 4 de outubro de 1857. *Le club des valets de coeur*, segundo romance da série, foi publicado no mesmo periódico, em 105 episódios, entre 30 de janeiro e 5 junho de 1858.

O editor E. Dentu publicou em formato livro, em 1866, o romance *Os dramas de Paris*, em três partes: *L'heritage mystérieux*, *Le club des valets de coeur* e *Turquoise la pécheresse*. Percebe-se que E. Dentu reuniu, sob o título *Os dramas de Paris*, os dois romances que haviam sido publicados separadamente e acrescentou mais um, a *Turquoise la pécheresse*, que em folhetins era parte integrante do romance *Le club des valets de coeur*.

No acervo digitalizado da BNF não consta o romance *L'heritage mystérieux*, contudo há uma edição do *Le club des valets de coeur*, publicada em Paris, no ano de 1864, por Michel Lèvy Frères e impressa em Lagny.²³

O próximo romance da série, *Les exploits de Rocambole*, foi publicado no mesmo periódico, *Journal La Patrie*, em 109 episódios, entre 29 de outubro de 1858 e 10 de abril de 1859. Teve como epílogo *La Revanche de Baccarat*, romance dividido em 36 episódios, publicado entre 25 de maio e 20 de julho de 1859.

E. Dentu publicou, em 1866, *Les exploits de Rocambole*. O romance vem à luz também em três partes: *Une fille d'Espagne*, *La mort du sauvage* e *La revanche de Baccarat*.²⁴ A BNF possui duas edições de *Les exploits de Rocambole*. A primeira foi publicada em Paris, no ano de 1859, pelo editor Librairie de Potter. A segunda edição foi publicada também em Paris, no ano de 1867, por E. Dentu, em três partes, que são: *Une fille d'Espagne*, *La mort du sauvage* e *La revanche de Baccarat*. Dessa forma, o romance que consta na BNF não é a primeira edição de E. Dentu, pois ele já havia publicado outra em 1866.

O romance *Les chevaliers de Clair de Lune* foi publicado pelo *Journal La Patrie*, em 58 episódios, entre 17 de abril e 7 de outubro de 1860, dividido em duas partes: *Le manuscrit de Domino* e *La Dernière Incarnation de Rocambole*,

Le Testament de Grain-de-Sel, romance que dá prosseguimento à série, foi publicado também no periódico *La Patrie*, em 74 episódios, entre os dias 12 de fevereiro e 21 de junho de 1862. O romance *Le Château de Belle-Ombre* é publicado como epílogo dessa obra.

Tanto o romance *Les chevaliers de Clair de Lune*, como o *Le Testament de Grain-de-Sel* não foram publicados por E. Dentu e não constam exemplares desses romances no acervo da BNF.

²³Dados referentes às edições do acervo da BNF constam no APÊNDICE A.

²⁴Os dados bibliográficos das edições de E. Dentu que não constam na BNF e que foram utilizados nessa pesquisa encontram-se no APÊNDICE B. Sobre os dados bibliográficos das edições de E. Dentu. cf: ebooksgratuits. Disponível em: http://www.ebooksgratuits.com/html/rocambole_bibliographie.html. Acesso em: 29 de fev. 2016.

E. Dentu não publicou esses romances porque provavelmente são episódios que não seguem o enredo da série, isto é, são romances que não precisam ser lidos para se entender o desenrolar da trama principal, que tem continuidade com a *La Résurrection de Rocambole*. Esse assunto será tratado mais detalhadamente em outro capítulo.

La Résurrection de Rocambole foi publicado pelo *Le Petit Journal*, em 223 episódios, entre 31 de outubro de 1864 e 10 de junho de 1865. Os romances *Le bague de Toulon*, *Les Orphelines*, *Medeleine* e *Rédemption* constituem o prólogo dessa obra. O romance *La vengeance de Wasilika* é, por sua vez, o epílogo de *La Réssurrection de Rocambole*.

E. Dentu, no ano de 1866, publicou *La Réssurrection de Rocambole* em cinco partes: *Le bague de Toulon*; *Saint-Lazare*; *L'Auberge maudite*; *La Maison de fous*; e *Le Souterrain*. Nota-se que E. Dentu mudou os títulos das partes do romance *La Résurrection de Rocambole* ao publicá-lo em formato livro, contudo manteve, de forma semelhante ao folhetim, a divisão em cinco partes.

A BNF possui apenas três partes do romance *La Réssurrection de Rocambole*, quais sejam: *Le bague de Toulon*, *Saint-Lazare* e *L'Alberge maudite*. Todas foram publicadas na cidade de Paris, no ano de 1867, por E. Dentu, mas o local de impressão não consta nos dados bibliográficos de nenhuma das partes do romance.

Le dernier mot de Rocambole, por sua vez, foi publicado no *La Petite Presse*, em 350 episódios, entre 21 de outubro de 1866 e 8 de outubro de 1867, composto de *Les Ravageurs* e *Les Millions de la Bohémienne*, tendo como prólogo: *Le club des crevés*, *La belle jardinière* e *Le retour de Rocambole*. Apresentava, ainda, como epílogo *Le Bûcher de la veuve* e *La Vérité sur Rocambole*.

E. Dentu publicou *Le dernier mot de Rocambole*, entre 1866 e 1867, em cinco partes: *Les Ravageurs*; *Les Étrangleurs*; *Les Millions de la Bohémienne*; *La belle jardinière*; e *Un drame dans l'Inde*. No ano de 1867, publicou o romance *La Vérité sur Rocambole*. Os títulos dos episódios em folhetim se assemelham aos títulos das edições de E. Dentu, exceto pelo fato de, em folhetim, existir um romance com o título *Le club des crevés*, o qual não existe na edição de E. Dentu e, de forma inversa, haver um romance com o título *Un drame dans l'Inde* na edição de Dentu, o qual não existe nos episódios em folhetim.

Na BNF constam 2 edições diferentes de *Le dernier mot de Rocambole*. A primeira foi publicada em Paris, no ano de 1867, por E. Dentu. A segunda também foi publicada em Paris, porém no ano de 1900 por Pierre-Jules Hetzel. As três edições não fazem referência ao local de impressão.

Les misères de Londres foi publicado no *La Petite Presse*, em 237 episódios, entre 9 de novembro de 1867 e 2 de julho 1868, sendo composto pelos seguintes títulos: *La Nourrisseuse d'enfants*; *L'Enfants*; *L'Enfant perdu*; *Le Moulin sans eau*; *Newgate: Le Cimetière des suppliciés*; *Un drame dans le Southwark*; e *L'Enfer de Miss Burton*.

E. Dentu publicou uma edição de *Les misères de Londres*, no ano de 1868, em quatro partes. A primeira parte era composta por *La Nourrisseuse d'enfants* e *L'Enfant perdu*, a segunda parte, por *Le Moulin sans eau*, *La cage aux oiseaux* e *Newgate: Le Cimetière des suppliciés*. Quanto a *Les tribulations de Shoking*, sua primeira parte é *Un drame dans le Southwark* e a segunda *Les tribulations de Shoking*.²⁵ O acervo digitalizado da BNF não possui nenhuma edição do romance *Les misères de Londres*.

Les Démolitions de Paris, próximo romance da série, foi publicado no *La Petite Presse*, em 122 episódios, entre 21 de fevereiro e 12 de junho de 1869, sendo composto por *Les Amours du limousin* e *La Captivité du maître*.

E. Dentu publicou *Les Démolitions de Paris* no mesmo ano, em 1869, mas com um título diferente, denominado *Rocambole en prison*, em dois volumes: *Les Amours du limousin* e *Les Souterrains de Newgate*. E. Dentu também modificou o título da última parte do romance, pois trocou o título de *La Captivité du maître* por *Les Souterrains de Newgate*.

La Corde du pendu, romance que dá prosseguimento à série, também foi publicado no *La Petite Presse*, em 112 episódios, entre 29 de março e 18 de julho de 1870. O romance, publicado em folhetim, foi dividido em duas partes: *Le fou de Bedlan* e *L'Homme en gris*.

E. Dentu publicou em 1870 o romance *La Corde du pendu*, também em duas partes: *Le fou de Bedlan* e *L'Homme en gris*. Dessa forma, E. Dentu manteve os títulos similares às publicações em folhetim. A BNF não possui em seu acervo digitalizado nenhuma edição dos romances *Les Démolitions de Paris* e *La Corde du pendu*.²⁶

Sobre a constituição da série Rocambole em folhetim, os romances foram distribuídos em três grandes séries. A primeira é *Os dramas de Paris 1ª série*, composta dos seguintes romances: *L'Héritage mystérieux*, *Le Club des valets de cœurs*, *Les Exploits de Rocambole* e *La Revanche de Baccarat*. A segunda é denominada *Os dramas de Paris 2ª série*, composta por: *Les Chevaliers du Clair de Lune* e *Le Testament de Grain-de-sel*. Por fim, a terceira série

²⁵ Os dados bibliográficos das edições de E. Dentu que não constam na BNF e que foram utilizados nessa pesquisa encontram-se no APÊNDICE B. Sobre os dados bibliográficos das edições de E. Dentu, cf: ebooksgratuits. Disponível em: http://www.ebooksgratuits.com/html/rocambole_bibliographie.html. Acesso em: 29 de fev. 2016.

²⁶ Sobre os dados bibliográficos das edições de E. Dentu, cf: ebooksgratuits. Disponível em: http://www.ebooksgratuits.com/html/rocambole_bibliographie.html. Acesso em: 29 de fev. 2016.

tem como título *Les Nouveaux Drame de Paris*, constituída por: *La Résurrection de Rocambole*, *Le Dernier mot de Rocambole*, *Les Misères de Londres*, *Les Démolitions de Paris* e *La Corde du pendu*²⁷.

Conclui-se, desse modo, que foram poucos os romances da série que, após serem publicados em folhetim, não tardaram a ser publicados em formato livro na França. As informações editoriais das edições pesquisadas fazem crer que esse foi o caso de apenas um deles, qual seja, *La Réssurrection de Rocambole*, composto por *Le baigne de Toulon*, *Saint-Lazare* e *L'Alberge maudite*.²⁸

As edições mais próximas de suas respectivas datas de lançamento em folhetins foram as de E. Dentu, mas essas edições datam dos anos em torno de 1866, sendo que o primeiro romance da série publicado em folhetim é de 1857. Na BNF não constam edições anteriores às edições de E. Dentu. Sobre esse fato pode-se levantar algumas questões: quais os motivos da dificuldade de se encontrar as primeiras edições em formato livro da série Rocambole na BNF, que é a biblioteca do país de origem da série ou, ainda, as edições de Dentu seriam as primeiras edições?

Uma hipótese explicativa pode ser sugerida a respeito das publicações aparentemente tardias das edições da série: Ponson du Terrail, até a série Rocambole, não havia alcançado popularidade, o que, talvez, pode ter motivado a falta de interesse dos editores em publicar em formato livro os episódios que foram lançados em folhetim. O que poderia dar sustentação a essa hipótese é o fato de que, a partir do romance *A ressurreição de Rocambole*, que surge em virtude das demandas dos leitores, a série chama a atenção do mercado editorial, que passou a publicá-la em formato livro, acompanhando as publicações em folhetim, que passaram a ser publicadas a partir de então, e dando à luz as edições das obras anteriores, de forma a disponibilizar a série como um todo. Ou seja, após E. Dentu perceber a popularidade da série, publicou, no mesmo ano, 1866, cinco episódios da série. Feito isso, passou a publicar as edições simultaneamente às publicações em folhetim de Ponson du Terrail. Se essa hipótese estiver correta, o romance a *Ressurreição de Rocambole* é um marco em termos editoriais, pois ela suscita a publicação dos demais romances que a antecederam e, ao mesmo tempo, comprova a força da preferência dos leitores nas decisões do mercado editorial. Há que se notar, também, a guisa de conclusão sobre as edições em formato livro que, ao contrário do

²⁷ Idem.

²⁸ Isso não quer dizer que os outros romances que compõem a série tenham sido editados tardiamente, pois é possível que houvesse edições anteriores às informadas neste tópico, porém dados sobre elas não foram encontrados ao longo desta pesquisa.

que se poderia supor, a publicação dos romances nesse formato implicou, em seu próprio país, em mudanças na ordenação da série, com exclusões de alguns dos romances publicados em folhetins, como foi o caso de *Les Chevaliers du Clair de Lune* e *Le Testament de Grain-desel*, bem como na modificação dos títulos originais.

1.3 Edições da série Rocambole no Grêmio Literário Português do Pará.

Meyer²⁹ afirma que a série Rocambole foi reagrupada com o título geral de *Os dramas de Paris*. As edições do GLPP dialogam com essa teoria de Meyer, pois a maioria das edições têm como título principal *Os dramas de Paris*. Contudo, em folhetim, apenas os quatro primeiros romances são chamados de *Os dramas de Paris*, quais sejam: *L'Heritage Mystérieux*, *Le club des Valets de Coeur*, *Les Exploits de Rocambole* e *La Revachede Baccarat*. A série Rocambole possui 31 romances, distribuídos em 12 títulos. Os títulos da série são divididos, por sua vez, em partes internas, ou seja, possuem divisões no interior das narrativas, com seus próprios títulos, que não podem ser lidos separadamente. O primeiro romance da série é intitulado *A herança misteriosa*, publicado em duas partes, cujos títulos são: *Dois Irmãos* e *Luisa a irmã de caridade*³⁰. O Grêmio possui apenas a primeira parte do romance, publicado em Lisboa, no ano 1870, editado e impresso pela Typographia Lisbonense, que, como o nome sugere, não é uma editora propriamente dita. A Typographia Lisbonense imprimiu dez dos romances da série Rocambole do acervo do GLPP: a primeira parte de *A Herança Misteriosa*; a terceira e última parte de *O Clube dos Valetes de Copas*; as três partes que compõem *As proezas de Rocambole*; as três partes que compõem *As últimas proezas de Rocambole*; e as duas partes de *As demolições de Paris*³¹.

A tradução de *A Herança Misteriosa* foi realizada por Alfredo de Ataíde, que traduziu apenas esse romance da série. Informações biográficas a respeito desse tradutor não foram encontradas nesta pesquisa³².

O próximo romance da série é denominado *O Clube dos Valetes de Copas*, foi publicado em três partes, intituladas: *O clube dos valetes de copas*, *Turquesa a pecadora* e *O*

²⁹ MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 103.

³⁰ *Dois Irmãos* e *Luisa a irmã de caridade*. Cf: Wikipédia. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Pierre_Alexis_Ponson_du_Terrail. Acesso em: 26 de fev. 2016.

³¹ Dados referentes às edições da série Rocambole no GLPP encontram-se no APÊNDICE C.

³² Dados referentes aos tradutores e à porcentagem de participação de cada um deles nas edições de Ponson du Terrail no GLPP consta no APÊNDICE D.

*conde Artoff*³³. No entanto, o Grêmio possui apenas a terceira parte, publicada e impressa em Lisboa, no ano de 1871, pela Typographia Lisbonense. A tradução foi realizada por F. F. da Silva Vieira. Segundo *o Dicionário Histórico de Portugal*, Francisco Ferreira da Silva Vieira nasceu em Lisboa, no dia 14 de setembro de 1851, e faleceu na Bahia, em 1888. Além de tradutor, foi tipógrafo e escritor. Trabalhou para a imprensa de Gonçalves Lopes e dirigiu o jornal *O povo*, de que seu irmão mais velho, José Martiniano da Silva Vieira, era o proprietário. F. F. da Silva Vieira foi revisor em diversos jornais, como, por exemplo, *O diário das Cortes*. Ele foi, também, diretor da Tipografia Lisbonense, onde fazia a impressão do *Diário Popular*. Veio para o Brasil e, na cidade da Bahia, trabalhou na redação do *Diário de Notícias*³⁴.

O terceiro romance da série, intitulado *As proezas de Rocambole*, foi publicado em três partes, com os respectivos títulos: *Uma filha de Espanha*, *A Condessa Artoff* e *A morte da Selvagem*. As três partes de *As proezas de Rocambole* que constam no GLPP foram publicadas em Lisboa, no ano de 1871, pela Tipographia Lisbonense e impressa também por essa mesma tipografia. A tradução também foi realizada por F. F. da Silva Vieira, que traduziu oito dos romances de Ponson: as três partes que compõem *As proezas de Rocambole*; as três partes que compõem *As últimas proezas de Rocambole*; e as duas partes de *As demolições de Paris*.

O romance que dá prosseguimento à série é *A Vingança dos Baccarat*. O GLPP não possui esse romance. Alguns editores o publicaram como se fosse a última parte de *As proezas de Rocambole*, outros publicaram como se fosse o quarto romance da série, ou seja, como um romance que não se integra a nenhum outro.

Após *A vingança de Baccarat*, a série segue com o romance *Os cavaleiros do luar*, publicado em duas partes, intituladas: *O manuscrito de Dominó* e *A última encarnação de Rocambole*. O GLLP ainda hoje possui esse romance completo, publicado em Lisboa, contudo não há data de edição. Esse romance, com suas respectivas partes, teve seu título modificado pelos portugueses para *O segredo de uma louca*. Seu editor foi João Romano Torres & C, responsável, dentre os editores, apenas pela publicação das partes desse romance. De acordo com Nuno Miguel Ribeiro de Medeiros, no artigo denominado *João*

³³ *O club dos valets de copas*, *Turquesa a pecadora* e *O conde Artoff*. Cf: Wikipédia. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Pierre_Alexis_Ponson_du_Terrail. Acesso em: 26 de fev. 2016.

³⁴ Dicionário histórico de Portugal, cf: Arqnet. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/vieiraft.html>. Acesso em: 25 de ago. 2015.

*Romano Torres e Cia: hermenêutica social de uma editora*³⁵, João Romano Torres nasceu em Lisboa, em 1855, filho de Lucas Evangelista Torres, que se dedicava ao trabalho de tipografias e edições, fundando, em 1872, a casa tipográfica e editorial Lucas & Filho. Com a chegada do outro filho no empreendimento, Carlos Bregante Torres, o nome da editora passou a ser João Romano Torres & C. Ela publicou obras de autores muito conhecidos, como: “Eugene Sue, Alexandre Dumas, Eugene Scribe, Ducray Duminil, Felix Pyat, Manuel Fernandez y Gonzalez, Enrique Perez Escrich, Ramon de Luna, Ponson du Terrail e outros”, de acordo com Medeiros³⁶.

No romance *Os cavaleiros do luar* e em suas respectivas partes não constam informações acerca de quem os traduziu, tampouco a tipografia onde os romances foram impressos.

Dando sequência aos romances da série, tem-se *O testamento do Grão de Sal*. A edição desse romance que consta no GLPP foi dividida em seis partes, não obstante, o acervo do GLLP possui apenas cinco delas, com os seguintes títulos: *A martiníere; O rachador de lenha; O prisioneiro Russo; O pacto; e O médico inglês*. Estas edições foram publicadas em Lisboa, porém nenhuma das partes apresenta a data de edição. Esse romance foi editado pelo Escriptório da Empresa, o qual produzia edições populares, ou seja, de baixo custo. É relevante destacar também que o Escriptório da Empresa publicou mais da metade dos romances da série Rocambole de Ponson du Terrail que constam no acervo do GLPP, o que corresponde a quinze romances: as dez partes do romance *As misérias de Londres* e as cinco partes de *O testamento do Grão de Sal*³⁷.

Todas as partes de *O testamento do Grão de Sal* foram impressas pela Lallemand Frères³⁸. Essa tipografia imprimiu quinze dos romances da série, que são as cinco partes de *O testamento do Grão de Sal* e as dez partes de *As misérias de Londres*. A tradução foi realizada por Alfredo Sarmiento, que, além de tradutor, foi autor de algumas obras, dentre

³⁵ MEDEIROS N. *João Romano Torres e Cia: hermenêutica social de uma editora*. Cf: Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, Universidade de Campinas (Brasil), 22 de Agosto de 2012.

³⁶ Ibidem, p. 06

³⁷ Segundo assinala Valéria Augusti, “A editora Escriptório da Empresa publicava coleções populares como a Biblioteca Alexandre Dumas, Bibliotheca dos Dous Mundos.” Cf: AUGUSTI, Valeria. Coleções editoriais de baixo custo e traduções de romances franceses no acervo do Grêmio Literário Português do Pará. Letras, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 21-36, jul./dez. 2013, p. 29.

³⁸ Lallemand Frères foi a tipografia que mais imprimiu as edições de Rocambole no GLPP, como se pode observar no gráfico referente às tipografias no APÊNDICE E.

elas, *Sertões D'África: Apontamentos de Viagens*³⁹, que narra, como sugere o título, suas viagens pela África. *Sertões D'África: Apontamentos de Viagens* teve como editores Francisco Arthur da Silva e J.H., sendo prefaciada por Manuel Pinheiro Chagas. Nesse prefácio, Pinheiro Chagas elogia a obra e manifesta sua amizade para com o autor:

MEU CARO AMIGO

Pede-me um prólogo para o seu curiosíssimo livro *Os Sertões D'África*. É a sua amabilidade que o exige, porque o livro não precisa de prólogo. Basta-lhe o título. Chega na própria hora. Quando todas as atenções se voltam para à África, um livro que tem o título de *Sertões d'África* deve estimular por força uma curiosidade publica.

E o publico, depois de ler o seu livro, não se arrependerá de certo. O êxito, que tiveram os capítulos que me fez a honra de publicar no diário da manhã, assegura-lhe que o não hão de ter menor agora nas paginas do livro. Eu há muito que desejava ter a ocasião de lhe agradecer a relevante e merecida honra que me fez inscrevendo o meu nome no principio dos folhetins verdadeiramente excelentes.⁴⁰

Creia na estima do Seu
Pinheiro Chagas⁴¹

Pode-se notar, assim, que Alfredo de Sarmiento não se ocupava tão somente da tradução de romances, como também era escritor, ao que tudo indica muito bem relacionado com nomes importantes do campo literário português da época, como é o caso de Manuel Pinheiro Chagas.

Voltando à sequência da série, *O testamento do Grão de Sal* conta também com outra edição. A obra foi publicada em Lisboa, sem a data impressa da edição, por João Romano Torres & C. Nos dados bibliográficos do romance, não consta a tipografia em que foi impresso e tão pouco quem realizou a tradução. Esse romance, bem como o romance *Os cavaleiros do luar*, teve seu título modificado pelos portugueses para *O segredo de uma louca*. Com isso, pode-se notar que João Romano Torres & C publicou os romances *O testamento do Grão de Sal* e *Os cavaleiros do luar* como se fossem um único romance denominado *O segredo de uma louca*, dividindo-o em duas partes, com os títulos *O testamento do Grão de Sal* e *Os cavaleiros do luar*. Os dados bibliográficos desses dois romances são os mesmos, isto é, foram publicados pelo mesmo editor, em Lisboa e sem

³⁹ SARMENTO, Alfredo. *Os Sertões D'África: Apontamentos de Viagens*. Lisboa: Editor proprietário-Francisco Arthur da Silva. 1880. Cf: Archive. Disponível em: https://archive.org/stream/ossertesdafricaa00sarm/ossertesdafricaa00sarm_djvu.txt Acesso em: 15 de jul. 2015.

⁴⁰ Optou-se por manter o português com a ortografia do século XIX.

⁴¹ SARMENTO, Alfredo. Op. cit. p. 04.

data de edição⁴².

O romance que segue *O testamento do Grão de Sal* é *A ressurreição de Rocambole*, obra da qual o GLPP não possui nenhuma das partes.

A última palavra de Rocambole é o próximo romance da série. Ele é composto de três partes: *Os devastadores*, *Os milhões da Boemiana* e *O regresso de Rocambole*. Suas três partes foram publicadas em Lisboa. *Os devastadores* foi publicado no ano de 1870 e *Os milhões da Boemiana* e *O regresso de Rocambole* em 1871. Todas as partes desse romance foram editadas e impressas pela Typographia Lisbonense e a tradução foi realizada por F. F. da Silva Vieira.

O próximo romance que dá sequência à série é *A verdade sobre Rocambole*. O GLPP não possui esse romance, que ora é considerado um novo episódio da série *Rocambole*, ora é a última parte do romance *A última palavra de Rocambole*. No acervo do GLPP *A verdade sobre Rocambole* não faz parte do romance *A última palavra de Rocambole*, sendo considerado um novo romance.

O romance *As misérias de Londres* foi dividido em dez partes, na seguinte ordem: *Mistress Fanoche* (parte 1); *Mistress Fanoche* (parte 2); *Mistress Fanoche* (parte 3); *Mistress Fanoche* (parte 4); *O moinho sem água* (parte 5); *Newgate—O cemitério dos sentenciados* (parte 6); *Newgate—O cemitério dos sentenciados* (parte 7); *Um drama no SouthWark* (parte 8); *Um drama no SouthWark* (parte 9); e *O inferno de Mistress Burton* (parte 10). Todas as partes desse romance apresentam folha de rosto com seus respectivos dados bibliográficos. O acervo do GLPP possui as dez partes, publicadas na cidade de Lisboa, sem data de edição, pelo Escriptorio da Empresa, com tradução de Alfredo de Sarmiento, e impressos pela tipografia Lallemand Frères.

As demolições de Paris, próximo romance da série, é composto por duas partes, intituladas *Os amores de Limousin* e *O cativo do mestre*. O GLPP possui uma edição completa do romance. As duas partes foram publicadas na cidade de Lisboa, no ano de 1872, tendo como editora e tipografia a Typographia Lisbonense e como tradutor F. F. da Silva Vieira.

O último romance da série é *A corda do enforcado*. Esse romance foi publicado em

⁴² Dados relativos aos editores e à porcentagem de participação de cada editor nas edições de Ponson du Terrail no GLPP constam no APÊNDICE F.

duas partes, que são *O louco de Bedlan* e *O Homem Cinza*⁴³. O GLPP possui apenas a primeira parte, publicada na cidade do Porto, no ano de 1873, pela Livraria Internacional de Ernesto Chardon, que se localizava no Largo dos Clerigos, nº 96 e 98. A livraria possuía também uma filial em Braga, localizada no Largo de S. Francisco, nº 4, administrada por Eugenio Chardon. Este se tornou um grande editor publicando as obras de Camilo Castelo Branco. Fundada no ano de 1869, no ano de 1891, a editora adquiriu o fundo de três casas livreas do Porto: Francisco Gomes da Fonseca, Paulo Podestá e A. R. da Cruz Coutinho. Teve como local de impressão a Typographia de Manoel José Pereira, que fez a impressão de todos os romances da Livraria Internacional de Ernesto Chardon. Segundo o Dicionário Bibliográfico português de Aranha⁴⁴, Manoel José Pereira foi um cidadão brasileiro nascido em Portugal, em março do ano de 1801. A impressão desse romance foi realizada pela Typographia de Manoel José Pereira e a tradução por Gualdino de Campos⁴⁵. Nascido em 1847 além de tradutor, Gualdino também foi um musicólogo, tendo trabalhado na coordenação da parte poética da obra *Cancioneiro de músicas populares*.

No GLPP foi encontrado também um romance com o título *Volta e fim de Rocambole*, obra do escritor francês Constanti Gueròult, que afirma ter recebido os últimos apontamentos de Ponson du Terrail da viúva Terrail. Segundo Gueroult, esses manuscritos dão origem ao romance *Volta e fim de Rocambole*, que é um autêntico romance de Ponson du Terrail:

Um dia a sua viúva, examinando as numerosas notas deixadas pelo notável romancista, encontrou as que devia formar a última e não menos interessante parte do popularíssimo Rocambole.

Dirigiu-se então à Constant Guèroult, amigo íntimo de Ponson du Terrail, e também romancista felicíssimo, cujo talento fecundou os leitores de *Petite Presse*, tem tido muitas vezes ocasião de apreciar, e rogou-lhe que aceitasse o amargo de coordenar os esboços feitos, dando as cenas o colorido que apenas lhe faltavam⁴⁶.

No excerto acima, percebe-se que Gueròult afirma ter recebido da viúva de Ponson

⁴³*O louco de Bedlan* e *O Homem Cinza*. Cf: Wikipédia. Disponível em:

https://es.wikipedia.org/wiki/Pierre_Alexis_Ponson_du_Terrail. Acesso em: 26 de fev. 2016.

⁴⁴ Dados biográficos de Manoel José Pereira. Cf: Brasilianas. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/016843-18#page/5/mode/1up> Acesso em: 14 de Jan. 2016.

⁴⁵ Dados biográficos de Gualdino de Campos. Cf: guitarradecoimbra. Disponível em: <http://guitarradecoimbra.blogspot.com.br/2007/02/cancioneiro-csar-das-neves-rosto-do.html>. Acesso em: 04 de set. 2015.

⁴⁶Prefácio editorial. GUERÓULT, Constanti. *Volta e fim de Rocambole*. Lisboa: J.E da Cruz Coitinho, 1976, p. 05.

du Terrail apontamentos que formaram o romance *Volta e fim de Rocambole*. Ademais, ele afirma ser um íntimo amigo de Ponson, o que contribui no seu desejo de que as pessoas acreditem que a informação passada por esse prólogo seja verdadeira. Nessa pesquisa, não temos informações concretas de que Ponson du Terrail escrevera um romance antes de falecer, e de que esse romance fora entregue a Gueròult, porém tudo faz crer que esta é apenas uma estratégia de Geròult para que *Volta e fim de Rocambole* seja bem recepcionado pelo público leitor, visto que Ponson du Terrail falecera no auge de sua carreira, ou seja, enquanto escrevia a série *Rocambole* e, provavelmente, qualquer romance que fosse publicado em seu nome e com a personagem *Rocambole* teria um grande número de leitores.

. A *Volta e fim de Rocambole* foi dividida em duas partes: *A taverna da Providência e Os inimigos de Taciana*, ambas publicadas na cidade do Porto, no ano de 1876, pela editora J. E. da Cruz Coutinho-Editor e impressa pela tipografia Imprensa Popular de Mattos Carvalho & Vieira Paiva. O tradutor desse romance é A. de Castro Neves. Ele trabalhou na redação do jornal *A Opinião*, na cidade do Porto, no ano de 1878.

É relevante destacar que outros escritores também se valeram da personagem *Rocambole* com tema de seus romances, tal qual Jules Cardoze, que publicou *Les Bâtards de Rocambole* (1886); Fr. Rochat, que publicou *Le Filleul de Rocambole* (s.d.); e Frédéric Valade, com os romances: *Le Petit-Fils de Rocambole* (1922), *La Haine immortelle* (1922), *Le Testament de Rocambole* (1931), *Olivia contre Rocambole* (1931), *La Justice de Rocambole* (1932), *La Belle Olivia* (1932), *Les Larmes de Rocambole* (1933) e *Le Châtiment d'Olivia* (1933). Apesar de dialogarem com romances de Ponson du Terrail, as obras desses escritores não constam no acervo do GLPP⁴⁷.

De 2002 a 2005, um escritor chamado Michel Honaker escreveu uma nova coleção das aventuras de *Rocambole*. Os títulos dos romances são: *Rocambole et le Spectre de Kerloven*⁴⁸, *Rocambole et le Spectre de Kerloven*⁴⁹, *Rocambole et les Marionnettes de la mort*⁵⁰, *Rocambole et le Pacte de sang*⁵¹, *Rocambole et le Diable de Montrouge*⁵² e

⁴⁷ A informação sobre esses escritores e suas respectivas obras. Cf: Wikipédia. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Rocambole_\(character\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Rocambole_(character)). Acesso em: 26 de fev. 2016.

⁴⁸ Romance publicado por Gallimard Hors-Piste, no ano de 2002.

⁴⁹ Romance publicado por Gallimard Hors-Piste, no ano de 2002.

⁵⁰ Romance publicado por Gallimard Hors-Piste, no ano de 2003.

⁵¹ Romance publicado por Gallimard Hors-Piste, no ano de 2005.

⁵² Romance publicado por Gallimard Hors-Piste, no ano de 2005.

*Rocamboles et la Sorcière du marais*⁵³. A seguir há ilustrações da capa de algumas das edições dos romances da coleção de Michael Honaker:

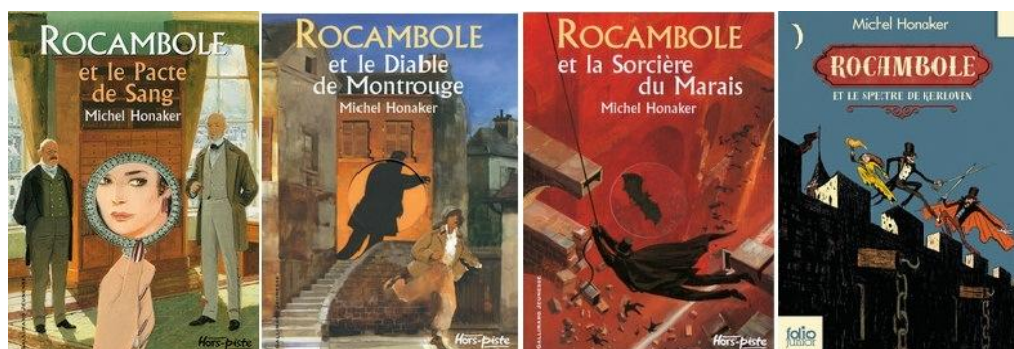


Figura 1: Imagens de alguns romances da coleção Gallimard de Michael Honaker sobre a personagem Rocamboles.

Fonte: <http://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD-JEUNESSE/Folio-Junior/Folio-Junior/Rocamboles-et-le-spectre-de-Kerloven>

Os dados acima permitem inferir a fama e a popularidade do autor mesmo no século XX, visto que, mesmo após a sua morte, continuou a ser publicado e seus títulos e personagens passaram a ser temas de outros autores. O que as ilustrações das capas dos livros nos informam é que, apesar de os romances serem atuais, eles ainda se passam no século XIX, visto que as vestimentas das personagens das capas indicam esse fato.

A configuração da série Rocamboles assinalada neste tópico não é a única, pois os editores a publicaram de formas diferentes, como é o caso do editor francês Charliou Frères et Huillery, que lançou o romance *A última palavra de Rocamboles* em cinco partes⁵⁴, enquanto a editora portuguesa Typographia Lisbonense o editou em apenas quatro⁵⁵.

Os exemplares da série Rocamboles que constam nos acervos da BNF e do GLPP, permitem afirmar que, a despeito das diferentes edições da série, a ordem dos títulos dos romances publicados na língua francesa e portuguesa se assemelha. Assim, os editores concordam que a série Rocamboles é composta de 12 romances que seguem esta sequência: *A Herança misteriosa, O clube dos Valetes de Copas, As proezas de Rocamboles, A revanche de Baccarat, Os cavaleiros do luar, O testamento do Grão de sal, A ressurreição de Rocamboles, As últimas proezas de Rocamboles, A verdade sobre Rocamboles, As misérias de Londres, As demolições de Paris e A Corda do enforcado*. O que diverge dessa constituição é apenas o

⁵³ Romance publicado por Gallimard Hors-Piste, no ano de 2005.

⁵⁴ O editor francês Charliou Frères et Huillery lançou o romance *A última palavra de Rocamboles* em cinco partes, que são: *Os devastadores, Os milhões da Boemiana, O clube dos Greves, O regresso de Rocamboles* e *A verdade sobre Rocamboles*.

⁵⁵ A editora Typographia Lisbonense editou o romance em quatro partes, que são: *Os devastadores, Os milhões da Boemiana, O clube dos Greves* e *O regresso de Rocamboles*.

fato de alguns editores considerarem o romance *A verdade sobre Rocambole* como parte final de *A última palavra sobre Rocambole*, como também introduzirem o romance *A revanche de Baccarat* como a última parte do romance *As proezas de Rocambole*. Isso muda a constituição da série, pois ela passa a ser composta por 10 romances ao invés de 12. A maior divergência que ocorreu entre as edições diz respeito às partes que compõem cada um desses 12 romances. Os dados também permitem inferir que os editores e tradutores portugueses se pautaram nos folhetins para a publicação das edições em formato livro, tanto em relação às traduções dos títulos dos romances, quanto nas divisões das partes que os compõem, uma vez que as edições que constam no GLPP se assemelham, em relação aos títulos e sua constituição com as publicações em folhetim. Isto é, as edições que constam no GLPP se assemelham mais aos folhetins às edições que constam na BNF.

Os leitores do GLPP provavelmente tiveram acesso a quase todos os romances da série, uma vez que os romances de que o gabinete não possui atualmente parte alguma são apenas três: *A revanche de Baccarat*, *A Ressurreição de Rocambole* e *A verdade sobre Rocambole*. Provavelmente o GLPP possuía a série Rocambole de du Terrail completa, porém muitos romances certamente foram perdidos em empréstimos de leitores e reformas da biblioteca.

Em suma, o GLPP conta com um total de 31 diferentes romances de Ponson du Terrail, divididos desigualmente em 12 títulos, incluindo o romance de Constanti Gueròult⁵⁶. Em relação ao local de publicação dos romances, apenas *A corda do enforcado* e as duas partes que compõem *Volta e fim de Rocambole* foram publicados na cidade do Porto, todos os demais foram publicados em Lisboa⁵⁷.

Dos 31 romances que constam no GLPP, dezoito deles não apresentam data de edição, quais sejam: as dez partes de *As misérias de Londres*; as cinco partes que compõem *O testamento de Grão de Sal*; e as três partes de *O segredo de uma louca*. Excetuando-se os romances sem a data de edição, o ano em que mais foram publicados os romances da série foi 1871, com cinco romances publicados, quais sejam: a primeira e a segunda parte de *As proezas de Rocambole*; *O clube dos Valetes de Copas*; e a segunda e a terceira parte de *As últimas proezas de Rocambole*⁵⁸. Sobre os editores, impressores e tradutores que mais se

⁵⁶ Dados referentes aos títulos dos romances e à porcentagem de participação de cada título nas edições de Ponson du Terrail no GLPP constam no APÊNDICE G.

⁵⁷ Dados referentes à cidade onde os romances foram publicados constam no APÊNDICE H.

⁵⁸ Dados referentes à data de edição e à porcentagem de participação de cada data nas edições de Ponson du Terrail no GLPP constam no APÊNDICE I.

encontram nas folhas de rostos dos romances de du Terrail no GLPP tem-se respectivamente: o Escriptorio da Empresa, Lallemand Frères e Alfredo de Sarmiento.

Esses intermediários da literatura foram de fundamental importancia para a difusão da série Rocambole como também para a popularização de Ponson du Terrail tanto em Portugal como no Brasil.

1.4 Modificações dos títulos da série Rocambole.

Alguns dos títulos dos romances que compõe a série Rocambole foram modificados pelos editores. Tendo isso em vista, se procurará apontar e explicar as modificações identificadas. Para tanto, serão usadas como fonte a série *Rocambole* que consta no acervo do GLPP, bem como os romances digitalizados da série que constam na BNF.

Todas as fontes pesquisadas identificam *L'heritage mystérieux* como o primeiro romance que compõe a série Rocambole. O título desse romance traduzido para a língua portuguesa é *A herança misteriosa*. O segundo romance da série, cujo título em francês foi denominado *Le club des valets de coeur*, foi traduzido para *O clube dos valetes de copas*. Numa tradução literal para a língua portuguesa o título seria “O club dos valetes de coração”, logo, notamos que a palavra “coração” foi substituída pela palavra “Copas”, que remete ao símbolo do valete de copas, que é um coração.

O terceiro romance da série se intitula *Les exploits de Rocambole*. Neste caso não houve modificação, pois a palavra *exploits* significa “proezas”, “façanhas” e “explorações” e o título foi traduzido como *As façanhas de Rocambole* ou *As Proezas de Rocambole*.

A revanche de Baccarat, quarto romance da série, teve seu título traduzido como *A vingança de Baccarat* e *A desforra de Baccarat*. Percebe-se, assim, que a palavra “revanche” foi substituída por seus sinônimos “vingança” e “desforra”, portanto o título não sofreu mudanças significativas em sua tradução para o português.

Les chevaliers de Clair de Lune é o quinto romance da série Rocambole. A tradução para a língua portuguesa é *O segredo de uma louca*, logo, houve mudança em relação ao título desse romance. O título *Les chevaliers de Clair de Lune* traduzido para a língua portuguesa seria “Os cavaleiros do luar”.

Le Testament de Grain de Sel é o romance que dá prosseguimento à série. Ele foi publicado em Lisboa também com título *O segredo de uma louca*, o que demonstra ter sofrido grandes mudanças no processo tradutório.

Le Testament de Grain de Sel tem outra edição portuguesa feita pelo Escriptório da

Empresa, que tem como tradução *O testamento do Grão de Sal*, logo nessa edição não houve modificação no seu título quando traduzido para o português.

O próximo romance que dá sequência à série é *La Résurrection de Rocambole*, cujo título para a língua portuguesa, *A ressurreição de Rocambole*, demonstra não ter havido alteração em seu título.

Le dernier mot de Rocambole é o próximo romance da série. Os tradutores das edições da série Rocambole que constam no Grêmio Literário Português do Pará o intitularam *As últimas proezas de Rocambole*, de forma que a expressão “última palavra” foi substituída por “últimas proezas”.

O romance *La verité sur Rocambole*, por sua vez, foi traduzido com o título *A verdade sobre Rocambole*, nota-se que não houve mudança em seu processo de tradução para a língua portuguesa.

No que diz respeito ao romance *Les misères de Londres*, que se situa entre *Le dernier mot de Rocambole* e *Rocambole en prison*, não houve mudança no processo tradutório, visto que o título em português é *As misérias de Londres*.

No caso do romance *Rocambole en prison* há uma divergência, pois alguns editores o intitulam *As demolições de Paris* e outros como *Rocambole na prisão*. Entretanto, analisando o enredo do romance, nota-se que é a mesma obra. A edição desse romance que consta no acervo do GLPP tem como título *As demolições de Paris*, foi traduzida por F. F. da Silva Vieira e editada pela Typographia Lisbonense, na cidade de Lisboa, em 1872. Em contrapartida, uma edição sem data, publicada na cidade do Rio de Janeiro pelo editor Garnier, tem como título *Rocambole na Prisão*, o que evidencia a mobilidade a que estão sujeitos os títulos no processo tradutório.

O título do próximo romance da série é *La Corde du pendu*. A edição desse romance que consta no GLPP é intitulada *A corda do enforcado*, o que demonstra fidelidade ao título original. Essa edição foi publicada pouco depois da morte de Ponson du Terrail, que faleceu em 1871.

Muitos editores acrescentam, diminuem ou mesmo alteram os títulos quando traduzem para outra língua, contudo, ao analisar os títulos dos romances da série Rocambole, notamos que existem poucas modificações nas traduções que foram feitas, isto é, a maioria dos tradutores manteve os títulos portugueses muito similares aos dos originais franceses.

Pode-se concluir, portanto, que, dos doze romances que constituem a série Rocambole, oito romances não sofreram mudanças significativas no processo de tradução de seus títulos

originais. Esses romances são: *A herança misteriosa* (1857); *O clube dos valetes de copas* (1858); *As proezas de Rocambole* (1859); *A revanche de Baccart* (1859); *A ressurreição de Rocambole* (1865); *A verdade sobre Rocambole* (1866); *As misérias de Londres* (1867); e *A corda do enforcado* (1870). Os únicos quatro romances que tiveram seus títulos modificados pelos tradutores foram: *Os cavaleiros do luar* (1860); *O testamento do Grão de sal* (1862); *A última palavra de Rocambole* (1867); e *Rocambole na prisão* (1869).

Dessa forma, pode-se compreender que, em relação à totalidade dos títulos traduzidos, os romances permaneceram mais fieis aos seus títulos originais do que sofreram mudanças no seu processo tradutório, visto que, dos dozes títulos, oito não apresentaram mudanças e apenas em quatro essas mudanças ocorreram. Portanto, percebe-se que a série sofreu poucas modificações em relação às traduções de seus títulos originais da língua francesa para a portuguesa. Contudo, a forma de publicação da série sofreu modificações significativas, isto é, em folhetim o romance *La Revanche de Baccarat* foi publicado como epílogo de *Les exploits de Rocambole*, bem como nas edições de E. Dentu, contudo na edição portuguesa do GLPP *La Revanche de Baccarat* não é um epílogo e sim o quarto romance da série. Outra diferença existente em relação às publicações francesas e portuguesas é o fato de E. Dentu não publicar os romances *Os cavaleiros do luar* e *O testamento do Grão de Sal* e eles constarem nas edições portuguesas do GLPP e em folhetim. Cabe assinalar também, que no caso das edições do GLPP todos os romances receberam o título *Os Dramas de Paris*, nisso se assemelhando às publicações em folhetim na França, uma vez que essas dividem a série Rocambole em três grandes séries. As duas primeiras são denominadas *Os Dramas de Paris* e a terceira *Os novos dramas de Paris*. O editor E. Dentu, por sua vez, nomeou apenas os dois primeiros romances de *Os Dramas de Paris*. Dessa forma, as edições do GLPP se assemelham mais às publicações em folhetins do que às publicações de E. Dentu. As semelhanças entre as publicações em folhetim e aquelas presentes no acervo do GLPP se confirmam também no que diz respeito à tradução dos títulos, pois, como mencionado anteriormente, o romance *Les Démolitions de Paris* foi traduzido para o português como *As demolições de Paris*, título este oriundo da publicação em folhetim, enquanto E. Dentu publicou esse mesmo romance com o título *Rocambole en prison*, ou seja, Rocambole na prisão, mostrando, portanto, que a edição de Dentu não se manteve fiel ao título original. Destarte, caso tomemos as edições de E. Dentu como parâmetro de análise, pode-se afirmar que as edições do GLPP guardam mais semelhanças com sua publicação em folhetim do que em formato livro, seja no que diz respeito à organização da série, seja no que diz respeito às traduções dos títulos

CAPITULO 2: ROCAMBOLE ANTES E DEPOIS: tuas ações dizem quem tu és

“Meu Deus! Se quiserdes perdoar-me os meus crimes, por amor do anjo que agora deixou cair sobre mim olhos de compaixão, juro tornar-me homem de bem, e consagrar o resto dos meus dias a praticar o bem, como até aqui tenho praticado mal”⁵⁹.

2.1 Síntese dos enredos da série Rocambole.

A série Rocambole, como visto anteriormente, é constituída por 12 romances que se dividem em partes, alguns em duas partes, outros em três, quatro ou até cinco partes. Porém, fazendo uma análise da personagem, a série poderia se dividir em duas partes: nos primeiros romances, quais sejam: *A herança misteriosa*, *O clube dos valetes de copas*, *As proezas de Rocambole* e *A desforra de Baccarat* o personagem principal é um bandido que não mede esforços para alcançar seus objetivos. Ele é assassino, ladrão, mentiroso, torturador, usurpador e um homem de mil faces. A partir dos romances *Os cavaleiros do luar*, *O testamento de grão de sal*, *a ressurreição de Rocambole*, *As últimas palavras de Rocambole*, *A Verdade sobre Rocambole*, *As misérias de Londres*, *As demolições de Paris* e *A corda do enforcado*, Rocambole se torna um herói que sacrifica a própria vida para salvar os outros. Dessa forma, percebe-se que o personagem Rocambole sofre transformações de ordem moral no decorrer da série.

Considerando a série como um todo, a personagem pode ser considerada mais herói que anti-herói⁶⁰, pois em apenas quatro romances ele é um destemido anti-herói, enquanto que em oito romances ele é um filantropo que visa o bem dos outros.

É importante assinalar também que a série é repleta de histórias de amor, aventura, terror, violência e peripécias. Quase todos os personagens da série são transitórios no enredo, exceto a personagem Rocambole, sir. Willians e Baccarat. Ela tem uma participação mais longa no enredo, pois é responsável pela conversão de Rocambole. Sir Willians permanece na série até o terceiro romance, *As proezas de Rocambole*, e desaparece após ser morto pelo próprio aprendiz, Rocambole. Os outros personagens que permeiam a série derrotam Rocambole e têm seu fim na série, ou são vencidos por ele,

⁵⁹ TERRAIL, Ponson du. *O clube dos Valetes de copas*. Lisboa: Typographia Lisbonense, s.d. p.183.

⁶⁰ Anti-herói é o protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto. Cf: GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2002, p. 08.

porém o final é sempre o mesmo, seu desaparecimento do enredo. Isto significa que a série acaba contando com uma quantidade significativa de personagens, que servem às aventuras vividas pelo protagonista. Brèthes⁶¹ classificou a série Rocambole como um “romance de costumes contemporâneos,” em que os leitores têm contato com os dramas e realidades da sociedade. A série narra as tramóias e enganações de uma personagem que nasceu nas ruas escuras da periferia de Paris e a única forma que encontrou de “subir os degraus da prosperidade” foi roubando, enganando mocinhas e matando pessoas. Rocambole foi uma personagem delinquente fictícia, mas que retratou a realidade de muitos.

Em certo sentido, pode-se afirmar também que Rocambole não foi apenas um personagem, mas sim vários personagens, pois ao longo dos doze romances ele muda de voz, vestimentas, cor de pele, cabelo, letra e lado (bem ou mal), tornando-se um mestre nos disfarces. Do ponto de vista da moralidade da narrativa, pode-se dizer que nos primeiros romances ele é um anti-herói tão cruel que ninguém pode vencê-lo, porém por amor a uma mulher ele modifica seu comportamento, tornando-se um herói sem igual.

A série Rocambole faz lembrar muitas características de romance picaresco. Segundo Candido, no seu estudo *A dialética da malandragem*, os protagonistas dos romances picarescos são anti-heróis que nasceram de origem humilde, abandonados no mundo, que procuram de todas as maneiras possíveis ascender na vida por meio da trapaça, roubo e engano⁶². O protagonista da série Rocambole lembra, nesse sentido, um pícaro dos romances espanhóis em determinados aspectos, uma vez que ele é órfão de pai e mãe, é entregue à própria sorte e acaba sendo criado por um homem que lhe ensina toda a sorte de malandrangens para subir na vida. Outra característica dos pícaros é ser amável e risonho, sempre apresentando uma falsa candura, e é com essa mesma simpatia que a personagem Rocambole consegue seus objetivos, pois apresenta uma facilidade surpreendente de influenciar as pessoas. Todas essas características estão presentes a partir do segundo romance da série, pois o foco do primeiro romance recai sobre aquele que será o mentor de Rocambole, sir Willians. Esse primeiro romance tem um papel fundamental para a série e para a personagem Rocambole, pois é nele que são revelados os motivos que levaram sir Williams a ser um vilão e a ensinar a Rocambole todas as tramóias necessárias para se tornar um bandido destemido.

⁶¹ BRÈTHES, Jean-Pierre. *Le roman-feuilleton français au XIX e siècle*. Paris: Presses universitaires de France, 1989.

⁶² CANDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem* (Caracterização das “Memórias de um sargento de milícias”). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. N. 8. Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89.

Um elemento muito importante no enredo da série é o narrador, cuja principal característica é criar expectativas e dúvidas no leitor. Quase toda a série apresenta como foco narrativo o que Reis e Lopes⁶³ chamam de narrador heterodiegético, cuja característica é relatar uma história da qual não participa como personagem. Com relação à série *Rocambole* isso não acontece apenas em *A verdade sobre Rocambole*, cujo narrador é em primeira pessoa.

O narrador heterodiegético da série *Rocambole* interfere constantemente na narrativa dirigindo-se ao leitor, com quem conversa, pede para que recorde fatos ocorridos anteriormente, como se pode perceber em *O Clube dos Valetes de Copas*:

Retrogrademos algumas horas, e falemos do sr. de Chateau Maill. Como sabemos, na véspera, sir Arthur Collins, ou antes Andréa, depois de ter dado minuciosas instruções a Rocambole, acerca do grande e importante papel que tinha que desempenhar (...)⁶⁴

Pode-se perceber também que o narrador faz uso de flashbacks para revelar algo que acontecera anteriormente, de forma a criar suspense e fazer revelações aos leitores. Segundo Reis e Lopes⁶⁵ este recurso narrativo, também chamado *analepse*, é todo o movimento temporal retrospectivo destinado a relatar eventos anteriores ao presente da ação e mesmo, em alguns casos, anteriores ao seu início. Na série *Rocambole*, a analepse é operada apenas pelo narrador, já que apenas ele tem o poder de recuar ou avançar no tempo da diegese⁶⁶.

No primeiro romance da série *Rocambole*, *A Herança Misteriosa*, a personagem Rocambole só aparece ao final, na condição de um menino órfão. A complicação⁶⁷ do enredo se dá entre sir Williams e seu irmão, que disputam o amor de uma mesma mulher. O romance se inicia com uma guerra, a Campanha Russa. O narrador apresenta três personagens que são o coronel Armando Kergaz, Bastien e Filipone. O coronel Kergaz acredita que não sobreviverá para voltar para casa, razão pela qual entrega uma carta ao capitão Phillipone e lhe pede que cuide de sua fortuna, mulher e filho se ele não sobreviver. Porém, na primeira oportunidade, Filipone mata o coronel e volta à França, onde toma posse de toda fortuna e da família de Armando Kergaz. Assim ele se casa e tem um filho

⁶³ REIS e LOPES, Carlos e Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1988, p. 121.

⁶⁴ TERRAIL, Ponson du. *O clube dos Valetes de copas*. Lisboa: Typographia Lisbonense, s.d. p. 95.

⁶⁵ REIS e LOPES, op. cit., p. 230.

⁶⁶ Diegese é utilizado como sinônimo de história. Cf: REIS e LOPES, op. cit., p.26.

⁶⁷ Complicação é a parte na qual se desenvolve o conflito ou os conflitos - na verdade pode haver mais de um conflito numa narrativa. Cf: GANCHO, op. cit., p. 06.

chamado Andrèa, com a senhora Kergaz. Filipone joga o filho do coronel Kergaz, Armando de Kergaz, ao mar para que morra, porém isso não acontece.

Vinte e quatro anos após Phillipone tentar matar a criança, ela reaparece como um jovem escultor. Seu nome é Armando de Kergaz, nome que recebeu de seu pai. Armando ama uma mulher chamada Marta que, por força destino, era a antiga amante de seu irmão Andréa. Os dois irmãos se encontram e travam um duelo pelo amor da moça. Andréa sai vitorioso e leva Marta em seus braços como troféu de sua vitória. Três anos após o duelo entre os irmãos, em um baile de máscara no palácio de Andréa, Armando aparece e desmascara Andréa, que fica muito assustado ao vê-lo, pois até então acreditava que ele estivesse morto. Phillipone, pai de Andréa, antes de morrer, se arrepende de todo mal que fez à família Kergaz e nomeia Armando seu único herdeiro. Andréa é expulso e jura vingança.

Sobre o tempo da narrativa tem-se o que Gancho chama de tempo cronológico, que é a sequência na ordem natural dos fatos do enredo, isto é, do começo ao fim⁶⁸. Isso se pode notar em *A Herança Misteriosa*, nos momentos em que o narrador assinala o tempo que se passa para que ocorram os próximos fatos: “Era em 1812. O grande exército operava a sua retirada”⁶⁹, “(...) Quatro anos depois da cena que acabamos de contar, isto é no mês de maio de 1816⁷⁰...” (...) Nos fins de outubro de 1840, isto é vinte e quatro anos depois...⁷¹ Nota-se, portanto, que o tempo transcorre para frente. Contudo, ainda que o tempo seja cronológico, isso não impede que o narrador use de analepses para relatar eventos anteriores ao presente, como o demonstra o excerto a seguir:

Uma hora antes, no *faubourg* S. Honoré, uma cena de outro genero, mas não menos triste, ocorria.
Na extremidade da rua das Eucuries d’Artola eleva-se um grande palácio de aparência triste e lúgubre, como uma casa desabitada⁷².

Como se pode notar, o narrador interrompe a narrativa para contar algo que acontecera uma hora antes, isto é, em um tempo passado.

No que tange às personagens, esse romance apresenta uma actante⁷³ feminina muito importante, Luisa, mais conhecida como Baccarat, nome recebido por causa de um jogo de

⁶⁸ GANCHO, Cândida Vilares, op. cit., p.12.

⁶⁹ TERRAIL, Ponson du. *A herança misteriosa*. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1870, p. 5.

⁷⁰ Ibidem, p. 17.

⁷¹ Ibidem, p. 22.

⁷² TERRAIL, Ponson du. *A herança Misteriosa*. Lisboa: Typografia Lisbonense, 1870, p. 62.

⁷³ Actantes são os seres ou as coisas que de algum modo, mesmo a título de simples figurantes e da mais passiva, participam no processo da narrativa. Cf: REIS e LOPES, op. cit., p. 144.

cassino. Esse jogo era praticado entre a nobreza durante o reinado de Luiz VIII. Ele era famoso nos cassinos ilegais e associado a apostas altas⁷⁴. Provavelmente Luisa recebe esse apelido por ser cobiçada e disputada pela alta nobreza da França. Antes porém que isso viesse a acontecer, Baccarat foge de casa aos dezesseis anos de idade para viver como amante de vários milionários, o que a torna extremamente rica. Ainda que tivesse um palácio e muitas outras riquezas e vários homens aos seus pés, se apaixona perdidamente por Fernando Rocher, um homem pobre que viu pela primeira vez da janela da casa de sua irmã Cerise. Conversando com sua irmã sobre essa paixão Baccarat afirma: “(...) Há um mês que desta janela onde estava encostada, como estou hoje, vi um mancebo que me transformou o juízo, e fez bater este coração que nunca amou.”⁷⁵

Contudo, Fernando Rocher é apaixonado por Hermínia, filha de seu chefe, que ignora ser dona de uma herança incalculável. Andréa, ao saber dessa herança, deseja casar-se com Hermínia. Para isso, precisa tirar o amado de Baccarat do caminho. Baccarat se associa a Andréa para destruir o casamento de Rocher com Hermínia, uma vez que desejava o amor de Rocher e Andréa a fortuna de Hermínia. Andréa consegue atingir seus objetivos de tal forma que, ao final da narrativa, Baccarat é presa e tida como louca e Rocher vai para cadeia, facilitando, assim, o casamento do vilão com Hermínia.

Armando descobre os planos de Andréa e o desmascara novamente. O desfecho⁷⁶ do enredo se dá quando Fernando Rocher se casa com sua noiva Herminia e Baccarat se arrepende de seus erros. Armando, por sua vez, se casa com Joana, moça humilde por quem seu irmão Andréa é apaixonado. Todavia, Andréa não se dá por vencido e, para continuar dentro do “jogo”, se finge arrependido e ganha o perdão de seu irmão e de todos, exceto de Baccarat, que é a única a não acreditar em sua remissão.

O espaço da narrativa se dá primeiramente na Rússia, onde Fillipone e Armando, pais de Armando e Andrea, guerreiam. Depois de matar Armando, Fillipone segue sozinho para França, lugar em que transcorre a maior parte do enredo. Dessa forma, no primeiro romance da série, *A Herança Misteriosa*, o espaço tende a funcionar apenas como pano de fundo, ou seja, tem função irrelevante na narrativa, servindo tão somente à ação, em conformidade com as características que Bakhtin atribui ao espaço nos romances de aventura: “O mundo desses

⁷⁴Conceitos e regras do jogo Baccarat. Cf: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bacar%C3%A1>. Acesso em: 29 de set. 2015.

⁷⁵TERRAIL, Ponson du. *A herança Misteriosa*. Lisboa: Typografia Lisbonense, 1870.

⁷⁶Desfecho é a solução dos conflitos, boa ou má, vale dizer configurando-se num final feliz ou não. Há muitos tipos de desfecho: surpreendente, feliz, trágico, cômico etc. Cf: GANCHO, op. cit., p.06.

romances é grande e variado. Mas também a dimensão e a diversidade são inteiramente abstratas. Para um naufrágio é preciso um mar, mas como será esse mar no sentido histórico e geográfico é absolutamente indiferente”⁷⁷. Como o romance *A Herança Misteriosa* é repleto de ação, raptos e fugas, ele precisa de grandes espaços para que o enredo se desenvolva, contudo esses espaços são irrelevantes para a economia da trama. Cabe, por fim, observar que no desfecho desse romance, a personagem Rocambole ainda não existe, ainda que Baccarat e sir Williams já estejam presentes na condição de rivais.

No segundo romance da série, *O Clube dos Valetes de Copas*, Rocambole é apenas um aprendiz de Andréa, ou melhor, de sir. Williams, nome que Andréa assume para se disfarçar. Os Valetes de Copas é uma associação em que Andréa é o líder e Rocambole é seu braço direito. O objetivo dos associados é roubar muito dinheiro de suas vítimas por meio de falcatruas. Para isso, eles seduzem mulheres e enganam condes, marqueses, entre outros. Os Valetes de Copas frequentam lugares de luxo, têm carruagens, belos ternos e vivem como pessoas da alta sociedade. Nesse romance Baccarat tem uma grande importância, uma vez que luta para desmascarar o conde Andréa que, aos olhos de todos, é um pobre homem arrependido de seus erros do passado. Após Baccarat ser enganada por Andréa, ela se torna uma filantropa, usando seu dinheiro para ajudar os outros. Ela continua em Paris apenas com o intuito de revelar Andréa, pois, como afirmado anteriormente, ela foi a única personagem que não se deixou enganar por seu falso arrependimento.

Nesse romance surge outra personagem feminina, Turquesa, que auxilia Andréa em seus planos de destruir a todos. Essa mulher, a mando de Andréa, seduz Leon Rolland, marido de Cerise, irmã de Baccarat, para destruir o casamento deles. Baccarat descobre o que se passa com Leon e desconfia que Andréa está envolvido nessa armação. Turquesa também seduz Fernando Rocher para roubar a fortuna que ele adquiriu casando com Hermínia. No entanto, Baccarat, com a ajuda de um conde chamado Artoff, rende Andréa e o faz confessar que tudo não passara de uma armação para destruir a família de Leon e roubar o dinheiro de Fernando Rocher. Ambos são salvos por Baccarat que, dirigindo-se a Leon e Fernando afirma:

— Os senhores ambos, pobres loucos! São esposos e pais! Nesse momento em que se rasgou o véu que os vendava, há em casa de cada um, uma mulher que os ama, uma mulher que não cansa de chorar, e que lhes estenderá os braços, com o sorriso do perdão nos lábios; e há também uma

⁷⁷ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética* – a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1998, p. 224.

criancinha que balbucia o nome do seu pai, e que também estende risonha a mãozinha inocente. Vão, pois, sem demora ao encontro da verdadeira felicidade...E, concluiu ela, visivelmente comovida, deixem aos que não tem filhos nem amor nesse mundo, o cuidado de os defender.⁷⁸

O discurso de Baccarat tem um caráter moralizador, cujo foco é a valorização da família, pois, como se percebe no excerto acima, ela pede para que eles deixem suas amantes e voltem para o seio de suas famílias. Leon e Fernando descobrem que foram enganados pelo conde Andréa. É importante assinalar que nesse romance Rocambole ainda não é o protagonista da série, pois apenas executa os planos de seu chefe, ajudando Turquesa a seduzir Leon e Fernando. Todavia, ambos são vencidos por Baccarat e, pela primeira vez, Rocambole perde a confiança em Andréa, pois já não vê o seu mestre como infalível: “A cólera e desânimo, eram tão eloquentes, que o discípulo duvidou, pela primeira vez, daquele mestre infalível, e perguntou assim mesmo se teria soado a hora de lhe abandonar”⁷⁹. O excerto revela um momento decisivo na narrativa, pois a partir de então Rocambole deixa de ser o “braço direito” ou o aprendiz de sir Williams, uma vez que seu mestre mostra fraqueza como líder. Dessa forma, a ideia de ser seu próprio líder já passa pela cabeça de Rocambole.

Cabe assinalar também que no romance *O clube dos Valetes de Copas*, o conde Andréa se disfarça de vários condes, viscondes e lordes. O estratagema de se disfarçar é ensinado à Rocambole, que muda de feições por várias vezes nesse romance. Primeiramente é o visconde de Combolh, um sueco que tem os cabelos loiros, em outra ocasião ele é o D. Inigo, Marquês de Los Montes. Todas essas mudanças são ordenadas por sir Williams que afirma: “Serás descendente de uma velha raça espanhola estabelecida no Brasil há mais de século. Os teus antepassados empobrecidos a serviço da Hespanha, enriqueceram fabulosamente no Brasil”.⁸⁰ Como D. Inigo, Rocambole é, portanto, um espanhol, com cabelos negros que vai à França e se hospeda no palácio de Armando Kergaz, irmão de Andréa. Armando o deixa ficar em seu palácio e se tornam amigos.

Andréa e Rocambole planejam matar Armando de Kergaz e casar Andréa com Joana, esposa de Armando para, assim, tomar conta da valiosa herança do sr. Kergaz. Porém, seus planos não saem muito bem, pois Baccarat está vigiando os passos de Andréa. Baccarat e o conde Artoff capturam Rocambole, que confessa todas as suas tramóias. Ele, sem o menor remorso, entrega o conde Andréa e seus segredos à Baccarat, que não o perdoa, coloca-o

⁷⁸ TERRAIL, Ponson du. *O club dos Valetes de Copas*. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871, p. 94.

⁷⁹ Ibidem, p.111.

⁸⁰ Ibidem, p 217.

em um saco e o lança ao mar. No entanto, Rocambole consegue se livrar e voltar para Andréa. Os dois vilões tramam um plano para que Andréa continue sua farsa, para isso, D. Inigo ataca Joana, esposa do sr. Kergaz e Andréa a salva. Tudo ocorre como o esperado. Andréa marca um duelo entre ele e D. Inigo para lavar a honra de Joana. O dia do duelo chega, Andréa vence, entretanto não mata D. Inigo, pois se trata de seu comparsa Rocambole.

Andréa informa o motivo do duelo para Armando, que também deseja matar D. Inigo. O duelo entre eles é marcado. O objetivo dos vilões é que Rocambole mate Armando. Todavia, Kergaz vence a luta. Com medo de morrer, Rocambole novamente confessa todos os seus segredos e os de Andréa para Armando que, ao descobrir que foi traído por seu irmão, deseja matá-lo. Contudo, Baccarat já o tinha em seu poder.

Enquanto o duelo entre Rocambole e Armando se dá, Andréa é capturado por Baccarat, que está acompanhada de seu nobre protetor, conde Artoff. Eles embarcam em um navio que tem como destino a Áustria. Baccarat leva para o navio todas as pessoas a quem Andréa fizera algum mal para que lá ocorra seu julgamento. Dentre as pessoas que estavam no navio, apenas uma criança que fora sequestrada por Andréa não deseja a sua morte e, por esse motivo, a vida de sir Williams é poupada. Todavia, eles lhe arrancam a língua, desfiguram seu rosto e o abandonam na Áustria.

O espaço principal da narrativa continua sendo a França, contudo, percebe-se que no desfecho do enredo as personagens seguem para à Áustria, confirmando um padrão narrativo no que diz respeito ao tratamento do espaço que, em sua variabilidade, serve à aventura, sem, no entanto, ser descrito em termos geográficos e históricos precisos, como o demonstra o diálogo do conde Artoff com sir Williams, antes de abandoná-lo na Áustria:

— Nós estamos no mar, disse o conde Artoff: o homem que comanda esse navio é rei a bordo: os marinheiros obedecem-lhe como escravos, a sua vontade é a deles. Fostes tu mesmo, infame, quem imaginas-te o teu suplício. Andréa, continuou o conde Artoff, este navio largar-te-ha dentro de três meses, em algum lugar deserto das ilhas Marquesas, ou da Áustria, mas como tu és realmente o gênio do mal, como os recursos do teu espírito são infinitos, como poderias escapar e voltar à Europa para executar algumas tentativas de roubo, ou de assassinato, vaes ser reduzido, tu, o forte, o arrojado, à impotência de um velho ou de uma criança⁸¹.

Percebe-se, portanto, que o conde Artoff, em diálogo com sir Williams, afirma que

⁸¹ TERRAIL, Ponson du. *O clube dos Valetes de copas*. Lisboa: Typographia Lisbonense, s.d. p. 483. (Grifos nosso)

dentro de alguns meses este último estará em um espaço bem distante de Paris. Contudo, o narrador não descreve o espaço em que os personagens estão e tão pouco para onde irão, se restringindo a nomeá-los, pois o que interessa é enfatizar que em ambos os lugares - seja “em algum lugar deserto das Ilhas Marquesas”, seja na Áustria - sir Willians estará distante de Paris, fadado ao isolamento, mas também ao retorno em virtude de suas habilidades malignas. A possibilidade do exílio em dois lugares diversos evidencia também que esses espaços são permutáveis, ou seja, o que importa é que sirvam a sua vingança.

No desfecho do romance, Baccarat é pedida em casamento pelo conde Artoff, Rocambole continua vivo e seu mentor, sir Williams, recebe o castigo por todos os seus crimes. Rocambole, por sua vez, é perdoado por Armando e seus amigos por ter contribuído e entregado o conde Andréa. Rocambole sai de Paris com 200 mil francos doados por Armando de Kergaz e pelo conde Artoff. Cabe observar que no romance *O clube dos Valetes de Copas* Rocambole aprende perfeitamente as trapaças ensinadas por seu mentor, mas não se torna leal a ele. Sempre que é capturado não hesita em entregar aquele por quem chama de tio e chefe. Rocambole chega a desejar a morte de seu “tio” no momento em que é ferido por Armando de Kergaz. No final da trama Rocambole se sente feliz em poder partir com seu dinheiro sem ter que dividi-lo com Andréa.

Nesse romance, como aludido anteriormente, Rocambole não é o protagonista e nem o líder das tramóias, todavia executa junto com sir Williams todos os planos. Rocambole rouba, mente, aspira destruir o casamento de Cerise e Leon, arrisca-se em roubar a fortuna de Fernando Rocher, planeja matar Armando de Kergaz e abandona o seu mestre sir Williams. As ações desse personagem o caracterizam com um anti-herói, ou seja, aquele que tem um defeito no caráter, que sempre busca seu próprio bem, mesmo que isso signifique o sacrifício daqueles ao seu redor.

As proezas de Rocambole é o terceiro romance da série. A exposição, isto é, “o início do enredo no qual são apresentados os fatos iniciais, os personagens, às vezes o tempo e o espaço da narrativa”⁸², se inicia com Rocambole em uma embarcação. O protagonista é descrito como um rapaz de origem britânica:

Era um mancebo de estatura mediana, de vinte seis a vinte oito anos, baixo de physionomia agradável, distinta, mas em que sobressaía a frieza que caracteriza os filhos da altiva Albion. O seu vestuário era o de um inglês em viagem: calça justa, de xadrez preto e branco, plaid escocês por

⁸² GANCHO, Cândida Vilares, op. cit., p. 07.

cima de um paletó curto acinzentado, e com ampla algibeira, boné cônico, do qual prendiam compridas fitas que lhe flutuavam nos ombros, e bolsa de viagem, junto da qual se viam pendurados sem escolha de lugar, um dicionário inglês-francês, um óculo de alcance, uma charuteira e um frasco cheio de rum. Tinha além de isso tudo, colocado sobre o antebraço esquerdo, um grande chalé-manta, eterno vade-mécum do viajante britânico⁸³.

Enquanto está na embarcação, ele descobre que nela viaja também um homem que foi afastado de sua família quando criança e que está indo à França para conhecer seus consanguíneos e ser nomeado marquês de Chamery. Rocambole pensa em como se livrar do marquês e usurpar seu lugar. O acaso intervém no curso da narrativa, mudando a sorte do protagonista: uma tempestade destrói a embarcação e ele se encontra em uma ilha com o marquês. Assim, Rocambole prende o marquês em uma caverna, rouba seus pertences e chega à França se apresentando à família Chamery como o filho perdido que voltou ao lar.

É importante notar que os romances da série Rocambole apresentam muitas peripécias, ou seja, muitas reviravoltas no enredo, uma vez que o inesperado normalmente acontece e muda completamente o destino das personagens. De acordo com Moisés⁸⁴, pode-se definir peripécia como a súbita mudança dos sucessos, no contrário; e esta inversão deve produzir-se (...) de modo verossímil e necessário. A definição de peripécia teve origem na *Poética* de Aristóteles que a considera um elemento de ação complexa, sem elemento surpresa, que se produz quando um fato altera o desenvolvimento previsível da ação dramática, desenrolando-se esta ao contrário do que o decurso dos eventos representados faria esperar.⁸⁵ Assim, as peripécias constituem ingredientes característicos do teatro, mas podem ocorrer na poesia épica e no romance.

As peripécias podem ser entendidas como mudanças bruscas na narrativa em que personagens vilões podem vir a se tornar mocinhos, ricos podem vir a ser pobres, dando um novo rumo ao enredo. Elas também resgatam o interesse do leitor e renovam as possibilidades da diegese, além de quebrar as expectativas, pois quando se pensa que vai acontecer algo, acontece outro completamente diferente. No caso dos romances da série Rocambole a presença de peripécias é frequente, como se percebe no episódio do romance anteriormente referido, em que Rocambole está sem rumo e objetivos, quando, de repente,

⁸³ TERRAIL, Ponson de. *As proezas de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871, p.06.

⁸⁴ MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos técnicos*. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 348.

⁸⁵ ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril, 1981.

uma tempestade o deixa frente à uma excelente oportunidade de ascender na vida. Ele não a perde e se faz passar pelo marquês Chamery. Outra peripécia consiste no fato de o protagonista ser levado pelo mar para uma ilha isolada em que apenas ele e o marquês se encontram, sem esquecer o fato de o marquês ficar preso em uma caverna e seus documentos ao alcance de Rocambole.

Isto posto, retornemos ao enredo do romance em questão. Rocambole já estabelecido como marquês de Chamery, vai a um espetáculo de circo onde encontra uma cigana que anuncia uma pessoa chamada *O Penny*, identificando-o como chefe dos indianos: “—Entrem, entrem, minhas senhoras, e senhores, se querem ver o *Penny*, o grande chefe indiano, todo sarapintado, e a quem os seus inimigos cortaram a língua e arrancaram os olhos!...”⁸⁶. *O Penny* é, na verdade, o conde Andréa, que foi vencido pela heroína Baccarat em o *Clube dos Valetes de Copas*. Rocambole o reconhece, compra-o da cigana e o instala em uma casa. Andréa, privado da visão e da fala, apenas escreve para tentar aconselhar seu antigo aprendiz que, nesse romance da série, se interessa por uma moça chamada Pepita de Sallandrela, noiva de D. José, seu primo. Rocambole se propõe a ajudá-la a se livrar dele. O falso marquês manipula o motorista de D. José, que costumava levá-lo à casa de suas duas amantes: Fátima, uma cigana e Banco, uma condessa. Banco deixa a vida de D. José bem mais complicada, quando pede a ele para matar sua outra amante, Fátima. D. José obedece e tenta matar Fátima com um veneno, porém Rocambole lhe dá o antídoto e a salva.

Nesse romance, Rocambole, além de se disfarçar de marquês de Chamery, também se transfigura em um inglês chamado Morton Tynner, com o intuito de convencer a cigana a matar D. José. Na pele de Morton Tynner, Rocambole assume feições completamente diversas, inclusive do ponto de vista físico: “Tinha uma cor cobreada como um mulato, cabelos crespos e um aspecto de *gentleman*”⁸⁷

A cigana, porém, não o conheceu. Já não era o homem de cabelos ruivos, e de casacão com alamares, era um anglo-indiano, Morton Tynner, o homem de cútis acobreados, cabelos pretos e crespos.

—Bem vês que não sou um homem, disse ele; mudo de aspecto com essa facilidade.

—O senhor é com certeza o diabo, o Deus que os ciganos adoram⁸⁸.

⁸⁶ TERRAIL, Ponson du. *As proezas de Rocambole*. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871, p. 42.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 13

⁸⁸ *Idem*.

Como se percebe, os disfarces eram muito eficazes, razão pela qual Rocambole se gaba da facilidade que tinha para se disfarçar. Sua magnificência nos disfarces era tão gloriosa que a cigana chega a compará-lo ao diabo.

Na segunda parte do romance, denominada *A morte de um Selvagem*, Rocambole dá um baile, em que todos estão mascarados. A cigana vai ao baile e, no momento propício, apunhala D. José, que se encontrava com a condessa Banco. D. José cai por terra sem vida. O caminho fica livre para Rocambole e Pepita, porém a moça afirma que seu coração está morto para o amor e viaja para sua terra natal.

Nesse romance, que é continuação de *O clube dos Valetes de Copas*, o objetivo de Rocambole, disfarçado de marquês de Chamery, é vingar o conde Andréa, que foi destruído por Baccarat, e casar com Pepita. Para isso, tem que destruir Baccarat, pois além de ela ser a responsável pela deformação de sir Williams, também é intimamente conhecida da família de Pepita, fato que pode dificultar seu casamento com a Sallandrera.

As peripécias continuam na série, pois Rocambole, certo dia, vê uma mulher bem mal vestida que lhe fez lembrar Baccarat, dada a surpreendente semelhança. Ele descobre que a moça é irmã de Baccarat, fruto de uma traição de seu pai. Assim, Rocambole propõe à moça para fazer parte do seu plano de vingança contra Baccarat. O plano de Rocambole era fazer condes, marqueses e pessoas importantes se apaixonarem por ela, fazendo crer que era a condessa Artoff, a mesma leviana e prostituta de *A herança Misteriosa*. Rocambole consegue fazer com que sr. Roland de Clayet, um dos homens mais ricos da França, acredite que está se envolvendo com a condessa Artoff, porém, trata-se de Rebeca, a irmã de Baccarat. Baccarat e o conde Artoff vão à Paris para arranjar o casamento entre Chateau-Mailly, um rico barão, e Pepita. Porém, ao chegar à Paris, Rocambole fala ao conde Artoff que sua esposa tem um amante chamado Roland de Clayet. Baccarat tenta desfazer o engano, mas é tarde demais, pois o conde Artoff já havia marcado um duelo com Rolande de Clayet. O falso marquês dá uma poção ao conde Artoff, o que o deixa momentaneamente maluco, assim o duelo não acontece e Baccarat é obrigada a sair de Paris para cuidar de seu esposo.

Rocambole envenena Chateau-Mailly para ter o caminho livre para se casar com Pepita. Baccarat descobre que seu marido também foi envenenado e volta à França para fazer o responsável pagar pelo ocorrido. Rolande de Clayte descobre que havia uma mulher se fazendo passar por Baccarat e conta à condessa Artoff, que consegue descobrir que

Rocambole e sir Williams eram os responsáveis por difamá-la e envenenar seu marido. Ela jura vingança. Rocambole consegue fazer com que o pai de Pepita conceda a mão da filha em casamento para ele. Um dia antes do casamento, Rocambole fica pensativo quanto ao seu futuro e toma uma decisão, segundo ele, muito difícil. Ele resolve matar sir Williams. Convida o cego para fumar um charuto e afirma:

—Tu não imaginas, disse ele em seguida, mudando repentinamente de tom, a pena que eu tenho de me separar de ti, e se não houvesse absoluta necessidade para o marques de Chamery de não ter conhecido nunca o bandido sir. Williams...⁸⁹

Em seguida aperta a garganta do cego, que se debate e luta para viver, porém Rocambole tem a seu favor o vigor e a mocidade que o permitem deitar o velho no parapeito e lançá-lo no vácuo. Assim, ele vê o corpo do sr Williams se despedaçar nos rochedos. Porém, algo de inesperado acontece nesse momento:

Um trovão enorme, que fez estremecer o castelo até os velhos alicerces, brilhou um relâmpago que iluminou terra e céu, iluminando o barranco dos mortos, onde os olhos assombrados do bandido avistaram o cadáver ensanguentado de sir Williams, e de súbito, com que flamejaram na memória do miserável estas palavras proféticas: “*sou o gênio que preside a tua estrela propicia; no dia em que eu deixar de existir, extinguir-se-á essa estrela...*”

E o bandido ajoelhou, murmurando:
Tenho medo! Tenho medo!⁹⁰

Rocambole desejava matar o sir Williams para não deixar pistas sobre seu passado, ou seja, para que não descobrissem sua verdadeira identidade, uma vez que ele era conhecido como o “braço direito” do sir Williams. Após Rocambole lançar o cego nos rochedos, um trovão estremece todo o castelo e simultaneamente, vem à sua memória as palavras proferidas por sir Williams, o qual afirmara que Rocambole só brilhava e existia porque o tinha ao seu lado, ou seja, Rocambole era sua criação. Rocambole, com Andréa morto, teme que seus planos não deem mais certo.

Como observado no transcurso deste romance, Rocambole continua a ser o anti-herói do enredo. Ele usurpa o lugar de um marquês para adquirir sua herança, mata todos os pretendentes da mulher com que deseja se casar, difama Baccarat, envenena e enlouquece o

⁸⁹ Ibidem, p. 459.

⁹⁰ Ibidem, p. 461.

conde Artoff, mata sua própria mãe adotiva e, por fim, elimina sir Williams, seu mentor. Todos os seus feitos confirmam sua fama, expressa na voz do editor do romance: “...Uma inteligência superior transviada para o crime; um demônio cuja vida parecia destinada ao cadafalso; um anjo mau, que deixa após si a morte, o luto e a desolação...”⁹¹

O romance que sucede *As proezas de Rocambole* é *A desforra de Baccarat*. Nesse romance, Baccarat, que outrora havia sido difamada por Rocambole, promete vingança. Com a ajuda de um amigo, chamado Zampa, atrai o vilão para uma cilada e o desmascara para todos. Primeiramente, ela informa à família Chamery que ele não é o verdadeiro marquês de Chamery. Depois acaba com o casamento que ele havia planejado com Pepita, desmascarando-o para a família Sallandrela. Por fim, Baccarat joga ácido no rosto de Rocambole e o leva para a cadeia:

O executor lançou em uma bacia o conteúdo de um frasquinho, molhou no líquido uma toalha e aplicou-a no rosto do condenado [...] Em seguida tiram a toalha [...] E Zampa colocou-lhe um espelho diante dos olhos, que tinham ficado ao abrigo do contato. Rocambole exalou um espécie de rugido, que se escapou por entre as mãos dos algozes. Tinham-no desfigurado com vitríolo; o rosto ficara-lhe hediondo.⁹²

O excerto acima assinala o momento da derrota final para o destemido anti-herói que, após ter destruído, enganado e matado dezenas de vidas, foi capturado por Baccarat que o desmascarou frente a todos. Tudo que Rocambole tinha alcançado se desfez diante dos seus olhos. Ele foi desfigurado e lançado à própria sorte na galé. Será esse o fim do homem de mil faces? Este romance terá um estudo mais detalhado em outro capítulo.

Após o romance *A desforra de Baccarat*, Ponson du Terrail decidiu pôr fim à série e começar outra com personagens novos, porém há um consenso entre a crítica de que os leitores ameaçaram cancelar as assinaturas dos jornais, razão pela qual ele teria dado prosseguimento à série Rocambole, como afirma Meyer:

O leitor do jornal não deveria esperar mais nada da ação e *A desforra de Baccarat*, quarto volume de *Os dramas de Paris*, parece encerrada a carreira de nosso herói.

Mas como pelo jeito o público cobrou mais, e o público é rei, Ponson publicou sucessivamente dois romances, de interesse reduzido, onde o herói-título, só fazia rápidas e quase inconsequentes aparições, *Os*

⁹¹ Prólogo editorial. TERRAIL, Ponson du. *A última palavra de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1870, p. 02.

⁹² Terrail, s.d apud Meyer, 1996, p. 140.

*cavaleiros do luar e O testamento do grão de sal*⁹³.

De acordo com Meyer, *A desforra de Baccarat* não é o fim de Rocambole, pois ele ressurgiria em outros romances. Todavia será que Rocambole permaneceu o mesmo? Nos próximos romances, *Os cavaleiros do luar e O testamento do grão de sal*, Ponson du Terrail muda o destino de Rocambole, que deixa de ser um anti-herói.

Os romances *Os cavaleiros do luar e O testamento do Grão de Sal* apresentam Rocambole moralmente convertido para o bem. Sem a menor explicação para os leitores, Ponson du Terrail lança esses dois episódios sem informar porque Rocambole se transformou. O narrador do romance é em terceira pessoa e o protagonista, em discurso direto, tão simplesmente anuncia que “...por amor do anjo que agora deixou cair sobre mim olhos de compaixão, juro tornar-me homem de bem...”. Esse excerto é a única explicação que o leitor tem das razões pelas quais a personagem Rocambole muda seu caráter. Em suma, a conversão moral teria como razão principal o amor de uma mulher. Não obstante, após esses dois romances, Ponson resolve explicar o que aconteceu a Rocambole. Isto se dá em *A ressurreição de Rocambole*, que se passa no presídio de Toulon. Dessa forma, pode-se dizer que o percurso do tempo da série é alterado, pois após narrar as aventuras de uma personagem convertida para o bem, lança outro romance, explicando como e onde se deu sua mudança de caráter.

A exposição de *Os cavaleiros do luar* se dá com quatro personagens conversando. Um deles afirma que recebeu uma carta anônima, narrando a história de amor entre uma marquesa chamada Diana e um militar chamado Hector. Esse amor é intermediado por um criado de Diana chamado Grão de Sal, que entrega cartas da moça para o militar. O pai de Diana é o general do exército rival de Hector. Diana tem três primos que desejam se casar com ela por causa de seu dinheiro. Porém, ela não os quer, pois ama Hector. O exército de Hector e do pai de Diana se enfrentam, o de Hector perde e ele foge, se tornando desertor. Contudo, o pai de Diana sabe que a filha somente será feliz com Hector e permite que eles fujam juntos. Um de seus primos descobre onde Hector está escondido e o leva ao general para que o prenda. Porém, novamente o general o deixa escapar e fugir com sua filha. Os primos de Diana continuam a perseguir Hector, que é enviado para ser executado.

O pai de Diana vai até ao rei para pedir perdão por seu genro, o perdão é aceito, mas

⁹³ MEYER, Marlyse, op. cit., p. 140.

Ambrósio, criado de um dos maléficis primos de Diana, vai até Hector e diz que seu pedido de perdão foi recusado, fazendo com que Hector se mate na cadeia. Diana enlouquece e cai da varanda de sua casa. Seus primos desaparecem com Daniela, a filha do casal. Ela se torna uma moça guerreira que luta para vingar a morte de seus pais e recuperar sua herança, herdada por seus primos assassinos.

Os rapazes que conversam no início do romance são Os cavaleiros do luar, uma associação que visa a ajudar e vingar a pobre Diana. A carta lida pelos cavaleiros do luar faz com que o tempo transcorra de forma não cronológica, isto é, o enredo afasta-se do tempo presente e vai ao tempo passado para revelar o que já acontecera a Diana e Hector, personagens que no momento da narração já estão mortos. Grande parte do romance consiste nos relatos contidos na carta de Daniela, de forma que o enredo é marcado pela anacronia, ou seja, pela inversão na ordem dos eventos da história⁹⁴. Existem algumas motivações para a utilização desse recurso, como por exemplo, realizar uma retrospectiva do que aconteceu no passado, ou informar o passado de alguma das personagens. A carta aborda o passado de Daniela, por meio da carta remetida aos cavaleiros do luar, que tomarão providências no desenrolar da narrativa.

Rocamble aparece na narrativa como um dos personagens principais. Ele se torna um dos Cavaleiros do luar e sozinho consegue vingar a morte dos pais de Daniela, bem como fazer com que ela consiga sua herança de volta. Rocamble, após ter sido destruído e desfigurado por Baccarat, é descrito da seguinte forma:

Era um extravagante personagem, e que merece algumas linhas de descrição. Vestido com um grosseiro paletot cor de castanha, com os olhos abrigados por uns óculos verdes, e cuja idade não se poderia determinar com exactidão, tinha o rosto coberto de cicatrizes, e de que se não poderia com certeza assignar a origem. Seriam queimaduras? Seria o resultado da terrível varíola? Ninguém o poderia dizer.⁹⁵

Os leitores do romance sabem que seu rosto está coberto de cicatrizes porque Baccarat o deformou com ácido no romance anterior. O personagem precisa usar óculos, casacos e chapéus para esconder as sequelas nele deixadas. A partir desse romance Rocamble não está mais em busca de riquezas. Ele se torna um altruísta. Essa mudança acontece por amor a

⁹⁴ REIS e LOPES, op. cit., p. 229.

⁹⁵ TERRAIL, Ponson du. *Os cavaleiros do luar*: O segredo de uma louca. Lisboa: João Romano Torres & C, s.d. p. 179.

uma mulher, não uma nova personagem, mas aquela que um dia foi sua “irmã” no romance *As proezas de Rocambole*, Branca de Chamery. Branca de Chamery encontra Rocambole e o perdoa, razão pela qual o protagonista muda completamente seu comportamento, prometendo, a partir de então, somente praticar o bem e defender os que precisam. Em uma conversa com um dos membros dos Cavaleiros do luar, Rocambole explica o momento em que aconteceu a sua conversão:

E apesar de ter uma perna quebrada, apesar dos meus sofrimentos sem nome, consegui pôr-me de joelhos, juntar as mãos e dizer em voz baixa:
—Meu Deus! Se quiserdes perdoar-me os meus crimes, por amor do anjo que agora deixou cair sobre mim olhos de compaixão, juro tornar-me homem de bem, e consagrar o resto dos meus dias a praticar o bem, como até aqui tenho praticado o mal.⁹⁶

Como Rocambole é hábil na arte de tramar e manipular, continua com esses dons, porém por uma boa causa. Dessa forma, Rocambole consegue fazer com que Paulo, filho de um dos primos assassinos de Diana, se apaixone perdidamente por Paula para se vingar dos assassinos que lhe tiraram seus pais e sua herança. O protagonista ajuda Daniela a fazer justiça pela morte de seus pais, bem como recuperar a herança da moça, restituindo-lhe seu verdadeiro nome, que outrora havia sido usurpado por seus tios.

O testamento do grão de Sal é a continuação do romance *Os cavaleiros do Luar*. Vale a pena lembrar que esses dois romances foram traduzidos para o português com o título *O segredo de uma louca* e não foram incluídos pelo editor Dentu na série *Rocambole*, como se assinalou anteriormente. Nesse romance, Rocambole ainda é o líder dos cavaleiros do luar. Contudo, novos personagens surgem no enredo, como Hector de Passe-Croix, que é filho de um dos assassinos dos pais de Daniela. O enredo gira em torno dos filhos dos assassinos que, no entanto, são diferentes de seus pais. Eles são apresentados como pessoas de bom caráter que, ao descobrirem o tenebroso passado dos pais, lutam para ajudar a menina Daniela. O desfecho da narrativa se dá com a revelação de um manuscrito, que Rocambole mostra aos filhos dos assassinos, provando que Daniela não apenas era filha de Diana e Hector, como também tivera sua herança roubada:

Quando Rocambole virava a última folha do manuscrito do dominó, Victor e Paulo, com as fronte inundadas em suor, e o rosto pálido, sabiam que o visconde de Lamolier, o barão de Passe-Croix, e o cavaleiro Marfontaine tinham assassinado o conde Main-Hadye, a infeliz

⁹⁶ Ibidem, p. 183

Diana, e roubado a herança da Daniella.⁹⁷

Pode-se notar que Rocambole é o responsável pelo desfecho da narrativa, uma vez que é ele quem desmascara os assassinos aos seus próprios filhos. Em *Os cavaleiros do Luar* Paulo, filho de Lamolière, assassino de Diana, já sabe parcialmente das tramóias de seu pai, porém é no *Testamento do Grão de Sal* que todas as revelações são feitas.

Rocambole descobre que a filha do barão de Passe-Croix, um dos primos e assassinos de Diana, está doente, se dirige ao assassino e promete curar sua filha apenas se ele assinar um documento confessando o roubo da herança e o assassinato dos pais de Daniela. O barão de Passe-Croix se vê obrigado a assinar o documento. Rocambole envenena o visconde de Lamoliere, deixando-o paralisado. Todos pensam que ele está morto. Ciente de que um dos criados de Lamoliere também contribuiu na morte dos pais de Daniela, entra na casa em que ele e o visconde Lamoliere se encontram, e atea fogo nela, matando a ambos.

Rocambole continua matando, disfarçando-se, mentindo e enganando, porém por razões que ele acredita serem as certas, como por exemplo, recuperar a herança de Daniela, cuja vida fora roubada e os pais assassinados. Rocambole, para ajudar Daniela, mata alguns de seus tios que são ladrões e assassinos. Por consequência, o protagonista está longe de se tornar o herói clássico dos romances românticos, cuja conduta segue imaculada do princípio ao fim. Rocambole se torna um herói, é verdade, mas um “herói canalha”.

Por fim, Rocambole se disfarça em fantasma para atormentar Marfontaine, último assassino impune dos pais de Daniela. Trava um duelo com ele e o obriga, em troca de sua vida, a assinar um documento em que assume o assassinato de Diana e de Hector, bem como o roubo da herança. Todos os documentos são levados às autoridades e Daniela consegue que os assassinos, ainda vivos, sejam presos e que sua herança seja recuperada. O desfecho da trama se dá com o casamento de Daniela com seu primo Paulo. A história tem um final feliz, graças a Rocambole, que consegue fazer justiça. Após seu feito, Rocambole desaparece, mas continua sendo uma lenda:

E Rocambole?

Esse quis acabar como havia começado.

Rocambole é D’ora avante uma legenda cujos vestígios serão tão difíceis d’encontrar como o túmulo d’Attila, ou a medalha do imperador Othon.⁹⁸

⁹⁷ TERRAIL, Ponson du. *O testamento do Grão de sal*. Lisboa: João Romano Torres e C, s.d, p. 315.

⁹⁸ Ibidem, p. 403.

No excerto acima, Rocambole é comparado com Átila, figura lendária cujo corpo até hoje não foi encontrado. Reza a lenda que o corpo de Átila foi enterrado no leito do rio, junto com seus servos e um tesouro que nunca foi encontrado⁹⁹. O mesmo dá a entender o narrador do romance, sugerindo que o protagonista seria comparável ao poderoso rei nos Hunos, tornando-se uma lenda após seu desaparecimento.

Rocambole, como tentamos assinalar, teve sua personalidade e conduta modificadas no decorrer da série de romances. Suas ações, apenas ratificam sua transformação moral. Fisicamente seu olhar, semblante e expressão já não são os mesmos que antes quando era anti-herói. Socialmente suas atividades não são as mesmas, tanto em profissão, como em classe social. Ele já não anda entre os grandes da elite, ele anda entre os necessitados. Ideologicamente sua filosofia alterou, agora, ele já acredita na bondade e justiça. O narrador por meio do seu discurso aponta todas as transformações dessa personagem.

Na sequência da série tem-se o romance *A ressurreição de Rocambole*, cuja exposição do enredo se inicia com dois bandidos sentenciados à morte conversando sobre Rocambole, a quem chamam de “rei dos bandidos”. Um dos bandidos pergunta ao outro se Rocambole realmente existiu:

—Ora se existiu, conheci-o perfeitamente —Lembra um.

—E quem era?

—Era um moleque de Paris, um vagabundo que conseguia encarnar-se na pele de um marques ao retornar da Índia.¹⁰⁰

O primeiro capítulo do romance consiste na conversa entre os dois bandidos. Um deles conhece perfeitamente Rocambole e conta uma grande parte de sua jornada: como ele se tornou o mais maléfico bandido de Paris e também como ele se redimiou por amor à uma mulher. Em suma, dá-se uma recapitulação do enredo da série até esse último romance, para situar o leitor acerca dos fatos que já aconteceram na narrativa, uma vez que o leitor pode não ter lido os romances anteriores. A partir do segundo capítulo a conversa dá lugar à ação. Rocambole foge do presídio e a aventura começa.

O objetivo de Rocambole nesse romance é salvar duas moças que tiveram sua herança roubada e sua mãe assassinada por seus tios. Uma das moças encontra-se em Paris, encarcerada por um de seus tios e a outra está em posse de uma mulher chamada Vasilika.

⁹⁹ Átila. Cf: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81tila>. Acesso em: 23 de mar. 2016.

¹⁰⁰ MEYER, Marlyse, op. cit. p. 141.

Rocambole as salva. Para isso sai de Paris e vai à Rússia, onde encontra Baccarat, que acredita em sua conversão de caráter e o ajuda na missão de salvar a criança. Nesse romance Rocambole conta com a ajuda de dois aliados que obedecem suas ordens cegamente. Eles são Milon e Vanda. Esses personagens também estarão presentes no próximo romance da série, que é *A última palavra de Rocambole*. Wasilika e o protagonista travam um duelo de espadas. Ele sai profundamente ferido, porém sua rival não sobrevive. Após a batalha, Milon e Vanda procuram por seu mestre e não o encontram:

Acompanhando o rastro [...], pela rua até o cais, a lua brilhava, o rastro de sangue continuava até a beira da escada do cais, e seguia pelos degraus, sangue na praia, até mesmo à beira da água. E o rio corria, mudo e sinistro, parecendo empenhado em guardar um segundo.
 —Esta morto— tornou Milon a exclamar, Vanda porém endireitou-se, com aspecto ameaçador, e, os olhos incendiados, replicou:
 —É impossível! Deus não o poderia permitir...
 Rocambole não morreu!¹⁰¹

O romance *A ressurreição de Rocambole* termina com o desaparecimento de Rocambole. Todos acreditam que esse é o seu fim. O narrador não informa o que aconteceu ao protagonista. Ele deixa o leitor novamente em suspense, na expectativa sobre o desfecho do enredo¹⁰².

É importante notar que a personagem principal, após a transformação moral, sempre está empenhada na restituição da herança de alguma donzela que foi incriminada por seus próprios parentes, bem como na vingança do assassinato dos pais das vítimas. Assim, os enredos dos romances da série Rocambole transcorrem em um universo em que a usurpação de títulos e heranças tem lugar central, seja nas narrativas em que o protagonista ocupa o papel de vilão, seja naquelas em que se tornou herói, ajudando os necessitados e as vítimas, como uma espécie de compensação pelos roubos e usurpações que praticara anteriormente. Se a posição do herói se modifica, o núcleo dramático das narrativas permanece, contudo, o mesmo, fazendo pensar que tais enredos, a despeito de seu caráter repetitivo, agradavam aos leitores, caso contrário seus romances não fariam sucesso entre eles.

O próximo romance a dar sequência à série Rocambole é *A última palavra de Rocambole*. Nesse romance, a exposição se produz em Paris com um grupo de homens que

¹⁰¹ Ibidem, p. 143

¹⁰² Esse romance será discutido minuciosamente em outro momento, pois ele tem um papel fundamental na economia do enredo.

respondem pelo nome de “devastadores”. Eles são pessoas que vivem à margem da sociedade e se valem da pirataria no rio Sena para viver. Nesse mesmo rio, os devastadores encontram um corpo flutuando nas águas. É Rocambole que, quase sem vida, é resgatado por eles e levado à Taberna do Arlequim, ponto de encontro dos devastadores, cujo líder é um homem chamado Pasteleiro.

Rocambole, ferido em seu último duelo com a russa chamada Vasilika, se recupera e toma como discípulos os devastadores. Contudo, dá um novo rumo ao grupo, fazendo com que deixem de ser saqueadores e ladrões para ajudá-lo em sua nova missão.

O conflito da narrativa se dá entre Rocambole e uma associação indiana chamada Os estranguladores. Estes podem ser considerados os antagonistas da narrativa, uma vez que se opõem ao protagonista, por suas características diametralmente opostas¹⁰³. Essa associação adora a deusa Kali, uma das divindades do hinduísmo, considerada a deusa da morte. Ela é representada com manchas de sangue, cobras e um colar de crânios¹⁰⁴.

Nesse romance, cujo foco narrativo é heterodiegético, o narrador conduz o leitor para que volte para algum fato que deixou em suspense na narrativa. É o que ocorre quando afirma: “Voltemos agora à taberna do Arlequim e por consequência a Rocambole. Naquela noite havia grande sussurro entre os fregueses da tia Camarde.”¹⁰⁵ Como se pode notar, o narrador jamais revela o que acontecerá, ele convida o leitor para juntos descobrirem o desenrolar da trama. Às vezes ele interroga o leitor sobre o destino de algum personagem para introduzir um flashback: “O que fora feito de Vanda?. Para o sabermos é necessário referirmo-nos ao momento em que a jovem senhora, encostada na janela vira desaparecer Rocambole por sobre o muro do jardim¹⁰⁶”. O narrador poderia, perfeitamente, iniciar o capítulo informando o que aconteceu à Vanda, contudo, prefere se dirigir ao leitor e conduzi-lo didaticamente a um fato ocorrido no passado.

Voltando ao enredo do romance, Rocambole, na taberna, encontra dois indianos que conversavam em um dialeto também indiano. Eles combinam de invadir uma casa e matar seus habitantes, que pertencem à deusa Kali. Rocambole escuta a hora e o local onde eles se encontrariam, surpreende e prende os adoradores da deusa Kali, cuja arma é um lenço usado para estrangular suas vítimas.

¹⁰³ GANCHO, Cândida Vilares, op. cit p. 09.

¹⁰⁴ Deusa Kali. Cf: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kali>. Acesso em: 24 de dez. 2015.

¹⁰⁵ TERRAIL, Ponson du. *A última palavra de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1870, p. 18.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 218.

As pessoas que habitavam a casa eram um general e sua filha. Eles haviam fugido da Índia para se livrar dos estranguladores, porém, não foram muito felizes em sua jornada, pois foram seguidos e correm perigo. Rocambole, contudo, torna-se o protetor dessa família e conta-lhes um pouco de sua história, após ser interrogado por várias vezes sobre sua identidade:

Olhe bem para mim, não tenho ainda quarenta anos, mas tenho vivido uma longa existência. Estava fadigado, a vida fazia-me horror... Um dia julgando cumprida a minha missão, procurei o fundo do Sena o repouso e o esquecimento. A morte repeliu-me e fez bem, porque tinha ainda que fazer neste mundo.

Fui salvo por uns bandidos, piratas da mais ínfima espécie que fazem das margens do rio, a sua costa barbaresca, proclamaram-me seu chefe.

Aceitei porque é possível reconduzir para o bem, todos esses homens grosseiros.

... Chamo-me Rocambole. Querem também saber quem sou? Sou um grande criminoso que se arrependeu e procura abrandar a cólera do céu.¹⁰⁷

O discurso de Rocambole mostra a sua mudança; ele busca o perdão de Deus pelos erros do passado e não menospreza nem a pior das criaturas, pois para ele todos merecem o perdão e uma segunda chance. Ainda que nos romances anteriores Rocambole tenha ajudado Daniele a obter justiça pela morte de seus pais e pelo roubo de sua herança e, da mesma forma, salvado Antonieta e Magdalena no romance *A ressurreição de Rocambole*, essas boas ações não o impediram de desejar a morte, pois para ele a vida era um tormento, provocado pelas lembranças de suas ações passadas. Com efeito, ajuda as pessoas para abrandar sua consciência.

Dito isto, voltemos ao enredo da série. Rocambole já havia destruído Os estranguladores que estavam na França, mas sabia que sua missão não havia terminado. Com toda sua eloquência convoca os devastadores para partirem a Londres, pois lá está o líder dos Estranguladores que precisa ser vencido.

Em Londres, Rocambole descobre a história de uma linda cigana que era prometida para a deusa Kali e, por isso, não poderia se casar com ninguém, devendo morrer virgem. Essa cigana já havia perdido vários noivos por essa razão. Rocambole, contudo, aceita o desafio de casar-se com ela. Após o casamento, ela é sequestrada, Rocambole quase é estrangulado com um cordão de ferro. A cigana é levada para um templo da deusa Kali para ser sacrificada. Rocambole a liberta e destrói todos os estranguladores que habitavam

¹⁰⁷ Ibidem, p. 46.

Londres.

Feito isto, a nova missão de Rocambole no enredo é destruir Os estranguladores que moravam na Índia. Ele viaja e passa dois anos nesse país. Contudo, deixa instruções para seus discípulos sobre quais as missões que eles deveriam realizar nesse período. Todas as missões envolvem recuperar crianças sequestradas e heranças que foram roubadas.

As aventuras de *A última palavra de Rocambole* se dão um espaço bem variado. Como se pode perceber Rocambole está na França, viaja a Paris, depois se encontra na Índia, e por fim, volta à França. Conforme observa Antônio Dimas¹⁰⁸, nos estudos sobre o romance alguns elementos ganharam preferência sobre outros, porém o espaço não foi um deles, ainda que tenha relevância na economia da narrativa. O espaço tem como função principal situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens.¹⁰⁹ Nesse romance da série Rocambole, assim como nos demais, o espaço não é um elemento que toma um lugar privilegiado no enredo, uma vez que ele dificilmente é descrito com atenção. O espaço serve apenas como palco da ação entre Rocambole e os antagonistas, ou melhor, Os estranguladores, cuja associação tem adeptos em diferentes países do mundo, por essa razão o protagonista precisa explorar esses diferentes espaços para encontrá-los e vencê-los. Portanto, *A última palavra de Rocambole* apresenta, assim como os demais romances da série, um tratamento do espaço que o filia ao romance de aventura, uma vez que a ação do enredo desenrola-se em um fundo geográfico amplo, cujas especificidades não interessa ao narrador retratar, uma vez que servem tão simplesmente ao desenvolvimento da ação, como o demonstra Bakhtin¹¹⁰. O espaço é algo transferível, ou seja, o que acontece na França poderia perfeitamente ter acontecido no Brasil ou em qualquer outro país, isto é, o espaço é irrelevante para o desenrolar da trama. O excerto a seguir apresenta um diálogo de Rocambole com Os devastadores que ratifica a diversidade de espaço da série:

— Nós vamos a Londres? Disse um dos devastadores.

—Vamos, disse Rocambole.

Um outro acrescentou com cinismo:

—Em Londres enforca-se gente, e acho isso mais próprio do que a tal guilhotina. Conte comigo, capitão.

—Olhe porém que vai me arruinar mestre, disse a Camardi com voz

¹⁰⁸ DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

¹⁰⁹ GANCHO, Cândida Vilares, op. cit. p. 13.

¹¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 225.

lacrimosa, o senhor enfeitiçou-os e leva-os a todos.

—Conto com isso, respondeu Rocambole, mas sossegue, tia Camardi, precisamos de correspondentes em Paris, e contamos consigo.

—Bem!

—Além disso nós voltamos em breve.

Na taberna estava aproximadamente uns vinte homens, todos resolutos, enérgicos, que postos em melhor caminho obrariam prodígios.

—Para Londres! Para Londres! Gritaram em côro¹¹¹.

O diálogo acima transcrito ocorre no momento em que Rocambole e Os devastadores estavam prestes a sair de Paris com destino a Londres e demonstra não somente a diversidade de espaços onde se passam as narrativas da série, como também a necessidade deles para o desenvolvimento das aventuras.

O desfecho do romance se dá com a vitória de Rocambole sobre todos os seus inimigos, ou seja, sobre Os estranguladores. Rocambole passa dois anos na Índia e destrói todos os adoradores da deusa Kali.

2.2 O prefácio de todos os romances da série Rocambole.

O romance *A verdade sobre Rocambole* dá sequência à série. Esse romance é o que mais se distingue dos outros, uma vez que encontramos como foco narrativo um narrador-protagonista.¹¹² No entanto, o mais interessante é que esse protagonista é o próprio escritor de todos os outros romances da série, isto é Ponson du Terrail.

O romance possui um prefácio editorial em que o editor explica que o romance *A verdade sobre Rocambole* servirá de prefácio a todos os romances da série, ou seja, que ele deve ser lido como um elemento unificador, de caráter explicativo:

Mas afinal Rocambole existiu?

Eis uma pergunta que todos os leitores do imortal romance de Ponson du Terrail deverão ter feito, sem que lhe fosse dada até hoje, uma resposta satisfatória.

Ora, antes de iniciarmos a publicação de Rocambole, julgamos interessante e oportuno elucidar o público acerca da maneira como o grande romancista urdiu sua obra genial.

Será ele próprio quem irá contar aos seus numerosos leitores como lhe

¹¹¹ TERRAIL, Ponson du. *A última palavra de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1870, p. 50.

¹¹² No narrador-protagonista desaparece a onisciência, pois ele não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Ele narra de um centro fixo, limitado as suas percepções, pensamentos e sentimentos. Assim a distancia entre a história e o leitor pode ser próxima, distante ou ainda mutável. Cf: LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco Narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 2004, p. 43.

ocorreu a ideia do *Club dos valetes de copas*, como conheceu Rocambole na galé de Brest, e como o famoso forçado, redimido pelos mais sinceros arrependimentos, se tornou o defensor estrênuo e desinteressado de todos os que sofriam e suplicavam piedade.

Portanto, A verdade sobre Rocambole, que damos hoje à estampa servirá de prefácio ao mais extraordinário Romance de aventura que foi publicado em todo o mundo.

Como dizia Júlio Cesar Machado: “Escreve-se Rocambole, e pronuncia-se milagre!...”

Eis o milagre prestes a realizar-se com a publicação do Rocambole, que iniciaremos em volumes de cerca de 200 páginas ao preço de 5\$00.

EDITORES¹¹³

“O prefácio, dizia Novalis, fornece o modo de usar o livro”¹¹⁴, ou seja, é por meio dele que os leitores encontram pistas sobre a forma como o autor gostaria que sua obra fosse lida. Os prefácios têm por objetivo orientar a leitura, colocar o leitor na posse de informações que autor julga necessárias para uma boa leitura. Dessa forma, o prefácio desse romance de du Terrail tem como função informar aos leitores da série como devem ler não apenas este romance, em que o prefácio está presente, mas todos os demais da série

O prefaciador inicia seu discurso com uma interrogação “Mas afinal Rocambole existiu?” Ao fazer essa pergunta põe em dúvida a ideia segundo a qual Rocambole seria apenas uma personagem do escritor Ponson du Terrail. Ou seja, o prefácio editorial sugere que se trata das aventuras de alguém que de fato existiu, uma vez que nessa obra o autor, Ponson du Terrail, irá contar como conheceu Rocambole. A partir desse momento deixa clara sua intenção em fazer crer ao leitor que Rocambole de fato existiu.

Pretende-se, portanto, que o contato do leitor com a narrativa se dê por intermédio de uma chave interpretativa que nega a própria ficcionalidade da narrativa. No caso dessa edição portuguesa d’*A verdade sobre Rocambole*, a situação é bem singular, pois o romance em questão antecede o lançamento da série toda, desde *A Herança Misteriosa*. Em suma, neste caso, *A verdade sobre Rocambole* funciona de fato como um prefácio de toda a série e também como uma “isca” para capturar os leitores uma vez que o primeiro capítulo de *A Herança Misteriosa* é publicado ao final do volume.

Da forma como o referido prefácio se configura, o autor da série ocuparia a posição de editor da obra, responsável por fazer publicar os manuscritos do personagem, argumento esse presente em muitos prefácios de romances do século XIX, inclusive no Brasil, herdeiro que

¹¹³ TERRAIL, Ponson du. *A verdade sobre Rocambole*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C, s.d. p. 06.

¹¹⁴ GENETTE, Gerard. *O nome do autor*. In: *Paratextos editoriais*. São Paulo: Atelier Editorial, 2009, p.186.

foi da tradição européia nessa época. Considerando que o romance fez muito sucesso entre os leitores, não havendo, nesse sentido, de que se desculpar, pode-se supor que Ponson du Terrail, ao fazê-lo, inscrevia-se numa tradição maior de crítica aos textos de natureza ficcional, acusados que fazer com que os leitores perdessem seu tempo com leituras inúteis ou com leituras que apresentavam modelos de conduta aos leitores que podiam ser corruptores dos costumes e da moral.

No que tange ao enredo de *A verdade sobre Rocambole*, a exposição do romance se dá com Ponson du Terrail sendo convidado pelo redator de um importante jornal de Paris a escrever um romance seriado. Os dias se passam e ele não tem ideia do que escrever, até que, jogando pôquer em um bar, menciona a carta Valetes de copas e um dos funcionários fica atordoado com o nome da carta e foge. Assim, Ponson tem a ideia de escrever um romance com o título *O Clube dos Valetes de Copas*. Após começar a escrever o romance é procurado por um homem chamado Timoléon que lhe promete entregar um manuscrito com a verdadeira história do *Clube dos Valetes de Copas* e de seu líder Rocambole em troca de dinheiro. Du Terrail aceita. No mesmo dia, outro homem o procura e diz vir a mando do próprio Rocambole, que teria dito não se importar que escrevessem sua história se, em troca, não mencionassem o nome daquela que um dia foi sua irmã e causa de sua remissão, Branca de Chamery. Por causa dos manuscritos de Timoléon, du Terrail descobre que Rocambole está preso em Brest e parte em viagem para encontrá-lo.

Um elemento importante a ser analisado na estrutura narrativa desse romance é o personagem. Ponson narra como descobriu a existência de Rocambole, mas será que Rocambole é o protagonista desse romance? Não, uma vez que Ponson narra as suas próprias aventuras e os medos que o acometeram na tentativa de encontrar o forçado 117¹¹⁵. Ele se torna, portanto, o próprio protagonista. Ele hesita ao ser procurado por um homem a mando de Rocambole, abandona tudo e viaja para outra cidade em busca de respostas para escrever os demais episódios da história. Nesse romance, Rocambole deixa de ser o protagonista e se torna antagonista, visto que ele se opõe às ações do protagonista, ou seja, ele dificulta o percurso de Ponson, que é encontrá-lo.

Voltando ao enredo, o romance *A verdade sobre Rocambole* começa a ser escrito enquanto o protagonista ainda está preso, ou seja, depois de *A Desforra de Baccarat*. O narrador vai à Bretanha e pede permissão para visitar o presídio onde estão vários detentos

¹¹⁵ Forçado é o nome dado à pessoa condenada a remar nas galés, antiga embarcação de velas e remos, e o número 117 se refere à identificação de um detendo. Cf: Revista de História. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/condenados-as-gales>. Acesso em: 08 de abr. 2016

trabalhando, tenta conversar com o 117 e perguntar se ele é Rocambole, porém ele nega sê-lo. Diferente dos demais romances da série, Ponson descreve meticulosamente o espaço onde se passa o enredo. Dessa forma, longas páginas são escritas com a intenção de descrever o ambiente sujo, pobre e fétido em que vivem as pessoas da cidade de Brest na França:

O provérbio que nos diz que “Deus faz bem tudo quanto faz” é plenamente tudo confirmado em Brest.

É desolador o aspecto das casas horrendas, negras e infectas que guarnecem o porto, e são dominadas pela ponte gigantesca dum só arco, que se abre para deixar passar os navios de grande lote. Pois quando o céu está pardacento, essas casas horrendas, negras e infectas, são menos repugnantes à vista.

Esteja o céu azul, e brilhe um formoso sol, a cidade de Brest mostrar-se-á sempre triste monótona.¹¹⁶

Quando Du Terrail afirma que “Deus faz bem tudo quanto faz”, dá a entender que Brest é uma cidade triste e monótona por existir lá um presídio onde reside a própria tristeza, como se a cidade fosse uma representação de toda a dor e angústia que a personagem Rocambole passa e sente. A cidade é uma projeção da alma do forçado 117.

Assim como o verão e o sol representam a alegria, a chuva e o frio podem representar a tristeza, a depressão e a monotonia. Assim, pode-se dizer que a construção ficcional do espaço representa os sentimentos vividos pelos personagens, configurando uma analogia entre o espaço que ele ocupa e seus sentimentos.¹¹⁷

Ao chegar à Galé, Ponson conversa com o forçado 117 e descreve sua fisionomia sem disfarces e sem títulos falsos: “A sua fisionomia inteligente e distinta, o seu olhar sereno e seu porte altivo impressionaram-me ainda mais que na véspera.”¹¹⁸ Na Galé, o detento de número 117 está conformado com seu destino, que é ficar no presídio para o resto da vida. Contudo, os leitores ficam sabendo que aquela prisão não poderia conter o mestre dos disfarces e tramóias e que ele estava na prisão por sua própria vontade, pois desejava pagar por todos os seus erros, pois assim ele poderia se sentir melhor com relação à consciência.

Enquanto personagem do enredo, Ponson du Terrail se mostra muito ousado e insistente em seus objetivos. Determinado, interroga Rocambole, que se mostra obstinado em negar sua identidade. O forçado 117 não deseja ser visto como Rocambole, mas sim como

¹¹⁶ TERRAIL, Ponson du. *A verdade sobre Rocambole*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C, s.d. p. 43.

¹¹⁷ BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

¹¹⁸ TERRAIL, Ponson du. *A verdade sobre Rocambole*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C, s.d. p. 53.

José Fipart:

— O senhor é Rocambole!
 Nos lábios do forçado deslizou um sorriso.
 — Chamo-me José Fipart, como verificará pelo livro do registro.
 E no seu gesto e no seu olhar transpareceu qualquer coisa de estranho que me subjugou.
 Reconheci-me vencido pela extraordinária vontade daquele homem misterioso que não queria ser interrogado.
 Não encontrando qualquer pretexto para prosseguir, acendi um charuto para disfarçar a minha perturbação.¹¹⁹

Ponson, que já o havia interrogado anteriormente, insiste sem sucesso, pois o preso continua a negar sua identidade. Como o narrador-personagem não tem onisciência sobre os pensamentos das outras personagens, Ponson não tem como ter certeza se o forçado 117 é realmente Rocambole, mantendo o leitor curioso quanto à verdadeira identidade do protagonista da série e do homem aprisionado enquanto esse embate entre os dois se desenvolve na narrativa.

Ponson volta sem respostas à Paris, porém, ao chegar, recebe uma carta cujo conteúdo afirma que Rocambole o encontrará naquele dia às vinte e três horas, no quarto de hotel de Ponson. Às vinte e três em ponto o forçado 117 aparece. Rocambole dá-se a conhecer:

...Um homem de estatura regular, cabelos grisalhos e suíças ruivas. Por baixo do gabão, distinguia um uniforme da marinha.
 ... Seguidamente o desconhecido despiu o gabão, tirou a cabeleira grisalha e as suíças ruivas.
 —Confessa então que é Rocambole?
 —Sim, sou eu.¹²⁰

Rocambole procura Ponson e revela sua verdadeira identidade. Contudo, se utiliza do estratagema dos disfarces, muda os cabelos, as suíças e coloca roupas para impedir que o desmascarem e vejam nele o forçado 117. Assim, Rocambole conta sua verdadeira história à Ponson, com intuito de fazer com que ele a reescreva, ou melhor, que escreva uma história revelando seus erros do passado, sua conversão moral e, por consequência, seu caráter exemplar. Em *A verdade sobre Rocambole*, Ponson quer fazer crer aos leitores que, após esse encontro, ele teria passado dois anos escrevendo um romance da série, período este em que Rocambole está em outro país, envolvido em uma nova aventura, que dará origem a um novo

¹¹⁹ Ibidem, p. 59.

¹²⁰ Ibidem, p. 62.

romance. Por exemplo, enquanto Ponson escreve *A Ressurreição de Rocambole*, a protagonista está vivendo a aventura que dará origem ao romance *A última palavra de Rocambole*. Ao final dessa aventura, Rocambole escreve um manuscrito sobre o que vivenciou e o entrega a du Terrail para que seja publicado, dando origem a um novo romance.

A verdade sobre Rocambole expõe o momento em que o protagonista da série manifesta sua mudança de ordem moral, a partir dele, Rocambole é uma pessoa diferente, isto é, ele deixa de ser um anti-herói e se torna herói. A síntese dos romances da série Rocambole, evidencia em quais romances a personagem principal é um anti-herói, bem como em quais romances seus atos o classificam como um herói. À vista disso, a série se divide em dois grandes blocos, no primeiro, Rocambole é o que Gancho classifica como anti-herói, o qual é um protagonista que apesar de seu defeito de caráter obtém na diegese o lugar de herói, ainda que sem competência para tanto.¹²¹ Os romances em que Rocambole é um anti-herói são *A herança misteriosa*, *O clube dos Valetes de copas*, *As proezas de Rocambole* e *A desforra de Baccarat*, como já observado anteriormente.

No segundo bloco composto pelos romances: *Os cavaleiros do luar*, *O testamento do grão de sal*, *A ressurreição de Rocambole*, *A última palavra de Rocambole* e *A verdade sobre Rocambole*. Rocambole sofre uma mudança no caráter. Dessa forma ele torna-se um herói dotado de virtudes. Ele já não rouba, usurpa ou pratica atos de má fé contra os outros. Agora, ele é aquele com características superiores. Suas ações o tornam um paladino da justiça.

¹²¹ GANCHO, Cândida Vilares, op. cit. p. 08.

CAPÍTULO 3: DOS DISFARCES À METAMORFOSE

“—Bem vês que não sou um homem, disse ele; mudo de aspecto com essa facilidade.
—O senhor é com certeza o diabo, o Deus que os ciganos adoram”¹²²

3.1. O percurso dos disfarces e reconhecimentos na série Rocambole.

O reconhecimento - *anagnórisis* -, enquanto recurso da narrativa, está presente na *Poética* aristotélica, onde é definido como a passagem do ignorar ao reconhecer, que se faz para amizade ou inimizade dos personagens que estão destinados à dita ou à desdita. A *anagnórisis* assinala o momento da descoberta de um fato oculto, cuja revelação altera substancialmente o futuro das personagens.¹²³

Nos romances que compõem a série Rocambole, o disfarce e posterior reconhecimento provocam alterações constantes no curso da narrativa, ocupando, portanto, um papel fundamental em seu interior. Como se tentou assinalar anteriormente, a personagem Rocambole se disfarça em dezenas de personagens, com características das mais diversas. Seus disfarces têm um papel fundamental na economia da narrativa, pois são eles que permitem à personagem levar a cabo os embustes que, planejados com seu mestre ou não, tem por objetivo obter fortuna e retirá-los de sua condição social originária. É por meio do uso de disfarces que Rocambole e Williams, seu mentor, participam de um mundo do qual não fazem parte - aquele da nobreza -, mas do qual gostariam e planejam fazer, usurpando os títulos e a riqueza de condes e marqueses. A cada disfarce corresponde um posterior reconhecimento da identidade original das personagens, cujo desmascaramento implica, no mais das vezes, sua derrota. Tais derrotas, contudo, não os impedem de se disfarçarem nas narrativas subsequentes, o que sugere a importância da utilização desse recurso na série. Via de regra, o climax da narrativa se dá quando os disfarces caem por terra, ou seja, quando os segredos são desvelados e, assim, um novo mascaramento se torna condição necessária para que uma nova aventura ocorra na narrativa subsequente.

Dois romances podem ser considerados chaves para se estudar mais detalhadamente o disfarce e reconhecimento da personagem Rocambole. Esses romances são *A desforra de Baccarat* e *A Ressurreição de Rocambole*, uma vez que, no primeiro, Rocambole é

¹²² TERRAIL, Ponson du. *As proezas de Rocambole*. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871, p. 13.

¹²³ MOISÉS, Massaud, op. cit. p. 23.

desmascarado de tal forma que nunca mais volta a ser quem era antes, ou seja, o anti-herói ladrão, usurpador e assassino. No segundo romance mencionado, Rocambole morre para renascer outro homem, é nele que surge um herói tão destemido e ousado como o vilão de *A desforra de Baccarat*. Em suma, Rocambole tem que morrer vilão para ressuscitar herói.

O personagem utiliza seus últimos disfarces como anti-herói em *A desforra de Baccarat*, onde ele é o marquês de Chamery, título obtido ao prender o verdadeiro marquês e usurpar seu lugar. Desde o início desse romance Rocambole está muito abalado, como se a morte e profecia de sir Williams tivessem surtido efeito:

Rocambole não era mais que a sombra de si mesmo. Pálido, com o olhar turvo, e com todos os indícios da inquietação na frente, parecia o falso marquês imerso em mortal tristeza. Mergulhado numa espécie de prostração dolorosa, olhava em torno de si, como um homem para quem já é tudo de uma indiferença absoluta.¹²⁴

A morte de sir Williams, mentor de Rocambole, foi definitiva para o fracasso e o desmascaramento do protagonista, uma vez que, após ela, ele mudou totalmente sua postura. Rocambole não era mais o mesmo, vivia com medo, angustiado e sempre esperando que algo desse errado. É o que ratifica o excerto a seguir:

—Meu pobre Alberto... Disse ele, previno-te que me assusta.
 —Assusto-te eu? Por quê?
 — Porque é incompreensível sua tristeza, há dois meses para cá.
 —Pois é de fácil explicação, murmurou Rocambole. Bem sabes que amo Pepita.
 —Pois sim, daqui a mês e meio casas com ela.
 Rocambole abanou a cabeça.
 —Tenho pressentimento de que não, disse, mas tão baixinho que Fabien mal o ouviu.¹²⁵

Evidencia-se no discurso de Rocambole que antes mesmo de sua batalha com Baccarat ele já se sentia derrotado. Rocambole pressentia que, dessa vez, seus planos não iriam ter sucesso. Dito isto, voltemos à análise dos disfarces.

Ora, o disfarce não é um estratagema apenas de Rocambole, pois Baccarat, sua mais poderosa adversária, também usufruía dele com excelência:

Eu tornara escuro os meus cabelos louros, e soltara-os, tendo o maior cuidado em conservá-los emaranhados: levava as mãos mascaradas, e o meu

¹²⁴ TERRAIL, Ponson du. *A desforra de Baccarat*. 4 parte. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1981. p. 179.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 189.

trajo compunha-se dumas calças de lã, remendadas em mais de um lugar, dum par de socos, e duma camisola de riscado azul. Além disso, levava os cajados na mão, um alforje às costas, e um chapéu de palha, cujas abas me cobriam metade do rosto. Eram três horas e meia quando saímos de Clayet, eu e Jannet.¹²⁶

Baccarat disfarçara-se porque precisava ir até o palácio do falso marquês para confirmar se ele era realmente Rocambole. Mas como ela iria sem se revelar ao seu adversário? Ela se utiliza, enfim, da arma mais poderosa que Rocambole tem: os disfarces. Por meio deles, Rocambole chega onde quer e, também por meio deles, é vencido.

Disfarçada, Baccarat faz dois reconhecimentos ao chegar ao palácio do falso marquês. O primeiro é o do cadáver de sir Williams: “Eu que estava por detrás dele, fitei o defunto e achei, naquele rosto horrível, uma súbita revelação. Reconheci o sir Williams”¹²⁷. Baccarat reconhece sir Williams e, a partir desse momento, não tem dúvida de que o marquês de Chamery e Rocambole eram a mesma pessoa, pois onde sir Williams estava, seu discípulo também costumava estar. No meio da multidão que seguia o defunto, Baccarat faz o segundo reconhecimento, o de Rocambole:

E assim como no morto reconhecera já sir Williams, no mancebo pálido, e cuja fisionomia transtornada foi para mim uma nova revelação, reconheci Rocambole.

—É ele! Respondi eu.

—Rocambole?

—Sim!

—Está certa disso?

—Não tenho a mínima dúvida.¹²⁸

Esse reconhecimento é significativo para o desenrolar da trama, pois, a partir dele, a adversária de Rocambole tomará as medidas cabíveis para desmascará-lo frente a todos aqueles que foram enganados por ele.

A condessa Artoff, ou melhor, Baccarat, encontra o verdadeiro marquês de Chamery, que a ajuda a adquirir provas de que Rocambole é um impostor. O verdadeiro marquês afirma que tem um sinal no corpo que havia sido muito bem reproduzido por um desenhista em um retrato que se encontra em seu palácio. A condessa Artoff, disfarçada, consegue entrar no palácio e furtar o retrato que seria um elemento chave para a confirmação da usurpação da identidade por parte de Rocambole.

¹²⁶ Ibidem, p. 204.

¹²⁷ Ibidem, p. 207.

¹²⁸ Ibidem, p. 208.

Rocambole vai até o castelo em que o verdadeiro marquês de Chamery passou a sua infância e também é desmascarado pelo mordomo Antônio, o qual cuidara do verdadeiro marquês durante a infância. Antônio descobre o disfarce de Rocambole ao notar que ele não possuía o sinal de nascença na perna direita:

—Mente! Disse ele; não se trata de uma cicatriz, mas sim de uma nodoa de vinho... de uma nodoa das que nunca se apagam!

—Atrevido! Parece-me que estás desmentindo!

—O senhor não é o marquês de Chamery... não é o meu amo! Exclamou o velho.¹²⁹

Todos os reconhecimentos que foram feitos de Rocambole ocorreram em oculto, ou seja, Baccarat já havia o reconhecido, contudo não revelou ao impostor, portanto, até então ele não sabia que já haviam descoberto seus disfarces. Seu Antônio, por sua vez, foi o primeiro a enfrentá-lo e revelar a ciência de sua usurpação, pois ele não sabia que estava frente a um bandido destemido e da mais alta periculosidade. Rocambole mata o mordomo, que representava uma ameaça aos seus planos de continuar marquês e de se casar com Pepita de Sallandrela.

Ao saber do roubo do retrato, Rocambole entende que está em perigo, assim como imagina que sua adversária o desmascararia para sua futura noiva, Pepita. Em virtude disso, Rocambole viaja à Espanha, lugar onde sua noiva se encontrava, para descobrir se ela já tinha conhecimento de sua identidade, porém não sem antes se disfarçar. Seu novo disfarce é o de um russo chamado barão Polaski:

Era um homem a quem poderia atribuir quarenta e cinco ou cinquenta anos. Era de estatura mediana, magro e seco; e o rosto amarelado era encarquilhado como pergaminho velho. Os cabelos muito louros caíam-lhe bastos nos ombros e usava muito crescida a barba da mesma cor.

Este personagem, que mostrava nos olhos pardos, reflexos extraordinários, grande e perpetua mobilidade, este personagem dizíamos nós, trajava de modo singular para um homem que viaja sob o sol espanhol. Vestia um comprido casacão verde como a libré dos seus criados, debruado de peles, e guarnecido de alamares; calções curtos cinzentos, botas de couro da Rússia, e chapéu azul celeste com a forma octogonal do “chapska” polaco.¹³⁰

O objetivo do falso marquês, com esse disfarce, era descobrir o quanto Baccarat sabia de seus planos e que jogadas ela já havia realizado nessa batalha. Ele desejava aparentar alguém respeitável, passível de confiança, para isso, ele providenciou criados e roupas que

¹²⁹ Ibidem, p. 256.

¹³⁰ Ibidem, p. 303.

caracterizassem sua origem estrangeira. O disfarce de barão Polaski foi em vão, pois sua rival já havia o desmascarado para sua futura esposa, Pepita:

A condessa hesitou ainda alguns segundos, mas depois disse paulatinamente: — O mancebo que viu esta noite com a libré dos forçados; o mancebo a quem roubaram o nome, os haveres, a família, sabe como se chama? É o verdadeiro marquês Frederico Alberto Honorário de Chamery. V. Excia. ama Rocambole.

Pepita não soltou um grito, não proferiu uma palavra; mas recuou, estendeu os braços e caiu redondamente no chão.¹³¹

É assim que Rocambole tem seu disfarce descoberto. O desconhecido se torna conhecido, o oculto se revela, o velado se desvela. Tudo está acabado para Rocambole. A noiva da qual aspira a herança descobre sua mais escondida identidade: a identidade do moleque de Paris que já havia assassinado, sequestrado e usurpado títulos.

Esse é o clímax¹³² da diegese, o momento de maior tensão, o momento que todos esperavam: o desmascaramento final. É então que o personagem tem seus planos frustrados e tudo aquilo que ele planejou e pelo que lutou é perdido para sempre. O protagonista é vencido. Aquele de quem Rocambole usurpou a posição de marquês volta a seu lugar de direito. Rocambole vê o verdadeiro marquês casar com Pepita e se tornar um dos grandes nomes da Espanha. Enfim, Rocambole é vencido e destruído por Baccarat.

Ricoeur, em sua obra *O percurso do reconhecimento*¹³³, discute a passagem do disfarce ao reconhecimento ocorrido com Ulisses ao voltar a Ítaca, sua cidade natal. O herói é recebido como estrangeiro e hóspede em sua própria casa. Ulisses se revela a seu filho. Mas com Argos, seu cão fiel, ocorre algo diferente: o cão o reconhece, mesmo após vinte anos sem o ver.

Ulisses se disfarça de mendigo para entrar em sua casa e se submeter à prova de arco de que sai vencedor. Ele possuía uma cicatriz de um ferimento e uma velha serviçal o reconhece ao lavar seus pés: “—Ulisses, é você? — Ama, é você!”¹³⁴. O sinal da cicatriz revela o disfarce, pois o sinal é a marca na carne, enquanto o disfarce é apenas um envelope oportuno. Assim, Ricoeur destaca o ciclo de disfarces e reconhecimentos encontrados na

¹³¹ Ibidem, p.320.

¹³² Clímax é o momento culminante da história, isto quer dizer que é o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo. O clímax é o ponto de referência para as outras partes do enredo, que existem em função dele. Cf: GANCHO, op. cit., p. 06.

¹³³ RICOEUR, Paul. *O percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 90.

¹³⁴ Ibidem, p. 91.

Odisséia e a importância que cada reconhecimento tem na estrutura da narrativa.

Os reconhecimentos de Ulisses ocorrem em favor da personagem, pois permitem que ele tenha de volta sua casa, sua família e sua vida. Nesse sentido, é diferente do que acontece à personagem Rocambole, uma vez que o reconhecimento por alguém o leva à derrota, pois seu objetivo era não ser reconhecido.

Assim como Ulisses foi reconhecido por sua ama a partir de uma cicatriz, algo semelhante acontece no romance *A desforra de Baccarat*, pois Rocambole é desmascarado por seu Antônio, criado que nota que Rocambole não possuía a marca de nascença de Frederico de Chamery. Tanto Ulisses como Rocambole foram reconhecidos pelos serviços, porém, em um caso, para o seu bem – o de Ulisses – e no outro, para a sua desgraça – o de Rocambole.

A desforra de Baccarat segue também uma sequência de disfarces e reconhecimentos como *A Odisséia*. A princípio, Rocambole é o marquês de Chamery, que foi reconhecido por Baccarat, que reconhece também sir Williams. Esses reconhecimentos, contudo, servem à infelicidade de Rocambole. Baccarat também se disfarça, contudo não é reconhecida, o que é bom para seu papel de rival. Rocambole tem seu último disfarce desvelado por sua noiva Pepita. Esta sequência de reconhecimentos marca a trajetória da série.

3.2 A metamorfose de Rocambole.

“Rocambole dissera estas palavras com ar natural e simples, sem ênfase, mas, naquele momento, *pareceu-me que se transfigurava*. Cheguei a perguntar a mim mesmo se aquele homem seria o que eu vira na galé de Brest, envergando a libré da infâmia”.¹³⁵

A palavra *transfiguração* significa ação ou efeito de transfigurar-se e tem como sinônimos as palavras metamorfose, mudança e transformação. O termo é utilizado para salientar dois aspectos muito importantes do protagonista: o primeiro diz respeito às mudanças físicas que Rocambole apresenta no transcurso da narrativa, isto é, aos seus disfarces; mas o termo transfiguração também denota a mudança que ele sofre em seu caráter, ou seja, sua conversão moral. Tendo isto em vista, o título deste trabalho faz referência às transfigurações físicas mais superficiais da personagem, bem como à sua mudança de índole, que, por sua vez, é mais profunda.

¹³⁵ TERRAIL, Ponson du. *A verdade sobre Rocambole*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C, s.d. p.93-94. (Grifos nossos).

Como assinalado anteriormente, todas as atitudes do protagonista em *A desforra de Baccarat* nos levam a crer que ele é um anti-herói. No entanto, Rocambole é um personagem mutável. Após todas as suas façanhas de anti-herói, jamais alguém pensaria que ele poderia se tornar alguém melhor. Rocambole, porém, sofre uma metamorfose, ou seja, uma mudança, de caráter e comportamental. Bakhtin, em seu estudo *Questões de literatura estética – A teoria do romance*, afirma que metamorfose é uma transformação, basicamente uma transformação da identidade. Para ele, a metamorfose cria um tipo de representação da vida humana em seus momentos essenciais de ruptura e de crise: como um homem se transforma em outro, são dadas imagens completamente diferentes de um único homem. Nele estão reunidas diferentes etapas de sua existência¹³⁶.

A série Rocambole apresenta três representações diferentes de Rocambole, unidas e desunidas por sua crise de regeneração, que são: Rocambole anti-herói; o forçado 117 que nega ser Rocambole e que morreu para o mundo; e, por último, Rocambole herói.

O Rocambole vilão nunca ajuda ninguém e sempre pensa em seus próprios interesses. Culpa e entrega seu mentor, sir Williams, quantas vezes forem necessárias para se inocentar. Não conformado, mata-o, para nunca descobrirem seu passado. Contudo, sir Williams não é o único “parente” assassinado por Rocambole, pois ele não poupa nem a mãe adotiva, a tia Fipart, aquela que o tirara da rua e o criara como filho. Rocambole mata a mãe com as próprias mãos: “Estrangulei mal a tia Fipart... Sou um asno.”¹³⁷

Após todas as suas tramóias, Rocambole vilão é vencido e lançado à própria sorte na galé, lá ele passa 10 anos se purificando. No romance *A ressurreição de Rocambole*, o protagonista é o forçado 117, que faz um sacrifício expiatório, ou seja, paga seus pecados com a própria vida, pois ele afirma que morreu para o mundo:

—Deves sofrer muito aqui, na galé, não é verdade?
 —Sofro o meu castigo.
 —Deves, porém, ter horas de grande desespero.
 —Estou resignado.
 — Não sentes saudades do mundo em que viveu?
 —Não tenho saudades de coisa alguma, fui condenado com justiça, e morri para o mundo¹³⁸.

O forçado 117 é a primeira metamorfose sofrida por Rocambole, pois ele passa longos

¹³⁶ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 238.

¹³⁷ TERRAIL, Ponson du. *A desforra de Baccarat*. 4 parte. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1981, p. 32.

¹³⁸ TERRAIL, Ponson du. *A verdade sobre Rocambole*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C, s.d. p. 57.

anos conformado e aceitando seu destino, ou melhor, o castigo que lhe impuseram. A partir desse momento, dá-se uma mudança em seu caráter e comportamento.

O narrador descreve a fisionomia do forçado como alguém com um olhar melancólico, sereno e calmo. Ele já não é alguém com o olhar ameaçador e eloquente como nos outros romances. Sua metamorfose é total.

Rocamble, na galé, decide que poderia se redimir fazendo o bem, pois os dez anos que ficou confinado não foram suficientes para que ele se sentisse melhor. O forçado 117 acredita que não merece o perdão dos homens e nem de Deus, porém algo acontece e o faz mudar de pensamento: ele é perdoado por Branca de Chamery, aquela que foi sua doce irmã:

—Enquanto ela não soube coisa alguma, permaneci na galé.
Referia-se a essa mulher que no meu romance a chamei de Branca de Chamery, e a quem ele amava como se fosse sua irmã.
—Agora, porém, continuou ele, ela sabe tudo, e perdoou-me. Então como tinha o perdão daquele anjo, julguei-me com o direito do perdão dos homens. A minha intenção é por ao serviço do bem a inteligência que tive para o mal.¹³⁹

Após ser perdoado por Branca de Chamery, o forçado 117 resolve se perdoar e aceitar o perdão dos homens. E, para se redimir, coloca-se a serviço dos fracos. Assim, o forçado assume para Ponson du Terrail, narrador do romance que evoca o autor da obra, sua identidade, declarando ser Rocamble. Porém não se trata do Rocamble anti-herói, agora ele é o Rocamble herói.

Uma nova metamorfose o personagem sofre na série: Rocamble sai da galé, o que inicia *A ressurreição de Rocamble*. O título sugere que Rocamble morreu, pois para ressuscitar se deve morrer primeiro. No entanto, Rocamble não morre fisicamente, mas sim para o crime, para a desonestidade e para si mesmo. Rocamble ressuscitou para a justiça, para os necessitados e para deter os malfeitores. Dessa forma, morre o Rocamble anti-herói e nasce o Rocamble herói.

O romance *A ressurreição de Rocamble* é uma peça chave para se entender a metamorfose do personagem, pois é o romance que marca o momento de sua transformação. A exposição desse episódio se inicia com o protagonista ainda na galé. Grande parte do enredo tem como espaço o presídio de Toulon, onde encontrou sua remissão e os discípulos fiéis que o ajudarão em sua jornada futura. Rocamble tem como companheiro Milon, forçado que lhe entrega sua primeira missão em prol do bem. Milon fora preso injustamente

¹³⁹ Ibidem, p. 93.

pelos irmãos de uma senhora a quem servia. Esta era uma baronesa que tinha duas filhas e uma avultosa herança deixada por seu marido. Para ficarem com sua herança, os irmãos da baronesa a envenenam, mas, antes, ela esconde as suas filhas em um orfanato. As meninas não sabiam sobre sua origem e nem sobre a herança que possuíam, razão pela qual viviam na mais absoluta pobreza. Mas Milon recebera de sua ama, antes de ser preso, um cofre com dinheiro e um manuscrito, que ele esconde no subterrâneo de uma casa. A jornada de Rocambole nesse episódio é, assim, vingar a morte da baronesa e recuperar a herança de suas filhas.

Rocambole sai do presídio para encontrar outra personagem que será sua discípula na execução desses planos. Para sair de Toulon, Rocambole se disfarça de funcionário do local: “Ora, o estojo contem sempre uma barba postiça, um par de bigodes e cabelos destinados a cobrirem a cabeça rapada do forçado.”¹⁴⁰ Rocambole sai do presídio e encontra uma moça chamada Vanda, que será uma personagem de fundamental importância para a trama, pois ela o ajudará quando ele se evadir do presídio para sempre.

A importância do disfarce para o enredo se deve ao fato de ser a primeira vez que o personagem se disfarça para praticar ações virtuosas, depois de dez anos como o forçado 117. Ele se transforma moralmente, mas continua usando a mesma astúcia que usava quando anti-herói, porém agora para ajudar ao próximo, ou seja, nessa nova vida, os disfarces, apesar de mascararem, velarem e não mostrarem a verdade, não necessariamente representam algo negativo.

Rocambole foge e, com ele, leva outros personagens que são: Milon; João, o algóz; o Boné verde; e Vanda, que já os esperavam em um navio próximo ao presídio. Rocambole conquista discípulos fiéis, pessoas que confiam nele com toda a convicção, sem ao menos saberem quem era o seu mestre. Rocambole consegue seus discípulos sem ter um nome, ele é apenas o 117, porém, após a fuga, Rocambole se revela a eles. Ele revela seu nome por vontade própria, ou seja, não é desmascarado e exposto para todos como nos episódios anteriores. Ele se revela e isso não muda a sua condição no enredo, pois ele continua sendo respeitado por todos: “— Querem saber o meu nome? Chamo-me Rocambole! E o brigue continua singrando rapidamente para o alto mar.”¹⁴¹. O brigue continuar em alto mar, rapidamente, o que representa a calma mesmo após a sua revelação. A partir de sua

¹⁴⁰ TERRAIL, Ponson du. *A ressurreição de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Guimarães C^a Editores, 1914, p. 36.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 78.

metamorphose em Rocambole herói, as revelações de sua identidade não terão mais um caráter negativo.

A complicação do enredo se dá na disputa entre Rocambole e os irmãos da baronesa que teve a herança roubada e sua vida ceifada. Esses irmãos são Karl e Phillippe de Morlux. As moças, filhas da baronesa Miller, são Antonieta e Magdalena. Ambas foram entregues a um orfanato que não funcionou por muito tempo, razão pela qual as meninas foram adotadas pela diretora do abrigo. Depois de crescidas, Antonieta ficou com sua mãe adotiva e Magdalena foi viver como criada de uma senhora na Rússia.

Os irmãos Morlux nunca tiveram notícias de suas sobrinhas e viviam tranquilamente, sem risco de terem suas heranças ameaçadas. Porém as peripécias continuam a operar na série. O filho de Phillippe Morlux, Agenor, se apaixona por Antonieta e anuncia sua paixão para seu pai, que descobre o parentesco com a jovem.

Os irmãos Morlux enviam Agenor para outra cidade, para afastá-lo de sua amada. Contratam um homem chamado Timoleon para fazer com que Antonieta seja presa. Rocambole descobre o ocorrido e se disfarça de major Avatar para resolver o problema. Com o disfarce, Rocambole consegue adentrar no mundo burguês dos Morlux e torna-se sócio do clube que eles frequentam. Agenor de Morlux, que é um dos sócios, fica bastante curioso ao ver a figura do major Avatar:

—Como se chama ele? perguntou Agenor de Morlux que acabava de entrar naquele momento.

— O nome é singular mesmo para um russo, chama-se major Avatar.

—Isso é um nome índio?

—Não é nome e sim um verbo, respondeu o presidente, um verbo que quer dizer: encarnar-se. Quando eu lhes tiver contado a sua história que me foi afiançada autenticamente por um príncipe russo que todos conhecemos, o coronel Karinoff, terão a explicação do nome.¹⁴²

Encarnar significa dar forma a; ser a imagem viva de; representar um papel; personificá-lo; tornar um corpo de carne; assumir um papel, o espírito de uma pessoa.¹⁴³

O nome Avatar, que também remete a um processo metamórfico, de transformação, significa tudo o que a personagem Rocambole representa, não apenas nesse episódio, mas em toda a série. O nome é uma metáfora do que ele é: uma encarnação. Rocambole dá forma a

¹⁴² TERRAIL, Ponson du. *A ressurreição de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Guimarães Ca Editores, 1914, p.99.

¹⁴³ Significado da palavra “encarnar”. Cf. Dicio. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/encarnar/> Acesso em: 30 de dez. 2015.

seus disfarces, fazendo com que eles ganhem vida, ele os encarna. Rocambole não poderia inventar um nome melhor para seu disfarce, pois nesse momento ele encarna um major que irá mudar a vida de umas pobres moças. Ele se encarna em um major que possuía uma história de vida admirável, o que o faz adentrar em portas que estavam fechadas. As portas se abrem para o major Avatar.

O nome também representa a nova forma que Rocambole assumiu ao se tornar Rocambole herói: ele se tornou a imagem viva da honestidade e da benevolência, ele se torna a própria personificação da justiça. Como ele afirma em uma conversa que teve com Ponson du Terrail:

—Se Deus não me conceder a paz do túmulo, continuarei a aparecer em toda a parte onde houver vítimas e opressores, a prestar o meu auxílio desinteressado.

Rocambole dissera estas palavras com ar natural e simples, sem ênfase, mas, naquele momento, *pareceu-me que se transfigurava*. Cheguei a perguntar a mim mesmo se aquele homem seria o que eu vira na galé de Brest, envergando a libré da infâmia.¹⁴⁴

Rocambole torna-se, portanto, um justiceiro, um herói que escuta o chamado de socorro e aparece para salvar os necessitados.

Ponson du Terrail, como autor e narrador do romance *A verdade sobre Rocambole*, afirma que, no momento em que Rocambole dizia isso, ele pareceu se transfigurar, ou seja, ele se metamorfoseou, se transformou, mudou. Esse foi o momento da metamorfose de Rocambole, o momento em que aceitou ser herói.

O romance *A ressurreição de Rocambole* também é marcado por um percurso de disfarces e reconhecimentos, assim como *A desforra de Baccarat*. Todos os reconhecimentos, porém, não levam Rocambole à derrota. Ainda na galé Rocambole efetua seu primeiro disfarce, funcionário do presídio, mas não é reconhecido. O próximo disfarce é de major Avatar: “É um homem de estatura regular que terá quando muito trinta e seis anos. Tem os olhos azuis, a barba espessa e preta, bonitas mãos e aspecto distinto.”¹⁴⁵ Como major Avatar, Rocambole é reconhecido por Timoléon, seu inimigo, porém esse reconhecimento não prejudica os planos do protagonista. Rocambole também se disfarça de médico do senhor Morlux e, com isso, consegue adentrar na casa do barão para descobrir seus planos: “Era um

¹⁴⁴ TERRAIL, Ponson du. *A verdade sobre Rocambole*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C, s.d. p. 93-94. (Grifos nossos)

¹⁴⁵ TERRAIL, Ponson du. *A ressurreição de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Guimarães C^a Editores, 1914, p.98-99.

homem de trinta e cinco anos, de estatura média, mais preto do que mestiço, com barba e cabelo encrespado”¹⁴⁶. No disfarce de médico, novamente Rocambole é reconhecido por Timoléon. É preciso observar, porém, que todas as vezes em que Rocambole é reconhecido, o objetivo de seu disfarce já havia sido alcançado, ou seja, não faz diferença ele ser ou não reconhecido, pois esses disfarces não eram máscaras que ele queria manter por muito tempo, como desejou manter como marquês de Chamery. Assim, a maioria dos reconhecimentos de Rocambole como herói não o levam à derrota de seus objetivos no enredo. O ciclo de disfarces e reconhecimentos de Rocambole, mesmo após sua remissão, não minimizam, pois esse ciclo é fundamental na série para o andamento da diegese.

As peripécias continuam fortemente presentes no enredo. Os personagens começam a se cruzar por meio de laços familiares, amizades ou apenas por acaso. Milon, amigo fiel que fugira da galé com Rocambole, é primo da síndica do prédio em que Antonieta reside. Outra peripécia, já mencionada anteriormente, diz respeito à paixão de Agenor pela moça de quem seu pai roubou a herança e matou a mãe. Outra coincidência encontrada no enredo é o fato de Rocambole alugar um quarto ao lado daquele médico que foi pago para envenenar a baronesa Miller, mãe de Antonieta e Magdalena. Este médico sofre grande tormento todas as noites por culpa do que fez à baronesa. Rocambole sequestra o médico para usá-lo como prova para prender os irmãos Morlux.

As reviravoltas, também chamadas de surpresas, são acontecimentos inesperados pelo leitor, que mudam todo o percurso do enredo. Na série, elas têm uma preparação cuidadosa pelo narrador, que dá as informações ao leitor a fim de que a surpresa seja convincente quando revelada. Como, por exemplo, quando Timoléon descobre que Rocambole e o major Avatar são a mesma pessoa e descobre também o local de encontro dele e de seus discípulos. Em seguida, Timoléon rouba uma carteira com dinheiro do senhor Morlux e a coloca na casa de Rocambole e seus amigos e, por fim chama a polícia para que eles sejam presos. O narrador mostra Rocambole entrando na casa e, em seguida, a polícia chegando, os leitores provavelmente ficam apreensivos e na dúvida sobre a prisão de Rocambole. Porém, após todo o susto, o narrador resolve explicar como Rocambole e seus amigos conseguiram se livrar da armadilha. Ao chegar à casa, a polícia não encontra ninguém e nem o dinheiro posto por Timoléon para incriminá-los, pois Rocambole e seus amigos, ao verem a movimentação da polícia fora da casa, fogem com o dinheiro por uma passagem subterrânea que dava para outro bairro.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 118.

Antonieta é presa. Rocambole envia Vanda para protegê-la e salvá-la da prisão. Vanda toma e dá também a Antonieta um comprimido que faz com que elas pareçam doentes e sejam levadas para uma sala separada dos dormitórios das outras condenadas. Vanda dá outro comprimido a Antonieta, fazendo com que ela pareça morta. Ela sai da prisão com seu atestado de óbito, cuja função é parecer morta para os Morlux. Porém, ao sair do presídio, Rocambole recupera seu corpo e lhe dá um antídoto que a faz reviver.

O narrador apenas informa que Antonieta morreu, sem explicar de que forma. Assim, os leitores ficam novamente na expectativa e na dúvida sobre o destino da moça, já que apenas depois ela revela, por meio de flashback, que tudo fazia parte dos planos de Rocambole.

Deve-se apontar que nessa obra o enredo é interrompido em seu clímax, pois ora o narrador narra o que acontece com Rocambole e seus amigos, ora narra o que acontece a Antonieta. No momento de maior ação, ele interrompe a narrativa de uma personagem e volta para a narrativa de outros personagens. Essas paralisações no curso das diferentes narrativas tornam o enredo mais interessante, uma vez que criam suspense.

Segundo Reis e Lopes¹⁴⁷, essas intercalações na sequência do enredo são denominadas *alternância* e ocorrem quando duas histórias são contadas de forma alternada, ou seja, uma sequência se interrompe para dar lugar a outra, revezando-se assim em sequência.

O narrador da série Rocambole intercala as tramas da narrativa, deixando em suspense uma história para iniciar ou dar continuidade a outra, no mesmo enredo. Como nos demais romances, o narrador também é heterodiegético, ou seja, relata uma história que não é sua e da qual não participa. Via de regra, no romance há predominância do discurso direto¹⁴⁸. Pode-se dizer, inclusive, que toda a série Rocambole é marcada pelo uso do discurso direto.

Relacionado a isto, lembre-se que, conforme aludido anteriormente, a série Rocambole foi publicada primeiramente em folhetim, com enredo que apresenta as ações de modo quase teatral, ou seja, como se a narrativa fosse composta para teatro, com a presença ostensiva de diálogos. É o que assinala Silva sobre o folhetim:

Peripécias se multiplicam e se resolvem em ondas sucessivas e o suspense é mantido a cada capítulo como finais de múltiplos atos, cheios de revelações e surpresas, *animados por diálogos vivos e rápidos, dispostas as personagens como numa cena teatral*. Uma vez mais se constata a influência

¹⁴⁷ REIS e LOPES, op. cit., p. 148.

¹⁴⁸ Discurso direto são as palavras supostamente pronunciadas pela personagem e que constitui, por isso mesmo, a forma mais mimética de representação. Cf: REIS E LOPES, op. cit., p. 275.

do melodrama, lembrando que foram sobretudo homens de teatro, como Alexandre Dumas, que aprimoraram a técnica do folhetim...¹⁴⁹

Como assinala Silva, o folhetim foi, de certa forma, influenciado pelo melodrama e pelo teatro. Isso explica o fato de a série Rocambole apresentar muita ação e uma quantidade significativa de diálogos vivos e rápidos, como exposto no excerto acima. Há mesmo várias páginas do romance cujos fatos se passam sem que o narrador interfira, uma vez que a ação se dá por meio dos discursos diretos das personagens, como em uma peça teatral.

Voltando à estrutura do enredo, o desfecho da diegese se dá com Rocambole restituindo Antonieta ao seu amado Agenor, que já estava ciente sobre a identidade de seu pai e tio. Antonieta está a salvo, contudo sua irmã Magdalena corre perigo, pois seu tio viaja à Rússia para destruí-la. Rocambole, além de vencer Morlux, também tem que vencer Vasilika, mulher que deseja matar Magdalena, por amarem o mesmo homem. Porém todas as complicações do enredo são resolvidas pelo mestre Rocambole. Mais uma missão foi concluída pelo herói de mil faces.

3.3. O signo Rocambole.

“Escreve-se Rocambole, e lê-se Milagre!”¹⁵⁰

Segundo David Lodge, em *A arte da ficção*¹⁵¹, os nomes dos personagens nunca são por acaso, nunca significam algo corriqueiro. O batismo dos personagens é uma das partes mais importantes da criação de um autor, pois o nome passa a ser parte inseparável dos personagens. Ora, Ponson du Terrail dá o nome Rocambole para o protagonista da série, signo que pode ter várias acepções. No dictionnaire de français “Littre”¹⁵² Rocambole apresenta três significados: nome vulgar do alho espanhol, o que há de mais picante em alguma coisa e conversa mole.

O conceito-chave para se entender a definição do nome Rocambole a partir das acepções do dicionário é o conceito “o que há de mais picante em alguma coisa.” Isto é, a personagem Rocambole é o elemento que apimenta e dá sabor a narrativa. Rocambole é

¹⁴⁹ SILVA, Flávio Luiz Porto e. *Melodrama, Folhetim e telenovela: Anotações para um estudo comparativo*. FACOM - nº 15 - 2º semestre de 2005, p. 49. (Grifos nossos).

¹⁵⁰ TERRAIL, Ponson du. *A verdade sobre Rocambole*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C, s.d. p. 6.

¹⁵¹ LODGE, David. *A arte da ficção*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 47.

¹⁵² Dictionnaire de français “Littre”. Disponível em:

<http://littre.reverso.net/dictionnaire-francais/definition/Rocambole>. Acesso em: 04 de abr. 2016.

intenso, ninguém sabe como nasceu ou como morreu, ele não tem fim, morre e ressuscita. É uma personagem com idas e vindas para os mais diversos caminhos, seja para bem ou para o mal. O nome Rocambole é um signo que define como a personagem é. Ele se envolve em tramas sem fim, que não se sabe onde começam ou terminam, quando se pensa que é seu fim, ele renasce e inicia o mesmo círculo, ele se reinventa, morre e renasce sempre diferente.

Ora, como já observado, os nomes dos personagens pressupõe algo sobre as personagens, ou seja, eles constroem um universo de inferência. Segundo Reis e Lopes¹⁵³, os nomes garantem a continuidade de referência ao longo do sintagma narrativo, já que através dele se mantém a identidade da personagem. Nos romances oitocentistas, o nome opera a unificação dos traços distintivos da personagem.

Os nomes demarcam, portanto, os traços característicos das personagens, ou seja, informam algo sobre a personalidade ou alguma característica física deles. Nesse sentido, o nome Rocambole é um signo na série, isto é, algo referido no lugar de outra coisa. Segundo Saussure, os signos linguísticos são responsáveis pelas representações das ideias, eles unem não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem.¹⁵⁴ Então que ideia a imagem e o conceito “Rocambole” representam para os seus inimigos? Quem é esse homem que fez seu antagonista enlouquecer de medo? Timoléon maquinou um plano para prender Rocambole, contudo seus planos não deram certo, no momento que ele se deu conta que Rocambole iria se vingar, foi tomado por um desespero súbito:

Timoléon parecia dominado por um verdadeiro terror, fugia correndo como louco, como se Rocambole o perseguisse.
O sr Morlux conseguia afinal alcançá-lo, e pôs-lhe a mão no ombro dizendo:
—Que isso, homem, você enlouqueceu?
— Não, respondeu Timoléon, mas tenho medo. Rocambole é como o javali: não lhe escapam aqueles que o erram, e os seus golpes são mortais. Rocambole é um homem a quem é preciso apanhar de surpresa. Seria necessário encontrá-lo a dormir, ou não esperando o assalto, no momento, porém, que não o filaram, não lhe deitarão mais a mão.¹⁵⁵

Timoleon é um vilão influente, porém seu desespero mostra como ele se sente inferior a Rocambole. O que o signo Rocambole representa a Timoléon, que enlouqueceu ao desconfiar de sua possível captura pelo protagonista? Rocambole representa o *poder*. Timoléon o comparou a um javali de cujos golpes não escapam aqueles que o erram. O nome

¹⁵³ REIS e LOPES, op. cit., p. 214.

¹⁵⁴ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, p. 80.

¹⁵⁵ TERRAIL, Ponson du. *A ressurreição de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Guimarães C^a Editores, 1914, p. 131-132.

Rocamble representa, assim, uma grande ameaça para os seus inimigos, a ponto de Timoléon acreditar que para apanhá-lo é necessário surpreendê-lo ou encontrá-lo dormindo. Rocamble é símbolo de força, poder, controle, influência, domínio e soberania que provocam terror e medo aos coadjuvantes da trama.

Para seus discípulos, Rocamble representa um *mestre*, aquele que deve ser respeitado, ouvido e obedecido: “—Mestre, disse Milon, não posso compreender qual seja o seu fim. —Habitua-te a não compreender e a obedecer, respondeu o cento e dezessete”.¹⁵⁶ Milon obedece a Rocamble sem ao menos saber quais são seus planos. Ele tem por seu mestre uma submissão sem limites; para ele, Rocamble é símbolo de reverência e devoção. Com João — o algoz—, não é diferente, ele segue Rocamble e torna-se seu escravo:

O algoz abafou um grito e exclamou:
 — É capaz de livrar-me?
 —Sou.
 —E essa nodoa infame que mancha a minha vida, desaparecerá?
 — Se eu quiser.
 —O que é preciso que eu faça para isso?
 —Ser meu escravo, respondeu o cento e dezessete.¹⁵⁷

Rocamble representa um *amo* para João, que o obedece não apenas como mestre, mas como patrão e senhor. Rocamble fascina com seu olhar e faz com que todos acreditem em suas promessas. O discurso dos personagens confirma a soberania de Rocamble sobre todos. Rocamble é visto como um deus ou demônio por eles. Os fugitivos admiram e exaltam Rocamble:

—Oh mestre, exclamou Milon, quem é o senhor que suspende o ferro que vai decepar uma cabeça, e domina a cólera dos mares?
 —Quem és tu demônio, acrescentou Vanda, cujo olhar penetrou no fundo da minha alma?
 — O que fiz eu mestre, disse o condenado, para me arrancar do patíbulo?
 — E eu, acrescentou o algoz, visto que me estendeu a mão, ousarei perguntar o seu nome?¹⁵⁸

Nota-se, pelo discurso das personagens, que eles próprios têm dificuldade em acreditar no poder que o protagonista representa no enredo. O algoz nem ao menos tem a ousadia de perguntar seu nome, acreditando não ser digno de o saber, como se Rocamble fosse uma divindade. Vanda acredita tanto em seu poder que o chama de demônio, confirmando a ideia

¹⁵⁶ Ibidem, p. 57-58.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 64.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 77.

de divindade, já exposta pelo algoz. Rocambole tem um olhar e um poder que penetram no fundo de sua alma. Rocambole, para seus discípulos, representa um deus que não deve ser questionado.

Por outro lado, Rocambole também é signo de *justiça*. Ao encontrar o médico assassino que envenenou a baronesa Miller, Rocambole o questiona pelo assassinato e afirma fazer justiça:

— Senhor, disse o major Avatar, a justiça é a coisa mais sagrada que há neste mundo, abaixo de Deus. Ora, eu venho de *parodiar a justiça*. Não sou agente da polícia, nem juiz, contudo, prendi-o e estais em meu poder.

O doutor sentiu-se profundamente indignado.

— Mas então quem é você, miserável? Exclamou ele.

— Sou um homem que quer vingar as injúrias, e punir os criminosos, respondeu o major Avatar com tranquilidade solene. Não sou nem juiz que condena legalmente nem a providência que fere os grandes culpados, mas sou talvez o instrumento escolhido por Deus.¹⁵⁹

Rocambole julga-se um instrumento escolhido por Deus para trazer justiça aos necessitados. Mesmo não sendo um agente da polícia, ele se sente no direito de julgar e condenar os que, aos olhos dos homens, cometeram um crime. Rocambole acredita estar acima da lei, uma vez que, mesmo sabendo não ser juiz ou agente de polícia, prende um homem. Nesse momento, Rocambole é símbolo da *justiça*. O narrador, em outro momento, compara Rocambole à própria justiça: “Estava frio e sereno como a justiça.”¹⁶⁰

O protagonista também é símbolo de *eloquência e fascinação*. Seu olhar consegue convencer o mais poderoso dos homens. No enredo de *A ressurreição de Rocambole*, o personagem convence o criado do senhor Morlux a levá-lo para dentro da casa, a fim de escutar a conversa de Karl e Phillippe Morlux, o que o ajuda a saber o que tramavam contra ele:

Quando chegou à escada encontrou o criado que trouxera sem o saber, os vinte mil francos da casa do banqueiro. Era a verdadeira ocasião de pôr em prática o maravilhoso dom de fascinação que possuía.

O enfermeiro acanhado transformou-se subitamente no bandido ousado, no forçado 117, no homem que fazia curvar sob o seu olhar o mais esperto e resoluto. O criado voltou a cabeça para o lado não podendo suportar aquele olhar de fogo...¹⁶¹

¹⁵⁹ Ibidem, p. 150-151. (Grifos nossos).

¹⁶⁰ Ibidem, p. 168.

¹⁶¹ Ibidem, p. 22-23.

O narrador enfatiza que Rocambole tem um olhar fascinante. Todos se curvam diante desse olhar, cuja força compara-se à do fogo. Rocambole tem o dom de manipular e convencer apenas com o olhar. É o mesmo olhar que Vanda disse penetrar no fundo de sua alma e que convence os homens a tornarem-se seus escravos. É também com o olhar que Rocambole convenceu o personagem chamado Augusto, cuja função na trama é entregar uma carta de Antonieta ao seu amado Agenor. Ora, Augusto é encarregado de entregar a carta apenas ao próprio Agenor, porém Rocambole, com seu olhar fascinante, o convence a entregar-lhe a carta: “Ao mesmo tempo o major fixou em Augusto o olhar dominador, com o qual em certas circunstâncias o forçado 117 vira curvar-se diante de si todos os seus camaradas da grilheta. Augusto sentiu-se dominado.”¹⁶² Ponson atribui a seu protagonista o poder de manipular os demais personagens. Isso é um dom muito poderoso, pois Rocambole pode fazer discípulos tanto para praticar o bem como o mal. Quando anti-herói, Rocambole não aprecia trabalhar em equipe, chega a matar seu próprio mestre, pois preferia seguir seu caminho sozinho. Contudo, quando se metamorfoseia, toma para si discípulos que são governados apenas com o seu olhar penetrante.

No romance *A última palavra de Rocambole*, o protagonista utiliza mais vezes o seu poder de fascinação, dessa vez, para uma multidão. Os devastadores desejam Rocambole como chefe da associação, contudo o Pasteleiro, seu antagonista, faz uma contenda entre eles. Rocambole precisa do seu dom para “virar o jogo”:

Nunca Rocambole precisara tanto do seu singular *poder de fascinação* como naquele momento. Na taberna estavam trinta homens.

Rocambole estava meio vestido, com armas e com a camisa aberta no peito, a fronte erguida, resplandecente de altivez e de indiferença. O seu olhar pesava sobre os bandidos como uma ameaça desconhecida e terrível. O próprio pasteleiro empalidecera. Rocambole desceu o último degrau da escada e dirigiu-se ao Pasteleiro. Este recuou.¹⁶³

O narrador descreve o semblante do protagonista, de modo a demonstrar que Rocambole é um homem que transmite confiança a outrem. Sua fronte estava erguida, demonstrando segurança e confiança, seu rosto é resplandecente de altivez, ou seja, de orgulho e convicção. Ele tem o aspecto de um líder, de quem governa e sabe comandar. Todos temem e se sentem manipulados pelo poder que o signo Rocambole transmite.

¹⁶² Ibidem, p. 84.

¹⁶³ TERRAIL, Ponson du. *A última palavra de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1870, p. 27. (Grifos nossos)

Todos os signos atribuídos a Rocambole têm na segunda parte da série cunho positivo, como: força, poder, controle, influência, justiça, eloquência, fascinação e etc. Contudo, Rocambole já havia sido um anti-herói da mais alta periculosidade, representando a maldade, a injustiça e a ingratidão.

Em *As proezas de Rocambole*, o protagonista é símbolo da *usurpação*. Sem o menor remorso, ele deixa presa na concavidade de uma caverna uma personagem que havia salvado a sua vida, e faz isso para usurpar o seu lugar de marquês:

— É evidente que se eu não tirar dali o meu amiguinho, ele por si nunca o poderá conseguir. Isto é um rochedo, donde de certo se passam meses donde de certo se aporte um barco de pesca. Se eu, há pouco, me sentisse bastante forte, para me deitar novamente a nado, e poder chegar à terra levando comigo o canudo de folha de Flandres, podia muito bem ser marquês dentro de vinte e quatro horas, um marquês a valer, munido de excelentes pergaminhos, e possuidor de um rendimento de setenta e cinco mil libras.¹⁶⁴

No excerto acima se percebe que ele planeja usurpar o lugar do marquês de Chamery. O canudo que ele afirma levar consigo são os documentos comprobatórios do título de marquês que o homem possui. Destarte, Rocambole pode ser considerado símbolo de usurpação, pois ele faz bem mais que roubar os bens do marquês, ele rouba a identidade e a sua vida. Não apenas no romance *As proezas de Rocambole* o protagonista usurpa heranças e títulos de outrem. O enredo da primeira parte da série é marcado por constantes mistérios que envolvem roubos de títulos, dinheiro e bens. Esses roubos fazem parte do que Rocambole é, de sua representação, ou seja, da formação de seu ser. Dessa forma, Rocambole é a própria representação e imagem da usurpação e do roubo.

Nessa primeira parte da série, o protagonista também é a própria representação da *morte*. Por onde ele passa, ceifa as vidas daqueles que o contrariam. Das mãos da morte poucos escapam. Ele tira de seu caminho, por exemplo, D. José, noivo de Pepita, e Chateau-Mailly, homem interessado em casar-se com Pepita. Nem aqueles que cuidaram e protegeram Rocambole conseguiram escapar da morte, quais sejam: sua mãe adotiva, Fipart, e seu mentor, sir Williams. Rocambole deixa um rastro de morte por onde passa, ele é como a guerra. Suas mãos são manchadas de sangue. Percebe-se isso no trecho do romance *Os cavaleiros do luar*: “—Principiei por ser ladrão, e fui depois assassino... Não tenho menos

¹⁶⁴ TERRAIL, Ponson du. *As proezas de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871, p. 26.

d'uma dúzia de mortes a pesar-me na consciência.”¹⁶⁵ Nesse discurso direto, Rocambole revela a quantidade de vidas que já ceifou. Ele não oferece um número exato, pois, ao certo, nem ele sabe a quantidade. Isso prova que matar não era algo de grande importância para ele, mas algo comum, que não precisava ser lembrado.

No romance *A ressurreição de Rocambole*, após Antonieta sair morta do presídio, o protagonista da série afirma que, se ele assim o desejar, ela ressuscita: “—Essa, prosseguiu Rocambole, pode sair de seu caixão, abrir os olhos, viver e dar-lhe a mão se eu quiser — Se o senhor quiser? Exclamou Agenor. — Oh eu bem sabia! Exclamou Milon. O mestre é capaz de zombar da morte e fazer com que ela lhe obedeça!”¹⁶⁶. Para zombar da morte, é preciso lhe ser íntimo, quase uma projeção dela. Esse excerto apenas confirma que Rocambole representa a morte, uma vez que ele pode entregar um ser a ela ou tirá-lo dela.

No romance *A verdade sobre Rocambole*, o editor, em um prefácio, afiança que Rocambole é um milagre: “Como dizia Júlio Cesar Machado: “Escreve-se Rocambole, e lê-se Milagre!”¹⁶⁷

Segundo o dicionário Michaelis, milagre é um fato que se atribui a uma causa sobrenatural, algo difícil e insólito, que ultrapassa o poder da natureza, a previsão dos espectadores, fato que, pela raridade, causa grande admiração, intervenção sobrenatural, efeito cuja causa escapa à razão humana¹⁶⁸. Rocambole realiza ações sobrenaturais, como por exemplo, ressuscitar Antonieta ou parar uma guilhotina no momento da decapitação de um homem. Ele ultrapassa a razão, suas ações estão além da compreensão humana e admiram a todos. Dessa forma, Rocambole é signo de *milagre*.

No transcurso do enredo da série Rocambole vários são os adjetivos que são atribuídos a Rocambole. Muitos deles retratam sua natureza. Signo é um sinal indicativo, um símbolo, ou seja, aquilo que simboliza, representa algo ou marca. Rocambole é sempre visto com admiração por todos, seja pelas ações que os homens julgam boas, seja praticando a maldade. Neste tópico se buscou assinalar os vários signos que Rocambole assumiu no decorrer da trama. Ele é visto como a própria personificação de um deus, da justiça, da fascinação, do poder, da morte e do terror. Rocambole abrange muitos signos em sua passagem pela série.

¹⁶⁵ TERRAIL, Ponson du. *Os cavaleiros do luar*. Lisboa: João Romano Torres, s.d, p. 182.

¹⁶⁶ TERRAIL, Ponson du. *A ressurreição de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Guimarães C^a Editores, 1914, p. 189.

¹⁶⁷ TERRAIL, Ponson du. *A verdade sobre Rocambole*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C, s.d. p. 06.

¹⁶⁸ Conceito de milagre. Cf: Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=milagre> Acesso em: 12 de jan. 2016.

Destarte, ele é a personagem mais surpreendente e brilhante de Ponson du Terrail, aquele que faz qualquer um cair aos seus pés com o poder de seu olhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a série Rocambole de Pierre Alexi Ponson du Terrail é perceber o quanto esse vasto material literário ainda precisa de estudos. Nesse sentido, diante do exposto nesta dissertação, constatou-se que a série Rocambole teve um grande sucesso literário, não apenas na França, país de origem, mas também em Portugal e no Brasil. Ponson du Terrail pode ser considerado um romancista de sucesso também entre parte dos leitores de Belém do Pará no século XIX, uma vez que seus romances constam ainda hoje em grande escala no acervo do GLPP. Contudo, os romances de Ponson du Terrail que mais estão completos neste acervo são os da série Rocambole, visto isso, Rocambole pode ser considerado um fenômeno de leitura em Belém.

Muitos dos intermediários literários, como editores, tradutores e tipógrafos portugueses contribuíram de forma significativa para a circulação desses romances em terras paraenses, como por exemplo, os tradutores Alfredo de Ataíde, Alfredo de Sarmiento, F. F. da Silva Vieira e editores como o Escriptorio da Empresa, a Typographia Lisbonense e João Romano Torres e C. Esses nomes não são significativamente conhecidos no campo literário, mas ajudaram a fazer da série Rocambole um sucesso no Oitocentos. Pode-se concluir que os romances tiveram poucas modificações em seus títulos ao serem traduzidos para a língua portuguesa, uma vez que, dos 12 títulos, apenas 4 sofreram modificações. Pode-se também afirmar que a série pode ser dividida em dois grandes blocos: no primeiro, Rocambole é um anti-herói que visa seus próprios interesses; todavia, no segundo bloco, Rocambole sofre uma mudança moral e se torna um herói. Os disfarces e reconhecimentos da personagem Rocambole são de fundamental importância para a narrativa, uma vez que é por meio deles que os dramas da série sempre se renovam e tornam a diegese mais interessante.

Desta feita, podemos afirmar que Rocambole foi a maior criação de Ponson du Terrail, uma personagem que, apesar de nunca contar, na narrativa, com monólogos interiores ou solilóquios, é tão profunda quanto o oceano. Ele consegue levar o leitor ao maior nível de desprezo por ele, em contrapartida, o leva também à maior adoração por seus atos. A série Rocambole oferece ao seu leitor drama, mistério, amor, surpresas, vinganças, raiva e alegria. É uma série tão antiga, porém atual, pois aborda temas que nunca saem de moda, como a inveja, a cobiça, a traição e o amor. Rocambole se desfaz e se refaz na série, sempre se tornando um personagem novo. Ele é único, mas como, se ele é vários? Sim, ele consegue abraçar essa dimensão e ser tudo isso: ser pouco e muito ao mesmo tempo, ser anti-herói e herói, ser Deus e o diabo, ser a vida e a morte, ser o problema e a solução. Ele é um pícaro,

um malandro, ele é a própria justiça para o mundo. Ele é bom, ele é mau. Muito ainda há o que ser dito sobre a personagem mais brilhante de Ponson du Terrail. Esta pesquisa não esgota todas as análises sobre esse ser que conquistou o público do Oitocentos, que recebeu vida em Paris e ganhou o mundo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

_____. *Os Caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril, 1981.

AUGUSTI, Valéria. *O Romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois amores*. Dissertação de mestrado. Campinas, Departamento de Teoria e História literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, 1998. Versão eletrônica. Disponível em: www.unicamp.br/bc.

_____. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado. Campinas, Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BRÈTHES, Jean-Pierre. *Le Roman-Feuilleton Français au XIXe Siècle*. Paris: Presses universitaires de France, 1989.

BRITO, Eugênio Leitão de. *História do Grêmio Literário e recreativo português*. Belém: Editora Santo Antonio, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Dialética da malandragem: Caracterização das “Memórias de um sargento de milícias*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. N. 8. Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89.

CARVALHO, Daniella Crepaldi. *Os mistérios da cidade moderna: a propósito de Os Mistérios de Nova York (1914) e seus congêneres brasileiros The mysteries of the modern city: thoughts on The Exploits of Elaine (1914) and its Brazilians congeners*. Significação, São Paulo, v 42, n° 43, p. 74-95, 2015.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. 2. ed. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. 205

_____. Do livro à leitura. As práticas urbanas do impresso. In: Roger Chartier. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Versão espanhola de Mauro Armíño. Madrid: Alianza, 1994.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DARNTON, Robert. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. Tradução Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê editorial, 2009.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco Narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LODGE, David. *A arte da ficção*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos técnicos*. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as Letras: História do capitalismo editorial*. Tradução de Katia Aily Franco de Camargo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

NUNES, Máira de Souza. *O Gênio do Bem e do Mal: Rocambole e as representações da sociedade francesa no II Império*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

PAES, Alessandra. *Das imagens de si ao mundo das edições: Paul de Kock, romancista popular*. 2013. 210 f. Dissertação de mestrado em Literatura. Instituto de Letras. Universidade Federal do Pará. Belém. 2013

REIS e LOPES, REIS, Carlos e Lopes, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

RICOEUR, P. *O percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

SAUSSURE. Ferdinand de. *Curso de linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte Imperial*. Tese de doutorado. São Paulo. Departamento de História da FFLCH, Universidade de São Paulo, 1999.

SILVA, Flávio Luiz Porto e. *Melodrama, Folhetim e telenovela: Anotações para um estudo comparativo*. FACOM - nº 15 - 2º semestre de 2005.

Fontes primárias:

TERRAIL, Ponson du. *A corda do enforcado*. Volume I. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1873.

_____. *A desforra de Baccarat*. 4 parte. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1981.

_____. *As misérias de Londres*. Volume VIII. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d.

_____. *A corda do enforcado*. Volume II. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1873

_____. *A Herança Misteriosa*. Volume I. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1870.

_____. *As demolições de Paris*. Volume único. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1872.

_____. *As misérias de Londres*. Volume I. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d.

_____. *As misérias de Londres*. Volume II. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d.

_____. *As misérias de Londres*. Volume III. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d.

_____. *As misérias de Londres*. Volume IV. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d..

_____. *As misérias de Londres*. Volume IX. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d

_____. *As misérias de Londres*. Volume V. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d.

_____. *As misérias de Londres*. Volume VI. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d.

_____. *As misérias de Londres*. Volume VII. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d.

_____. *As misérias de Londres*. Volume X. Lisboa: Escriptorio da Empresa, s.d.

_____. *As proezas de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871.

_____. *As proezas de Rocambole*. Volume II Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871.

_____. *As últimas proezas de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1870.

_____. *As últimas proezas de Rocambole*. Volume II. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871.

_____. *As ultimas proezas de Rocambole*. Volume III. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871.

_____. *A ressurreição de Rocambole*. Volume I. Lisboa: Guimarães C^a Editores, 1914.

_____. *La resurrection de Rocambole: L'Alberge maudite*. Paris: Dentu, 1867.

_____. *La resurrection de Rocambole: Le bague de Toulon*. Paris: Dentu, 1867.

_____. *La resurrection de Rocambole: Le bague de Toulon*. Paris: Dentu, 1867.

_____. *La resurrection de Rocambole: Saint-Lazare*. Paris: Dentu, 1867.

_____. *Les exploits de Rocambole*. Paris: Lib. de Potter, 1859.

_____. *Les exploits de Rocambole: la mort du sanvage*. Paris: Dentu, 1867.

_____. *Les exploits de Rocambole: La revanche de Baccarat*. Paris: Dentu, 1867.

_____. *Les exploits de Rocambole: Une fille d'Espagne*. Paris: Dentu, 1866.

_____. *Les Valets de coeur*. Paris: Libr. Michel Lèvy Frères, 1864.

_____. *O clube dos Valetes de Copas*. Volume III. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871.

_____. *O segredo de uma louca*. Volume único. Lisboa: João Romano Torres & C, s.d.

_____. *O testamento do grão de sal*. Volume I. Lisboa: Escritorio da Empresa, s.d.

_____. *O testamento do grão de sal*. Volume II. Lisboa: Escritorio da Empresa, s.d.

_____. *O testamento do grão de sal*. Volume III. Lisboa: Escritorio da Empresa, s.d.

_____. *O testamento do grão de sal*. Volume IV. Lisboa: Escritorio da Empresa, s.d.

_____. *O testamento do grão de sal*. Volume V. Lisboa: Escritorio da Empresa, s.d.

_____. *O testamento do grão de sal*. Volume VI. Lisboa: Escritorio da Empresa, s.d.

_____. *Rocambole en prison*. - [S.l.] : [s.n.], 1869.

_____. *Volta e fim de Rocambole*. Volume I. Lisboa: J.E da Cruz Coutinho-Editor, 1876.

_____. *Volta e fim de Rocambole*. Volume II. Lisboa: J.E da Cruz Coutinho-Editor, 1876.

_____. *Les misères de Londres. La cage aux oiseaux*. Paris: Dentu, 1868.

_____. *As proezas de Rocambole*. Volume III. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1871.

_____. *Drames de Paris: Chevaliers du clair de luna*. Paris: Manginot-Hellitasse, Libraire-Commissionnaire, s.d

_____. *La resurrection de racambole* - [S.l.] : [s.n.], 1866

_____. *La resurrection de Rocambole: L'Alberge maudite*. Paris: Dentu, 1867

_____. *La resurrection de Rocambole: Saint-Lazare*. Paris: Dentu, 1867

_____ .*La vérité sur Rocambole*. Paris: Dentu, 1867.

_____ .*La vérité sur Rocambole*. Paris: Hetzel, 1900.

_____ .*Le dernier mot de Rocambole: Le ravageurs*. Paris: Dentu, 1867.

_____ .*Le dernier mot de Rocambole: Les étrangleurs*. Paris: Dentu, 1867.

_____ .*Le dernier mot de Rocambole: Les étrangleurs*. Paris: Dentu, 1867.

_____ .*Le dernier mot de Rocambole: Les millions de la Bohémienne*. Paris: Dentu, 1867.

_____ .*Le dernier mot de Rocambole: Les millions de la Bohémienne*. Paris: Dentu, 1867.

_____ .*Le dernier mot de Rocambole*. 1. *Les Ravageurs* . 2. *Les millions de la bohémienne*. 3. *La belle jardinière*. 4. *Le retour de Rocambole*. 5. *La vérité sur Rocambole*. Paris: Charlieu Frères et Huillery, Libraires-Éditeurs, s.d.

_____ .*Le retour de Rocambole*. Paris: Victor Benoist et Cie, s.d.

_____ .*Les exploits de Rocambole: Une fille d'Espagne*. Paris: Dentu, 1867.

_____ .*Les exploits de Rocambole: Une fille d'Espagne*. Paris: Dentu, 1867.

_____ .*Les misères de Londres. La nourrisseuse d'enfants*. Paris: Dentu, 1868.

_____ .*Les Misères de Londres: L'enfant perdu*. Paris: Dentu, 1868.

_____ .*Les Misères de Londres: Les tribulations de Shoking*. Paris: Dentu, 1868.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TABELA DOS DADOS BIBLIOGRÁFICOS DAS EDIÇÕES DA SÉRIE ROCAMBOLE
DE PONSON DU TERRAIL NO ACERVO DA BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE
FRANCE.

TÍTULO	ANO DE EDIÇÃO	EDITORA	TIPOGRAFIA
Le club des Valets de coeur	1864	Libr. Michel Lèvy Frères	Lagny, impr. Varigault
Les exploits de Rocambole	1859	Lib. de Potter	Argenteuil, imprim. Worms et Ce
La resurrection de Rocambole: L'Alberge maudite	1867	Dentu	Não consta
La resurrection de Rocambole: Le bain de Toulon	1867	Dentu	Não consta
La resurrection de Rocambole: Saint-Lazare	1867	Dentu	Coulommiers, imp. Moussin
La verité sur Rocambole	1867	Dentu	Não consta
Le dernier mot de Rocambole: Les etrangleurs	1867	Dentu	Não consta

Le dernier mot de Rocambole: Les millions de la Bohémienne	1867	Dentu	Não consta
Les exploits de Rocambole: la mort du sauvage	1867	Dentu	Não consta
Les exploits de Rocambole: La revanche de Baccarat	1867	E. Dentu	Não consta
Les exploits de Rocambole: Une fille d'Espagne	1867	E. Dentu	Não consta
Les exploits de Rocambole: Une fille d'Espagne	1867	E. Dentu	Coulommiers, imp. Moussin
Le dernier mot de Rocambole: Les millions de la Bohémienne	1867	E. Dentu	Coulommiers, imp. Moussin
Le dernier mot de Rocambole: Le ravageurs	1867	E. Dentu	Coulommiers, imp. Moussin
La resurrection de Rocambole: Le bagne de Toulon	1867	E. Dentu	Coulommiers, imp. Moussin
Le dernier mot de Rocambole: Les etrangleurs	1867	E. Dentu	Coulommiers, imp. Moussin

La resurrection de Rocambole: L'Alberge maudite	1867	E. Dentu	Imp. Donnaud
La verité sur Rocambole	1900	Hetzel	Não consta

Tabela dos dados bibliográficos das edições da série Rocambole de Ponson du Terrail da Bibliothèque Nationale de France.

Fonte: <http://gallica.bnf.fr/>

APÊNDICE B

TABELA REFERENTE À ESTRUTURA DA SÉRIE ROCAMBOLE EM FOLHETIM E NAS EDIÇÕES DE E. DENTU

EDIÇÃO ORIGINAL EM FOLHETIM 1857-1870	E. DENTU 1866-70
<i>L'Héritage mystérieux</i> (La Patrie - 21 janvier au 4 octobre 1857 - 58 épisodes), dont le prologue: <i>Les Deux frères</i> .	E. DENTU (1866) <i>Les Drames de Paris</i> . 3 volumes: <i>L'Héritage mystérieux</i> , <i>Le Club des valets de coeur</i> , <i>Turquoise la pécheresse</i> .
<i>Le Club des valets de cœurs</i> (La Patrie - 30 janvier au 5 juin 1858 - 105 épisodes)	
<i>Les Exploits de Rocambole</i> (La Patrie - 29 octobre 1858 au 10 avril 1859 - 109 épisodes) Épilogue: <i>La Revanche de Baccarat</i> (La Patrie - 25 mai au 20 juillet 1859 - 36 épisodes)	E. DENTU (1866) <i>Les Exploits de Rocambole</i> . 3 volumes: <i>Une fille d'Espagne</i> , <i>La Mort du sauvage</i> , <i>La Revanche de Baccarat</i> .
<i>Les Chevaliers du Clair de Lune: Le Manuscrit de Domino et La Dernière Incarnation de Rocambole</i> (La Patrie - 17 avril au 7 octobre 1860 - 58 épisodes).	NÃO PUBLICOU <i>Les Chevaliers du Clair de Lune</i> .
<i>Le Testament de Grain-de-sel</i> , épilogue: <i>Le Château de Belle-Ombre</i> (La Patrie - 12 février au 21 juin 1862 - 74 épisodes).	NÃO PUBLICOU <i>Le Testament de Grain-de-sel</i> .
<i>La Résurrection de Rocambole</i> (Le Petit Journal - 31 octobre 1865 au 10 juin 1866 - 223 épisodes) Prologue: <i>Le Bagne de Toulon</i> , <i>Les Orphelines</i> , <i>Madeleine</i> , <i>Rédemption</i> . Épilogue: <i>La Vengeance de Wasilika</i> .	E. DENTU (1866) <i>La Résurrection de Rocambole</i> . 5 volumes: <i>Le Bagne de Toulon</i> , <i>Saint-Lazare</i> , <i>L'Auberge maudite</i> , <i>La Maison de fous</i> , <i>Le Souterrain</i> .

<p><i>Le Dernier mot de Rocambole</i> (La Petite Presse - 21 août 1866 au 8 août 1867 - 350 épisodes) composé de: <i>Les Ravageurs, Les Millions de la Bohémienne</i>. Prologue: <i>Le Club des crevés, La Belle Jardinière e Le Retour de Rocambole</i>. Épilogue: <i>Le Bûcher de la veuve, La Vérité sur Rocambole</i>.</p>	<p>E. DENTU (1866-67) <i>Le Dernier Mot de Rocambole</i>. 5 volumes: <i>Les Ravageurs, Les Étrangleurs, Les Millions de la Bohémienne, La Belle Jardinière e Un drame dans l'Inde</i>. E DENTU (1867) <i>La Vérité sur Rocambole</i>. 1 volume.</p>
<p><i>Les Misères de Londres</i> (La Petite Presse - 9 novembre 1867 au 2 juillet 1868 - 237 épisodes) composé de: <i>La Nourrisseuse d'enfants, L'Enfant perdu, Le Moulin sans eau</i>. Newgate: <i>Le Cimetière des suppliciés, Un drame dans le Southwark e L'Enfer de Miss Burton</i>.</p>	<p>E DENTU (1868) <i>Les Misères de Londres</i>. 4 volumes: <i>La Nourrisseuse d'enfants, L'Enfant perdu</i> (1ère partie: <i>L'Enfant perdu</i>, 2 partie: <i>Le Moulin sans eau</i>) <i>La Cage aux oiseaux</i> (Newgate: <i>Le Cimetière des suppliciés</i>) <i>Les Tribulations de Shoking</i> (1 partie: <i>Un drame dans le Southwark</i>, 2 partie: <i>Les Tribulations de Shoking</i>)</p>
<p><i>Les Démolitions de Paris</i> (La Petite Presse - 21 février au 12 juin 1869 - 122 épisodes) composé de: <i>Les Amours du Limousin, La Captivité du maître</i>.</p>	<p>E. DENTU (1869) <i>Rocambole en prison</i>. 2 volumes: <i>Les Amours du Limousin, Les Souterrains de Newgate</i>.</p>
<p><i>La Corde du pendu</i> (La Petite Presse - 29 mars au 18 juillet 1870 - 112 épisodes) composé de: <i>Le Fou de Bedlam e L'Homme en gris</i>.</p>	<p>E. DENTU (1870) <i>La Corde du pendu</i>. 2 volumes: <i>Le Fou de Bedlam e L'Homme gris</i>.</p>

Tabela referente à estrutura da série Rocambole na edição original e na edição de E. Dentu

Fonte: http://www.ebooksgratuits.com/html/rocambole_bibliographie.html

APÊNDICE C

TABELA DOS DADOS BIBLIOGRÁFICOS DAS EDIÇÕES DA SÉRIE ROCAMBOLE DE PONSON DU TERRAIL PERTENCENTES AO ACERVO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ

TÍTULOS		TRADUTOR	ANO DE EDIÇÃO	EDITORA
1	A herança misteriosa. I parte	Alfredo Ataíde	1870	Typographia Lisbonense
2	O club dos Valetes de Copas. III parte	F.F da Silva Vieira	1871	Typographia Lisbonense
3	As proezas de Rocambole. I parte	F.F da Silva Vieira	1871	Typographia Lisbonense
4	As proezas de Rocambole. II parte	F.F da Silva Vieira	1871	Typographia Lisbonense
5	As proezas de Rocambole. III parte	F.F da Silva Vieira	1872	Typographia Lisbonense
6	O segredo de uma louca. I parte: cavaleiros do luar. I parte	Não consta	S.d.	João Romano Torres & C
7	O segredo de uma louca. I parte: Os cavaleiros do luar. II parte	Não consta	S.d.	João Romano Torres & C
8	O segredo de uma louca II parte: O testamento do grão de sal	Não consta	S.d.	João Romano Torres & C

9	O testamento do grão de sal. I parte	Alfredo de Sarmiento	S.d	Escriptorio da Empresa
10	O testamento do grão de sal. II parte	Alfredo de Sarmiento	S.d	Escriptorio da Empresa
11	O testamento do grão de sal. IV parte	Alfredo de Sarmiento	S.d	Escriptorio da Empresa
12	O testamento do grão de sal. V parte	Alfredo de Sarmiento	S.d	Escriptorio da Empresa
13	O testamento do grão de sal. VI parte	Alfredo de Sarmiento	S.d	Escriptorio da Empresa
14	As últimas proezas de Rocambole. I parte	F.F da Silva Vieira	1870	Typographia Lisbonense
15	As últimas proezas de Rocambole. II parte	F.F da Silva Vieira	1871	Typographia Lisbonense
16	As últimas proezas de Rocambole. III parte	F.F da Silva Vieira	1871	Typographia Lisbonense
17	As misérias de Londres. I parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa
18	As misérias de Londres. II parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa

19	As misérias de Londres. III parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa
20	As misérias de Londres. IV parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa
21	As misérias de Londres. V parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa
22	As misérias de Londres. VI parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa
23	As misérias de Londres. VII parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa
24	As misérias de Londres. VIII parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa
25	As misérias de Londres. IX parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa
26	As misérias de Londres. X parte	Alfredo de Sarmiento	S.d.	Escriptorio da Empresa
27	As demolições de Paris. I parte	F.F da Silva Vieira	1872	Typographia Lisbonense
28	As demolições de Paris. II parte	F.F da Silva Vieira	1872	Typographia Lisbonense

29	A corda do Enforcado. I parte	Gualdino de Campos	1873	Typogaphia de Manoel José Pereira
30	Volta e fim de Rocambole. I parte. Obra de Constanti Gueròult	A. de Castro Neves	1876	J.E da Cruz Coutinho-Editor
31	Volta e fim de Rocambole. II parte. Obra de Constanti Gueròult	A. de Castro Neves	1876	J.E da Cruz Coutinho-Editor

Tabela dos dados bibliográficos das edições da série Rocambole de ponson du terrail do Grêmio Literário Português do Pará

Fonte: BORGES, Débora de Castro. Acervo do Grêmio Literário Português do Pará

APÊNDICE D

GRÁFICO RELATIVO AOS TRADUTORES E A PORCENTAGEM DE PARTICIPAÇÃO DE CADA TRADUTOR NAS EDIÇÕES DE PONSON DU TERRAIL PERTENCENTES AO ACERVO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ.

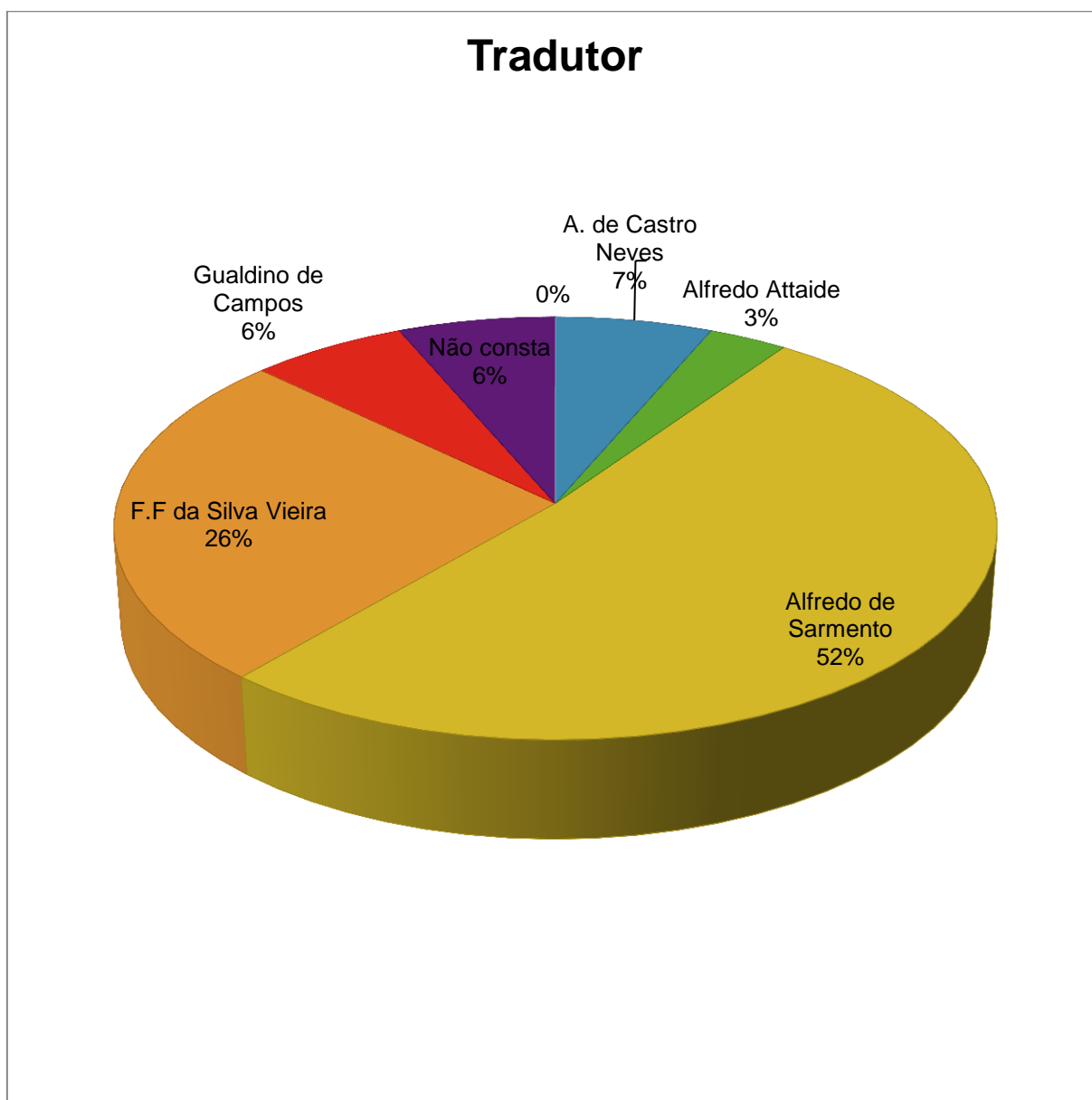


Gráfico relativo aos tradutores e a porcentagem de participação de cada tradutor nas edições de Ponson du Terrail pertencentes ao acervo do Grêmio Literário Português do Pará..

Fonte: BORGES, Débora de Castro. (2015)

APÊNDICE E

GRÁFICO RELATIVO ÀS TIPOGRAFIAS E A PORCENTAGEM DE PARTICIPAÇÃO DE CADA TIPOGRAFIA NAS EDIÇÕES DE PONSON DU TERRAIL PERTENCENTES AO ACERVO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ

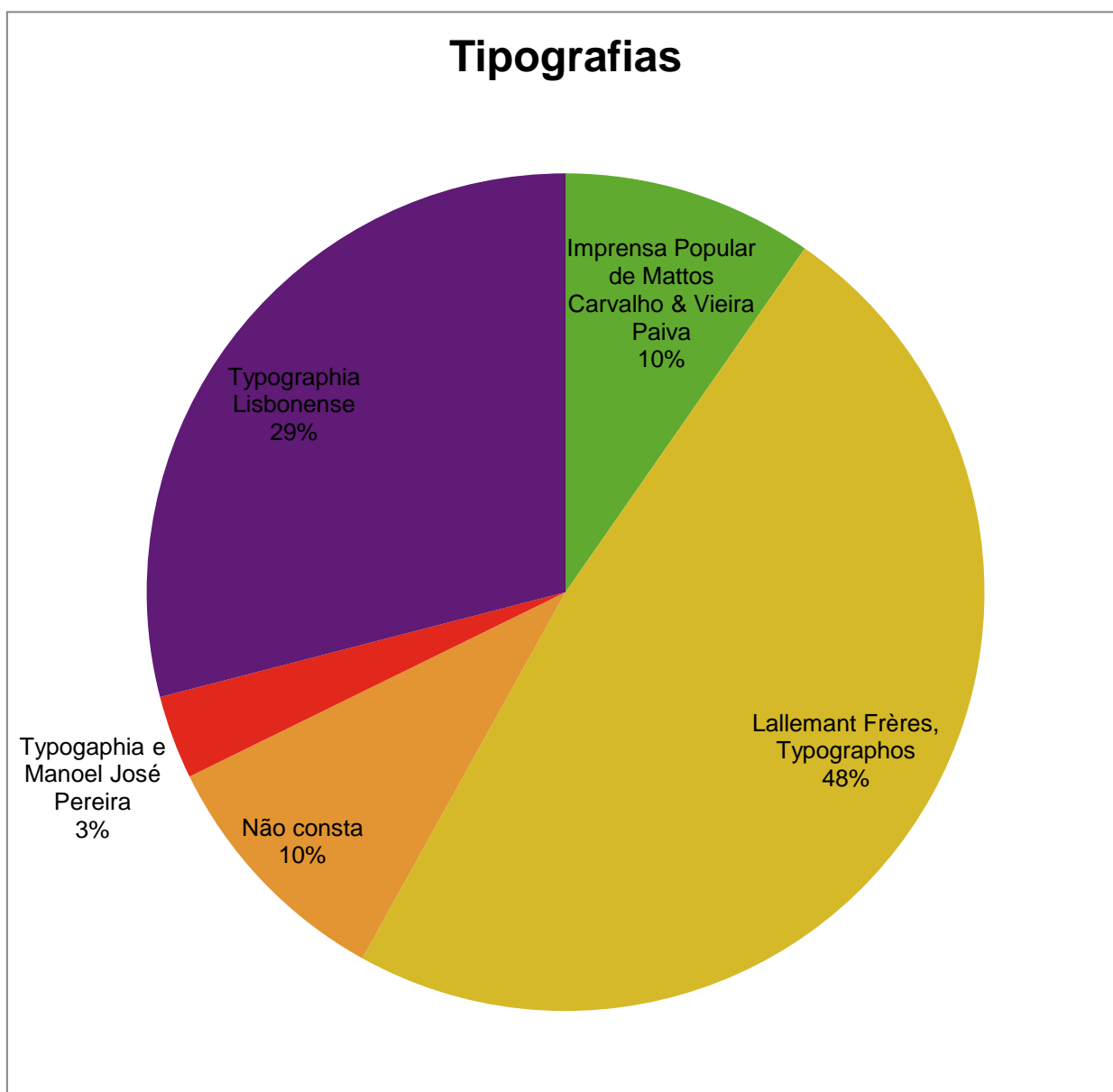


Gráfico relativo às tipografias e a porcentagem de participação de cada tipografia nas edições de Ponson du Terrail pertencentes ao acervo do Grêmio Literário Português do Pará..

Fonte: BORGES, Débora de Castro. (2015)

APÊNDICE F

GRAFICO RELATIVO AOS EDITORES E A PORCENTAGEM DE PARTICIPAÇÃO DE CADA EDITOR NAS EDIÇÕES DE PONSON DU TERRAIL NO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ

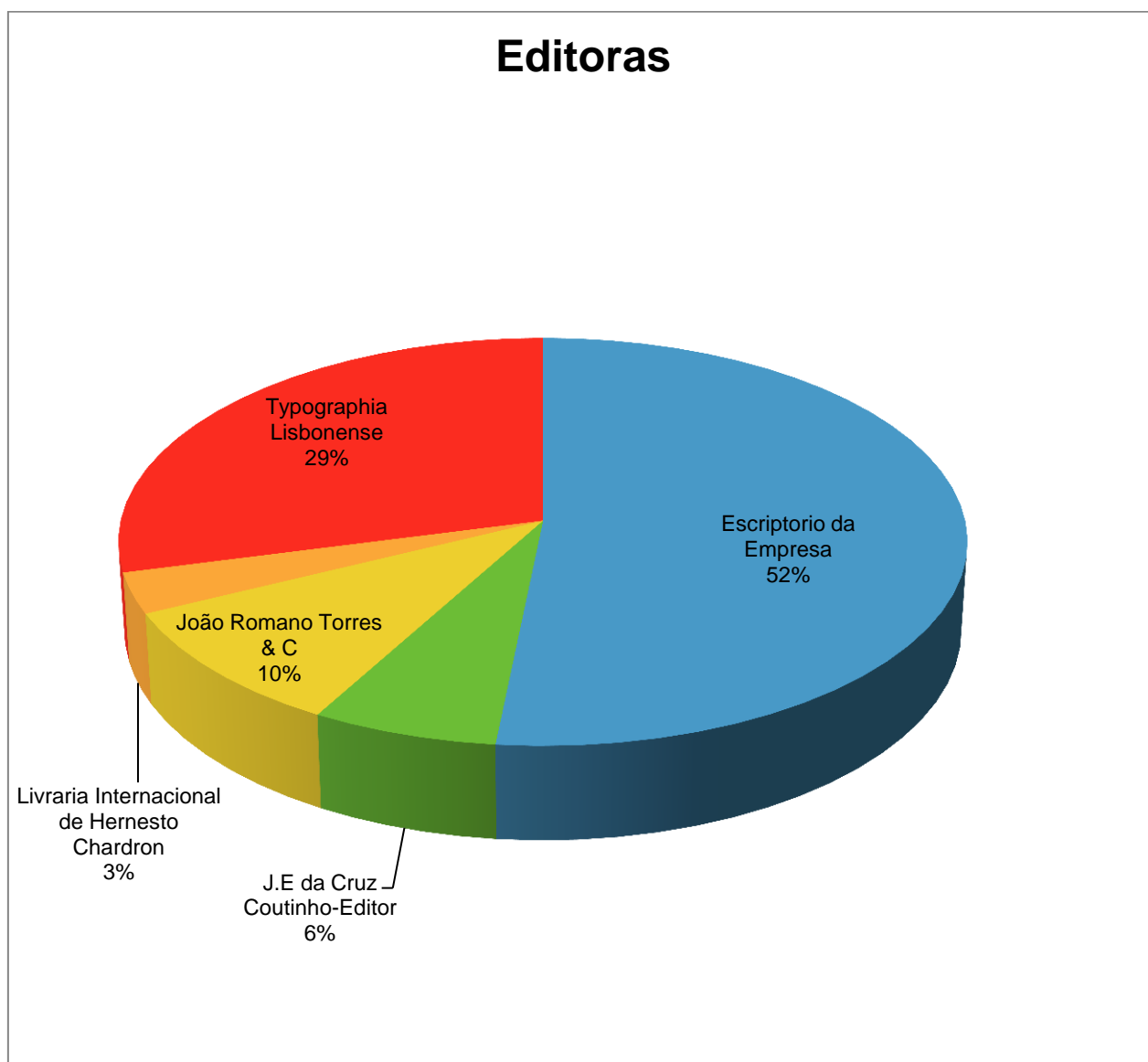


Gráfico relativos aos editores e a porcentagem de participação de cada editor nas edições de Ponson du Terrail no Grêmio Literário Português do Pará.

Fonte: BORGES, Débora de Castro. (2015)

APÊNDICE G

GRÁFICO RELATIVO AOS TÍTULOS DOS ROMANCES E À PORCENTAGEM DE PARTICIPAÇÃO DE CADA TÍTULO NAS EDIÇÕES DE PONSON DU TERRAIL PERTENCENTES AO ACERVO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ.

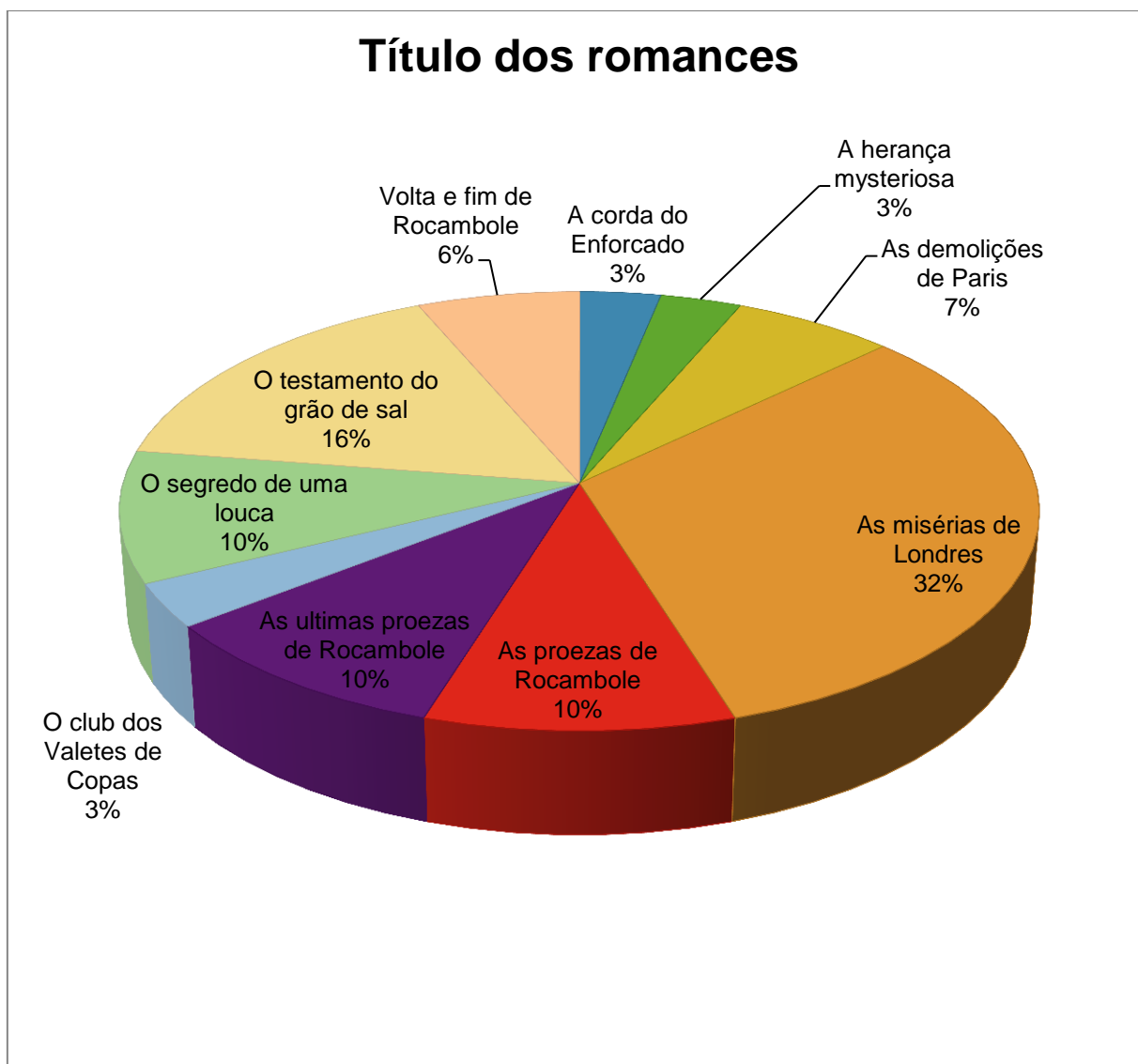


Gráfico relativo aos títulos dos romances e a porcentagem de participação de cada título nas edições de Ponson du Terrail pertencentes ao acervo Grêmio Literário Português do Pará.

Fonte: BORGES, Débora de Castro. (2015)

APÊNDICE H

GRÁFICO RELATIVO À CIDADE ONDE OS ROMANCES FORAM PUBLICADOS E À PORCENTAGEM DE PARTICIPAÇÃO DE CADA CIDADE NAS EDIÇÕES DE PONSON DU TERRAIL PERTENCENTES AO ACERVO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ.

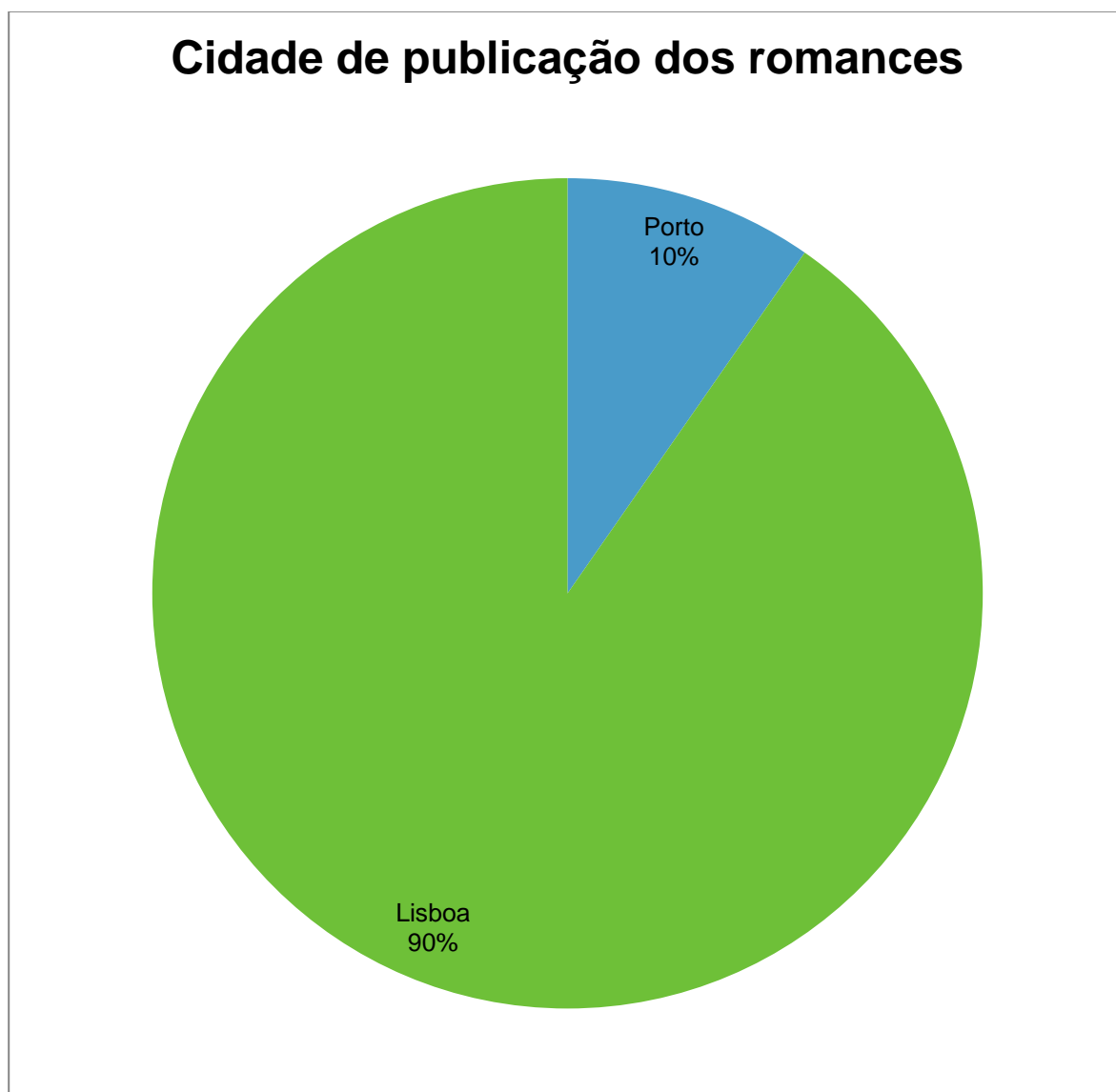


Gráfico relativo às cidades onde os romances foram publicados e a porcentagem de participação de cada cidade nas edições de Ponson du Terrail pertencentes ao acervo do Grêmio Literário Português do Pará.

Fonte: BORGES, Débora de Castro. (2015)

APÊNDICE I

GRÁFICO RELATIVO ÀS DATAS DE PUBLICAÇÃO DAS EDIÇÕES DE PONSON DU TERRAIL PERTENCENTES AO ACERVO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ.

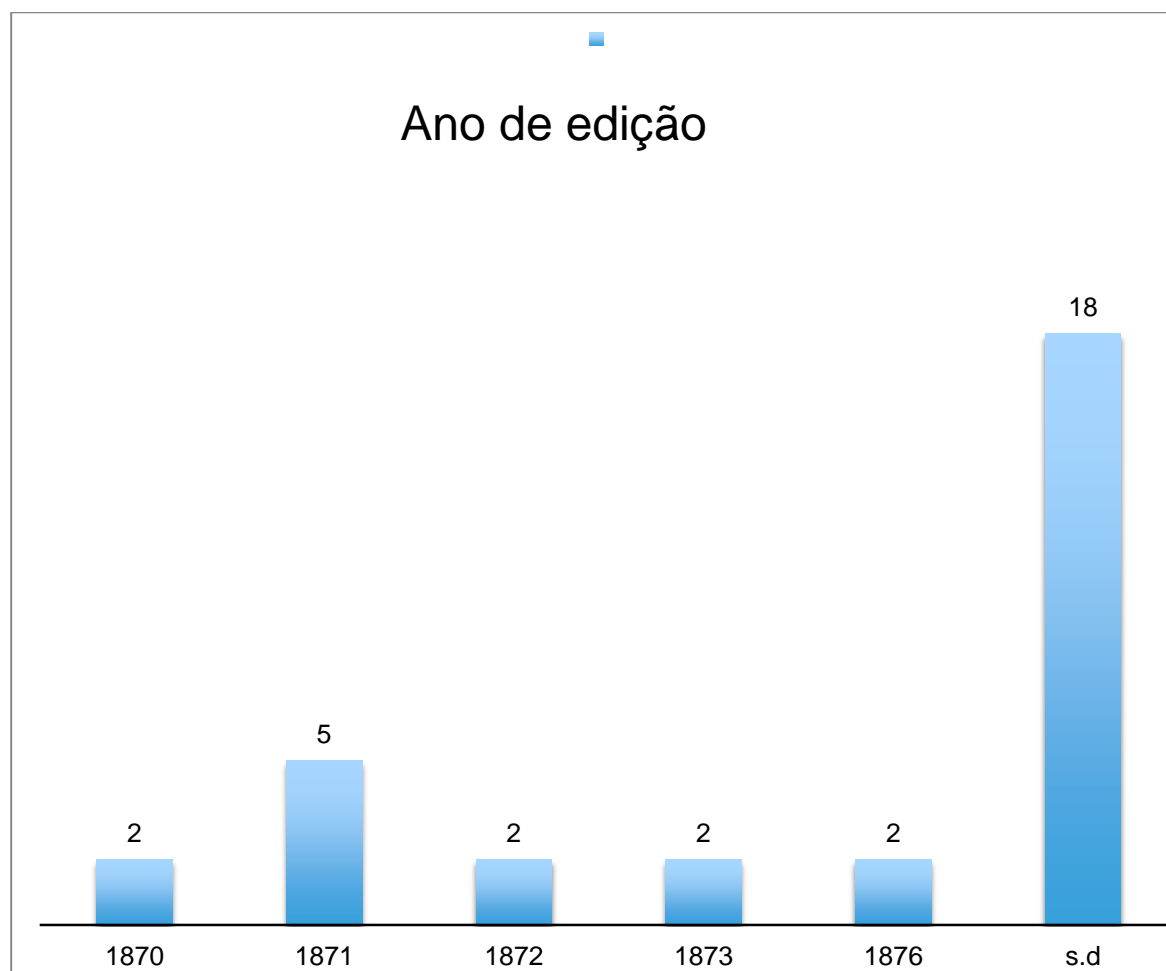


Gráfico relativo às datas de publicação das edições de Ponson du Terrail pertencentes ao Grêmio Literário Português do Pará.

Fonte: BORGES, Débora de Castro. (2015)